





le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



THEATRO
DO DOUTOR
JOAQUIM MANOEL
DE MACEDO

LUSBELLA — O PHANTASMA BRANCO
O NOVO OTHELO

TOMO TERCEIRO

RIO DE JANEIRO
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
71, RUA DO OUVIDOR, 71

Ficção reservados todos os direitos de propriedade.



BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

CAMARA (Ruy da) — Viagens em Marrocos, com illustrações, 1 v. in-4º, enc. 5\$000, br. (cb.)	4\$000
CANTORA BRAZILEIRA (A.). — Nova collecção de poesias tanto amorosas como sentimentaes, precedidas de algumas reflexões sobre a musica no Brazil. É composta dos volumes seguintes : Modinhas brazileiras, 1 v. in-12, enc. 1\$600, br. Recitativos, 1 v. in-12, enc. 1\$600, br. Hymnos, Canções e Lundús, 1 v. in-12, enc. 1\$600, br.	1\$000 1\$000 1\$000
GABORIAU (E.). — Desmoronamento, 4 vol. in-8º, enc. 12\$, br	10\$000
— Lourenço de Mendonça, 1 vol. enc. 3\$, br.	2\$500
— Processo Lerouge, 1 vol. enc. 4\$, br.	3\$000
DIAS (G.). — Obras posthumas, precedidas de nma noticia da sna vida e obras pelo Dr Antonio Henriques Leal. 6 vol. in-4º, enc. 16\$000, br.	10\$000
MACEDO (J. M. de). — Os quatro Pontos Cardeaes. A Mysteriosa. Romances, 1 gr. vol. in-8º, encad. 3\$, br.	2\$500
— As Victimias Algozes, quadros da escravidão, 2 vol. br. 5\$, enc.	7\$000
— Vicentina, 3ª edição, 3 vol. br. 5\$, enc.	7\$000
— O Forasteiro, romance brazileiro, 2ª edição, 3 vol. in-8º, enc. 7\$, br.	5\$000
— A Nebulosa, 1 vol. enc.	3\$500
— Theatro completo, 3 vol. enc. 9\$, encadernação dourada.	12\$000
— Cincinnati quebra-louça, comedia 1 vol. in-8º br.	2\$000
— Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria, comedias, 1 vol. in-8º, br.	2\$000
— Lusbella, comedia 1 vol. in-8º, br.	1\$500
— Fantasma branco, comedia 1 vol. in-8º, br.	1\$500
— Novo Othello, comedia, 1 vol. in-8º, br.	8\$00
— O Primo da California, comedia, 1 vol. in-8º, br.	1\$000
NORBERTO de S. e S. (J.). — Brazileiras celebres, 1 vol. in-8º enc.	2\$000
— Flôres entre espinhos, contos poeticos, 1 vol. in-8º enc.	2\$000
LEAL (Dr. Antonio Henriques). — Pantheon Maranhense, ensaios biographicos dos maranhenses illustres já fallecidos, 4 vol. in-4º enc. 18\$000, br.	12\$000
MAGALHAES (Dr. J. Gonçalves de). — Obras completas, 9 vol. in-4º nitidamente impressos e bem encadernados. Rica encadernação	55\$000 73\$000

Cada volume separadamente :

A alma e o cerebro, 1 vol.	7\$000
Poesias avulsas, 1 vol.	6\$000
Suspiros Poeticos e Saudades, 6ª edição, 1 vol.	6\$000
Tragedias : Antonio José, Ogiate, Othello, 1 vol.	6\$000
Urania. Collecção de 100 poesias, 1 vol.	6\$000

THEATRO DE MACEDO

TOMO TERCEIRO



**Reservados os direitos do auctor que protesta contra a reimpressão ou
representação d'estes dramas e comedias em qualquer ponto do Brasil
sem prévia licença sua.**

THEATRO

DO DOUTOR

JOAQUIM MANOEL

DE MACEDO

TOMO TERCEIRO

LUSBELLA — O FANTASMA BRANCO

O NOVO OTHELO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

**71-73, RUA DO OUVIDOR
RIO DE JANEIRO**

**6, RUE DES SAINTS-PÈRES
PARIS**

LUSBELA

DRAMA

EM UM PROLOGO E QUATRO ACTOS

24 de setembro de 1862

PERSONAGENS

PEDRO NUNES.
GRACIANO.
LEONEL DA SILVA.
LEONCIO DE ALMEIDA.
CEZAR.
AMADOR.
LEÃO.
JULIO.
UM MEDICO.
AUCTORIDADE POLICIAL.
DAMIANA.
CHRISTINA.
LEONOR.
BEATRIZ.
LAURA.
CLAUDINA.
FLORISBELLA.
A BARONEZA.
A Noiva, que não falla.
UM PAGEM, que não falla.
SENHORAS e CAVALHEIROS.
SOLDADOS DE POLICIA.

A acção do drama é passado na cidade do Rio de Janeiro.
Epocha, a actualidade.

LUSBELA

PROLOGO

O theatro representa um espaçoso jardim que parece prolongar-se para o lado direito além da scena. Ao fundo uma alameda, rua principal que se alinha em direcção d'uma casa de campo que aliás não se vê. Ruas, arvores isoladas e em grupos; um re-puxo; bancos rusticos e de relva. Na frente e á esquerda uma casa terrea que se estende para dentro, e cuja sala é aberta aos olbos do expectador, e deita uma porta e janellas para a direita. Vem-se instrumentos de jardineiro junto á parede da casa.

SCENA PRIMEIRA

DAMIANA, sentada em um banco rustico, lê com afflicção uma carta, GRACIANO vem da direita pela alameda e aproxima-se de manso.

DAMIANA.

Seduzida!... seduzida e indignamente desprezada!...
e ainda ousa escrever-me, ajuntando o escarneo á trai-

ção !... é a minha sentença de morte. (Lé.) « Damiana, perdão... » como se pudesse haver perdão para o homem que nos deshonra. « Não posso resistir á vontade de minha mãe : vou casar-me com uma nobre e rica senhora... » uma nobre e rica senhora... abysme-se pois na ignominia a pobre e humilde filha do jardineiro... « Os laços que nos uniam estão quebrados... » sim..... elle, porém, não sentiu que para quebrar esses laços era preciso despedaçar-me o coração... « Eu tratarei no entanto de proteger-te : esquece-me ; adeus. Leoncio de Almeida. » Esquecel-o !... quando me deixa n'alma o desespero do amor ultrajado, e o remorso pela innocencia perdida... em paga da paixão mais extremosa condemna-me ao opprobrio... e não receia que eu vá lançar-lhe em rosto a sua ingratição e o seu crime, porque sabe que eu devo chorar em segredo a minha desgraça e o meu arrependimento. (Chora.)

GRACIANO.

Nunca falta um consolador a uma alma afflicta.

DAMIANA.

Ah ! (Levanta-se, afasta-se e esconde a carta no seio.)

GRACIANO.

Incommoda-se inutilmente para esconder-me esse bilhete que recebeu do sur. Leoncio de Almeida. Não o ponha em contacto com o seu mimoso seio, minha snra. ; olhe que é um bilhete mais frio do que o gelo, e como o seu coração é de fogo poderia constipar-se.

LUSBELA

DAMIANA.

Snr. Graciano, já muitas vezes lhe tenho pedido o favor de não me importunar.

GRACIANO.

Até hontem, minha snra., teria esse pedido algum fundamento ; hoje, porém, as circumstancias são outras e a adversidade nos approxima e nos fraternisa. Recebemos ambos uma despedida, eu de viva voz, e a snra. por escripto. Cheguei ha pouco para dar a minha lição de piano ao meu discipulo; mas o snr. Leoncio de Almeida, annunciando-me o seu proximo casamento, e prevenindo-me de que estava á espera da familia da sua noiva e de alguns amigos, declarou-me que d'ora avante dispensava os meus serviços, e consolou-me, dizendo que recommendaria o meu prestimo aos seus conhecidos. Adivinhei logo, minha snra., que uma outra despedida deveria ter-se effectuado, e não me enganei, pois que vim encontral-a derramando lagrimas sobre aquelle bilhete que escondeu no seio ; e como supponho que o snr. Leoncio de Almeida não se lembrou de consolal-a, promettendo recommendal-a aos seus conhecidos, aproveito o ensejo para apresentar-me. O inquilino do seu coração, minha snra., despediu-se, preferindo ir habitar um rico palacio, a viver idyllicamente em uma choupaua, e eu venho, cheio de amor e de esperança, pedir para mim o doce asylo que ficou vago.

DAMIANA.

Sabe demais quaes são os meus sentimentos a seu res-

peito : fique tambem sabendo que desprezo as suas zombarias.

GRACIANO.

Não deve ser assim tão positiva, minha snra. ; o amor é um sentimento que rebenta de repente e ás vezes contra a nossa vontade. Eu aposto que dentro em pouco a snra. vae reconhecer que me adora.

DAMIANA.

Senhor !

GRACIANO.

Por quem é! a confissão de um amor irresistivel não offende nunca á mulher que o inspira.

DAMIANA

Pela ultima vez lh'a repito : desde a primeira hora experimentei, ao vêl-o, uma tão profunda antipathia que apenas posso tolerar a sua presença ; disse-me o coração e diz-me ainda que o snr. é um homem capaz de fazer mal. Deus permitta que eu me engane ! mas presinto que o snr. ainda me ha de ser fatal ! deixe-me... julgue de mim o que quizer... calumnie-me, atassalhe a minha reputação, si isso lhe fôr agradavel ; deixe-me, porém, deixe-me !

GRACIANO.

Deixal-a, minha snra., é o unico dos seus desejos que não posso satisfazer. Apesar da sua crueldade, amo-a cada vez mais, e apenas modifiquei um pouco a minha maneira de amar ; porque d'antes o meu amor era timido

e agora é exigente; d'antes eu lhe offerecia a minha mão e o meu nome, e agora offereço-lhe simplesmente a minha protecção.

DAMIANA.

É um insulto, senhor!

GRACIANO.

Não é insulto, é franqueza. Amo-a, e a sura. ha de corresponder ao meu amor.

DAMIANA.

Nunca.

GRACIANO.

Vêl-o-hemos. Quero no emtanto mostrar-me transparente aos seus olhos. Fui um rapaz sem juizo; tive alguns bens da fortuna, e dissipei-os loucamente. Rico de amigos e de amantes emquanto era rico de ouro, achei-me abandonado e só, apenas confessei que estava pobre; e desde então tenho sido tão ludibriado pelos homens e pela sociedade, que para regenerar-me determinei desprezar o juizo dos homens, e escarnecer da moral da sociedade. Dois unicos pensamentos dirigem hoje minhas acções; gozar para ser feliz, e enriquecer para ser grande: e dou-lhe minha palavra que para enriquecer e gozar não ha meio algum de que eu não esteja prompto a servir-me.

DAMIANA.

E ainda bem que o snr. justifica a minha antipathia, e me auctorisa a exigir que se retire immediatamente.

GRACIANO.

Mais dois minutos, minha snra. Sabe que a amo, e por consequencia é claro que desejo merecer todo, completamente todo o seu amor para satisfação de um dos meus pensamentos dominantes ; e como não ha meio de que eu não esteja prompto a servir-me, ousou declarar-lhe, minha snra., que si a antipathia com que me repelle, não se transformar desde agora em uma terna e apaixonada condescendencia, terei de contar hoje mesmo a seu pae uma historia curiosa e romanesca.

DAMIANA.

Uma historia... a meu pae?... Que inventaria o snr. para dizer a meu pae?...

GRACIANO.

Inventa-se tanta cousa ! por exemplo : eu inventaria que certo mancebo, amando ardentemente a Damiana, filha do pobre jardineiro Pedro Nunes, e sendo por ella desprezado, soube que essa moça era amante de Leoncio de Almeida, nobre cavalheiro, filho de uma rica baroneza, e impellido pelo ciume, veiu perder noites inteiras, velando occulto n'aquelle grupo de arvores.

DAMIANA.

Oh !... é impossivel!...

GRACIANO.

E surprehendendo os segredos de uma janella que se abria á meia-noite, ficou sabendo mais do que era preciso para confundir a mulher que o despezára.

DAMIANA, escondendo o rosto entre as mãos.

Desgraçada!...

GRACIANO.

Calcula o valor da historia que inventei?... Vale tanto como o amor que lhe peço, creio eu : quer compral-a, minha snra. ?...

DAMIANA.

Antes mil vezes a morte!

GRACIANO.

Esta noite abrir-se-ha á hora do costume a janella que se abria para Leoncio de Almeida...

DAMIANA.

Não... jámais!

GRACIANO.

Seu pae chega... resiste?...

DAMIANA.

Sempre.

GRACIANO

Juro-lhe que hei de fallar.

DAMIANA.

Deus nos julgará.

SCNEA II

OS PRECEDENTES e PEDRO NUNES, que volta de trabalho.

PEDRO.

Snr. Graciano ! (Cumprimentam-se. — A Damiana.) Como está minha mãe ?...

DAMIANA.

O doutor achou-a muito melhor; ella animou-se, veio á sala, onde se demorou por meia hora, e voltando depois para o seu quarto, adormeceu tranquillamente.

PEDRO.

Ainda bem. (Vai até a porta como para observar e diz consigo.) Os seus olhos vermelhos e a tristura do seu rosto annunciam afflicção e dôr... é desde hontem que Damiana se mostra assim. (Voltando e sentando-se no banco.) Ah!... estou cahindo de cansado!... (Silencio.) Snr. Graciano, ainda tem mãe?...

GRACIANO.

— Infelizmente não.

PEDRO.

Infelizmente... diz bem. Graças a Deus, a minha querida velha, apesar dos seus oitenta e tres annos, triumphou de um ataque cerebral, e é pelo céu conservada ainda para ventura de seu filho e de suas duas netas. A minha boa mãe! tão religiosa, tão nobre, tão rica de virtudes! é uma santa mulher, snr. Graciano : um pouco aus-

téra, é certo; mas a sua austeridade aproveitar ás minhas filhas... (Olha attento para Damiana.) Também um pouco orgulhosa da sua familia e do seu passado; o seu orgulho, porém, a faz sorrir, quando ella olha para o meu saço e a minha tesoura de jardineiro : pobre mãe! (A Damiana.) Continúa ainda muito fraca?...

DAMIANA.

Não, meu pae; mas o doutor insiste em dizer que é indispensavel o maior cuidado...

PEDRO,

Entendo. Elle julga que qualquer descuido, (olhando para Damiana) que qualquer desgosto... Oh!... se alguém tivesse a desgraça de dar motivo á morte de minha mãe!... (Observando que Damiana estremece.) Ella estremeceu, meu Deus!...

GRACIANO.

Que idéas são essas, snr. Pedro Nunes?... não vê que sua mãe escapou como por milagre do céu a uma tão perigosa enfermidade?...

PEDRO.

Tem razão : sou um louco. (Observando Damiana.) Mas... não sei porque, sinto-me triste; parece que o coração me presagia algum acontecimento funesto.

DAMIANA, á parte.

Aquelle homem n^o fallará; é impossivel.

GRACIANO.

Tristes andamos sempre todos nós os pobres, snr.

Pedro Nunes ; é a nossa condição ; não póde haver alegria na pobreza.

PEDRO.

Póde e ha, snr. Graciano ; póde e ha, quando o pobre é honesto e laborioso : eu sou pobre desde muitos annos, e quasi sempre tenho vivido contente.

GRACIANO.

Não me acontece outro tanto. E o que observo é que uma linha fatal separa os homens em duas classes : em pobres e ricos ; em ricos que absorvem todos os gozos, todos os direitos, e que abuzam, corrompem e opprimem, e em pobres que soffrem, queixando-se debalde, que de-zéjam e não têm ; que trabalham e não colhem, e que são ultrajados impunemente em suas affeições e na sua honra. Eu aborreço os ricos.

PEDRO.

Perdôe-me dizer-lhe : nutre um sentimento ruim que sómente póde ser inspirado pela inveja. Os homens ricos que são máos são máos por serem máos, e não por serem ricos. Ah ! quantos ricos são na terra as providencias dos pobres !... Quer um exemplo aqui mesmo ?... olhe para aquella casa de uma familia de ricos ; (Aponta para a direita.) e olhe para este asylo de uma familia de pobres. (Aponta.)

GRACIANO.

E o sr. Pedro Nunes acredita devéras que deve muito á familia da snra. baroneza ?...

PEDRO.

Ha vinte e cinco annos que ganho aqui o pão para minha mãe e minhas filhas.

GRACIANO.

Vinte e cinco annos! um acto de beneficencia, cujo principio pertence á historia antiga! Snr. Pedro Nunes, os tempos são outros agora : a humanidade tem degenerado espantosamente ; os filhos deshonram os nomes dos paes, e de ordinario encontra-se no filho da familia protectora o seductor da filha da familia protegida.

PEDRO, levantando-se e com ardor.

Quer dizer portanto...

GRACIANO.

Que estou nos meus principios.

PEDRO, observando Damiana.

Mas eu me tinha referido á familia da snra. baroneza e á minha.

GRACIANO.

E eu lhe respondi, fallando em geral.

PEDRO, dissimulado.

Muito bem... continue.

GRACIANO.

Se as minhas idéas o incommodam e contrariam...

PEDRO.

Não... não : eu me sentia triste... o snr. me está distrahindo... continue.

GRACIANO.

Digo e sustento que muitas vezes a caridade do rico é o manto da perfidia com que elle se disfarça para armar uma horrivel traição ao pobre. Supponhamos um pobre, a quem o céo concedera uma filha bella e encantadora : ahi vem logo um rico e nobre mancebo cercar de cuidados e de protecção o pae da joven formosa ; eil-o com olhos cubiçosos devorando o rosto da moça inexperiente, respeitoso na presença do pae, terno e ousado a sós com ella, jurando-lhe o amor mais vehemente, promettendo-lhe ser seu marido, pedindo com instancia, e conseguindo, emfim, uma entrevista mysteriosa, e em resultado d'esta concessão imprudente, manchando para sempre em uma hora sinistra o seio virginal da infeliz moça : o seductor triumphá... chorá a victima debalde... debalde porque seu pae é um pobre, e o pobre nada póde contra o rico.

PEDRO, com força.

Não! porque em tal caso o pae offendido, seja pobre ou rico, levanta-se até á altura da sua honra e da affronta que recebeu, esquece as leis de Deus e as leis dos homens, e, no impeto da mais tremenda vingança, contundindo o seductor e a seduzida...

DAMIANA, dando um passo.

Meu pae!...

PEDRO.

Que te importa o que estou dizendo?... Ah! sim... tu te revoltas contra uma indignidade que não comprehen-

des que seja possível observar-se no mundo; tu pensas, como eu, que não pôde haver uma filha que, deshonrando-se, e deshonrando seu pae, o agarre com as mãos impuras pelos seus cabellos brancos, e o arraste para uma sepultura cavada pela ignominia... obrigado, minha filha, obrigado!...

DAMIANA, a Graciano.

Perdão... até amanhã ao menos... eu lh'o-peço...

PEDRO, que se tem afastado alguns passos, volta.

Interrompi-o rudemente; desculpe-me : bem vê que sou pobre e sou pae. Continue.

GRACIANO.

Não me interrompeu ; eu já tinha concluído.

PEDRO.

Fallava com tanta viveza, que cheguei a pensar que não era uma simples supposição que estabelecia.

GRACIANO.

Confesso que não foi precisamente uma supposição : narrei-lhe a desgraça de um amigo meu.

PEDRO.

Então... vamos adeante... o caso interessa-me...

GRACIANO.

Ainda não sei qual foi a consequencia de um infortunio tão grande; vou, porém, informar-me, e prometto que voltarei amanhã para contar-lhe o que houver aconte-

cido (A Damiana.) Até amanhã, minha snra.! snr. Pedro Nunes...

PEDRO.

Até amanhã! (Acompanha Graciano que se retira, e depois de vê-lo desaparecer, volta.)

DAMIANA.

Estou perdida! meu pae suspeita já do meu crime... vejo um abysmo aberto debaixo de meus pés... não tenho mais recurso na terra. e fujo tremendo do olhar ameaçador do meu pae. (Entra na casa, atravessa a sala, e sáe pela esquerda.)

SCENA III

PEDRO NUNES, que ao voltar vê DAMIANA entrar em casa.

PEDRO.

Ella me foge agora... ella estremece a cada instante inda ha pouco... a simples suspeita que desde hontem me dilacera o coração, vae-se tornando em uma certeza que será o inferno para a minh'alma!... Esta idéa me mata... mas se fosse possivel que Damiana não tivesse descido até o ultimo gráo de aviltamento!... Meu Deus! se fosse possivel! se a sua afflicção annunciasse apenas o desengano de um amor infeliz!... Meu Deus! se este pobre pae ainda pudesse abraçar a sua filha querida... se aquelle homem não contou a historia do crime de minha filha, ou, se ousando contal-a, o miseravel men-

tiu! meu Deus!... mas eu não posso viver assim... não posso... é indispensavel que eu saiba toda a verdade... e hei de saber-a, ainda que a verdade seja a vergonha e o opprobrio. (Entra em casa, fecha a porta, dirige-se para o quarto de Damiana; mas pára de repente.) E minha mãe!... (Vae á porta do quarto de Leonor e observa.) Ella dorme profundamente : ainda bem. (Entra no quarto de Damiana.)

SCENA IV

PEDRO NUNES, trazendo pelo braço a DAMIANA.

PEDRO.

Que fazias tu de joelhos?...

DAMIANA, hesitando.

Orava a Deus pela saúde de minha avó.

PEDRO.

Acabas de mentir a Deus e a teu pae : não oravas pelo restabelecimento de minha mãe; estavas pedindo a Deus o perdão de um crime abominavel que perpetraste. De joelhos!... de joelhos, outra vez! e agora a meus pés!...

DAMIANA, cahindo de joelhos.

Meu pae!...

PEDRO, voltando os olhos.

Desgraçada! falla baixo... minha mãe está dormindo, e se accordasse e ouvisse o que vás dizer-me... morreria de certo, e eu teria de matar-te.

DAMIANA, grito abafado e doloroso.

Ah!

PEDRO.

Eu quero saber tudo... tudo... Oh! não te lembres de esconder-me a verdade, porque eu lerei a verdade ou a mentira no teu rosto. Quero saber tudo, ouviste?... responde-me, pois... mas falla baixo... (Voltando os olhos.) Leoncio de Almeida, abusando da minha confiança, procurou ganhar o teu amor..... (Procurando conter-se, mas tremendo.)

DAMIANA.

Meu pae...

PEDRO.

Confessa...

DAMIANA.

É verdade...

PEDRO.

E tu... orgulhosa de tão alta conquista, animando logo...

DAMIANA

Recusei-me por muito tempo a ouvil-o, mas adoecendo minha avó... elle foi assiduo junto do seu leito... e achando occasiões de ficar a sós comigo...

PEDRO.

Acaba...

DAMIANA.

Jurou-me que, se eu o amasse, me pediria em casamento...

PEDRO.

E tu?...

DAMIANA.

Resisti ainda... mas acabei por acreditar...

PEDRO.

Insensata!... pensar que um mancebo nobre, rico e vaidoso... Mas depois... depois?...

DAMIANA.

Senhor...

PEDRO.

Prosegue...

DAMIANA.

Mais tarde... elle pediu-me uma entrevista... á meia-noite... Recusei-me ao seu pedido... apesar disso veio e annunciou a sua chegada, cantando junto da nossa porta... tremi de susto... tive medo de que meu pae despertasse... eu já o amava... e fui fallar-lhe da janella...

PEDRO.

Á meia-noite... uma filha desnaturada abriu uma janella para atirar á rua o nome, a honra, e o coração de seu pae que tranquillo dormia!... (Suffocado em pranto.) Desgraçada! tu abriste a sepultura de teu pae!

DAMIANA.

Não me amaldiçõe, pelo amor de Deus!...

PEDRO, colérico de novo.

Não acabaste ainda : prosegue!

DAMIANA,

Perdão!... é impossível!...

PEDRO, terrível

Miserável!...

DAMIANA.

Perdão!... piedade!...

LEONOR, dentro.

Damiana!

PEDRO, levantando Damiana e cuidadosa.

Silêncio! nem um gemido... nem uma lagrima...
dôr mataria minha mãe!...

DAMIANA, em pranto.

Meu pae...

PEDRO, afflicto e impaciente.

Estanca essas lagrimas... ri, desgraçada! ri! não vês
que eu tenho o inferno no coração e o socego no rosto?...
ri! não vês que estou rindo?...

SCENA V

PEDRO NUNES, DAMIANA e LEONOR

LEONOR, da porta do quarto.

Que gritos foram estes?...

PEDRO, indo a Leonor e beijando-lhe a mão.

Nada foi, minha mãe; estou aqui; nada aconteceu; minha mãe vai sempre melhor, não é?...

LEONOR.

Eu ouvi Damiana gritar...

PEDRO.

Sim... é verdade... mas fui eu que entrei de repente, e assustei-a sem querer...

LEONOR.

Damiana, vem cá. (Damiana obedece.) Pedro, Damiana chorou...

PEDRO.

É uma louca... assustou-se a ponto de quasi desmaiar.

LEONOR.

És um desastrado! (Afagando Damiana.) Eu não quero que faças derramar uma só lagrima a este anjo de amor e de pureza. Se soubesses como ella me tratou na minha doença!...

PEDRO.

Eu sei o que devemos a Damiana, e até que ponto ella é amorosa... e pura...

LEONOR.

E que tens tu que tambem me pareces tão agitado?...

PEDRO.

Agittado, eu?... tão alegre..., tão feliz...

LEONOR.

Procuram talvez encobrir-me alguma desgraça... terá succedido algum mal a Christina?... Pedro...

PEDRO.

Juro-lhe, minha mãe, que a nossa Christina está boa e travessa, como se póde ser aos oito annos de idade.

LEONOR.

Deixal-a ser travessa, enquanto é criança ; quando fôr moça, tomará juizo, e Deus lia de permittir que ella siga o exemplo de Damiana.

PEDRO.

Não... não... Deus permittirá que ella siga em tudo e sómente o exemplo de minha mãe.

LEONOR, afagando a Pedro.

Lisougeiro !...

DAMIANA, á parte.

Que castigo horrivel estou soffrendo !

LEONCIO, dentro.

Vénham ! vénham ! assenhoras nos esperam no pavilhão.
(Damiana estremece.)

PEDRO, sustendo a Damiano.

Domina-te, infeliz ! (A Leonor.) Vê... ella está hoje tão nervosa... que de tudo se assusta. Recolha-se, minha mãe, e faça Damiana descansar a seu lado... não a deixe um instante... ella precisa de socego... vae... minha.

vae, Damiana, acompanha minha mãe. (Baixo a Damiana.) Cuidado! nem um instante fóra do quarto... (A Leonor.) Vá... vá... tome conta de... sua neta. (Esforçando-se por fazel-as ir.)

LEONOR, á parte.

Elles me occultam algum segredo... (A Damiana.) Vem, Damiana... (Vão-se Leonor e Damiana.)

SCENA VI

PEDRO NUNES; e logo no jardim, LEONCIO DE ALMEIDA,
JULIO e outros JOVENS.

PEDRO, cerra a porta do quarto, sai para o jardim, cerra tambem a porta da casa, e fica immovel e de braços cruzados, esperando Leoncio.

Agora nós, snr. Leoncio de Almeida!

LEONCIO.

As senhoras enganaram-nos completamente, entrando pelo outro portão; vãos pois de manso para surprehendel-as... (Querendo seguir.)

PEDRO, dando um passo.

Snr. Leoncio de Almeida!

LEONCIO.

Snr. Pedro Nunes!... meus senhores, apresento-lhes no meu jardineiro um perfeito homem de bem. (Saudam-no.) Até logo, meu amigo.

PEDRO.

Perdão... eu preciso dizer-lhe agora mesmo duas palavras...

LEONCIO.

Agora é impossível... tenho de conduzir estes senhores...

PEDRO.

Estes senhores o desculparão : é indispensavel que Vossa Senhoria me ouça.

LEONCIO, á parte.

Esta insistencia é de máo agouro. (A Pedro.) Mas... eu já disse que não era possivel... minha mãe e algumas senhoras me esperam...

PEDRO, tomando-lhe o passo.

Embora... é indispensavel.

LEONCIO.

Snr. Pedro Nunes!

PEDRO.

Vossa Senhoria... ha de ouvir-me.

JULIO.

Nada de cerimonias, Leoncio ; nós vamos preceder-te, e desculpar-te-hemos. Até já. (Vão-se. — Momentos de silencio.)

LEONCIO.

Então?... que pretende o snr. dizer-me?... guarda silencio, quando para reter-me praticou uma inconve-

niencia tão grave, que podia auctorisar-me a lembrar-lhe as differenças que nos separam ?...

PEDRO.

Eram duas as condições que nos separavam : uma subsiste ainda ; é a sua riqueza e a minha pobreza : essa, porém, não o torna meu superior : a outra condição, a unica que poderia humilhar-me, ha uma hora que desapareceu. Não sou mais o jardineiro da sura. baroneza, e é sómente o cuidado da vida de minha mãe que me retém n'aquella casa, que eu quizera ter já abandonado.

LEONCIO.

É possível que... (Á parte.) Desconfiaria elle ?...

PEDRO.

Snr. Leoncio de Almeida ! nós somos eguaes pela educação ; eu sou, pelo menos, seu igual em relação á familia ; e em nobreza de sentimentos, em honra, nós somos... perdão !... seu pae era igual a mim.

LEONCIO.

Senhor !

PEDRO.

Vou recordar-lhe a minha historia, pois que me parece d'ella esquecido : a minha historia é um pouco também a sua. É preciso que me escute. Meu pae rico e honrado negociante d'esta capital, minha mãe descendente de uma nobre familia portugueza, eu filho unico e desveladamente educado, cahimos em completa pobreza em 1821, após a crise que succedeu á retirada do rei.

Meu pae entregou quanto possuia aos seus credores, e satisfez plenamente todas as suas obrigações. Bem vê que eu posso levantar a cabeça, e fallar com ufania da pobreza de meus paes.

LEONCIO.

Mas a que vêm agora estas recordações ?...

PEDRO.

Em 1822 eu e meu pae acudimos em defesa da santa causa da independencia da patria : minha mãe era a primeira a excitar-nos, e nós, assentando praça como voluntarios, pertencendo ao mesmo corpo e á mesma companhia, tivemos por capitão o snr. Gervasio de Almeida. A 2 de novembro, no combate de Pirajá, em um momento fatal, meu pae atirou-se adeante do snr. Gervasio de Almeida, recebeu um golpe que a este se dirigia, e cahiu morto a seus pés. Snr. Leoncio de Almeida, meu pae morreu para salvar a vida de seu pae. (Breve silencio.) Eu bati-me na Bahia, bati-me depois nos campos do Sul e em 1827, na batalha de Itusáingo, vendo que o chefe do meu batalhão ia ser ferido pela lança de um gaucho, dei-lhe no meu corpo um escudo e eahi nos seus braços banhado em sangue. Snr. Leoneio de Almeida, pela minha vez eu salvei a vida de seu pae.

LEONCIO.

Sim : eu o sabia já ; como sei que meu pae demonstrou com o maior zelo o seu reconhecimento.

PEDRO.

Sabia-o ?... Meu Deus ! e elle diz que o sabia !... Fez-

se a paz : deram-me baixa : eu achava-me invalido. O snr. Gervasio de Almeida obrigou-me a ir para a sua casa ; tratou-me, e tão forte amizade nos uniu que ao querer deixal-o para procurar trabalho, forçou-me a ficar em nome d'aquelle puro sentimento. Fui eu mesmo que me sujeitei ao mister de jardineiro para pagar com o meu suor o pão que comia ; minha mãe repugnou, mas cedeu. Minha mãe tinha razão. O snr. Gervasio de Almeida casou-se : quasi ao mesmo tempo casei-me eu tambem, e um anno depois o céo concedia um filho a cada um de nós : perdi o meu no fim de poucos dias, e o filho do meu amigo foi durante alguns mezes amamentado por minha mulher. Snr. Leoncio de Almeida, aquelle menino é hoje um mancebo, e chama-se Leoncio de Almeida !...

LEONCIO.

Eu sei demais tudo isso, e prefiro...

PEDRO.

O snr. Gervasio de Almeida recebeu merecidamente o titulo de barão ; sua esposa tornou-se por isso altiva e soberba ; elle, porém, não mudou de sentimentos ; foi sempre o meu primeiro amigo, foi o padrinho de Damiana, e fel-a educar esmeradamente á sua custa ; encheu-me de beneficios, e, ha dois annos, poucos momentos antes de expirar nos meus braços, chamou a snra. baroneza, e disse-lhe : « Pedro Nunes é meu irmão. » *(Breve silencio.)* Snr. Leoncio de Almeida, eis aqui a nossa historia ! a historia do passado ! Não acha que o

mundo havia de applaudil-a, ouvindo-a?... Sim... sim... mas o mundo tremeria de horror, se passando da historia do passado para a do presente, eu lhe dissesse com o violento desespero de um pae ultrajado : e depois de tudo isso o filho de Gervasio de Almeida, o filho d'aquelle por quem meu pae se deixou matar, d'aquelle por quem eu recibi um golpe de lança no peito, o filho d'aquelle que me chamou seu irmão e morreu nos meus braços, o homem que nos primeiros mezes depois de nascido foi amamentado aos peitos de minha mulher, Leoncio de Almeida, emfim, seduziu minha filha, seduziu a afilhada de seu pae !...

LEONCIO.

Snr. Pedro Nunes !...

PEDRO.

Snr. Leoncio de Almeida, eu venho pedir-lhe a honra de minha filha !... Eu sei tudo ! quero que o sur. lave a nódoa que mancha a reputação de uma pobre menina... eu quero... eu exijo... bem vê que sou pae... é natural o meu arrebatamento... procurarei dominar-me... ainda é tempo de remediar tudo... eu confio na probidade do filho de Gervasio de Almeida...

LEONCIO.

Snr... bem vejo que seria inutil negar a falta que commetti em uma hora de desvario... mas... um segredo eterno...

PEDRO.

Não se trata de segredo... senhor !... trata-se de honra !...

LEONCIO.

Mas as circunstancias em que me acho, tendo um casamento ajustado...

PEDRO.

E miuha filha, snr. Leoncio de Almeida?!!!

LEONCIO, á parte.

Esta situação é insupportavel... prefiro decidir de uma vez. (A Pedro.) Snr. Pedro Nunes... sua filha... é impossivel...

PEDRO.

Impossivel!... ah!.. o snr. calcula com a sombra de seu pae para defendel-o do meu justo resentimento, e não comprehende que se a sombra de seu pae se erguesse da sepultura, seria para amaldiçoar e punir o filho que vilipendia a sua nobre memoria, o filho desnaturado...

SCENA VII

PEDRO NUNES, LEONCIO DE ALMEIDA, LEONOR e DAMIANA.

— Leonor agitada vem ouvir da porta o que diz Pedro, Damiana asegue; afflicção em uma e outra.

LEONCIO.

Senhor!

PEDRO.

Desnaturado! repito.

LEONCIO.

Sinto que me venha o insulto de um velho que tem na sua idade e na sua fraqueza o meio seguro de desarmar o meu furor; eu, porém, não o respeito mais, tolero-o apenas, e para impôr-lhe de uma vez silencio, convidoo a lembrar-se de quem sou, e de que nunca seria acreditavel que eu me abaixasse a tomar por esposa a filha do meu jardineiro.

PEDRO, furioso.

Insolente!... (Com um rir de desespero.) Que nobreza a desses devassos que se pôdem cobrir de ouro e de sedas! elles se envergonham do pobre, aviltam com o seu desprezo o operario, e o artista, e não se envergonham, não se confundem; quando, perversos ladrões, roubam o unico thesouro, a riqueza toda da filha do pobre!... (Outro tom.) Acabemos com isto : eu quero a sua ultima palavra : disse-lhe vinha pedir-lhe a reparação do seu crime.

LEONCIO, muito irritado.

A minha ultima palavra vac ser a justa resposta que merecem as injurias que ousou dirigir-me. A minha ultima resposta, eil-a : Confesso que commetti um erro lamentavel ; como, porém, esse erro importa uma divida, eu pago-a, dando-lhe um dote para sua filha. Ahi o tem. (Arranca do bolso a carteira e atira-a aos pés de Pedro Nunes.)

PEDRO, corre a tomar um dos instrumentos do jardineiro e avança para forir Leoncio.

Infame !...

SCENA VIII

PEDRO NUNES, LEONCIO DE ALMEIDA; LEONOR, que se mostra; DAMIANA, BARONEZA, A NOIVA, JULIO; SENHORAS e CAVALHEIROS que entram assustados.

LEONOR.

Pedro !... (Pedro fica imóvel.)

BARONEZA.

Que é isto ?...

LEONOR.

Meu filho ! escuta a voz da moribunda...

PEDRO.

Minha mãe !

LEONOR.

O assassino é um reprobado aos olhos de Deus ! ordeno-te que nunca levantes a mão sobre o infamador da nossa família. É a minha ultima vontade : ordeno-te ! obedece-me. (Pedro deixa cair a arma que tinha nas mãos.) Sê para sempre abençoado, meu filho, como serão para sempre malditos o seductor e a seduzida ! malditos ! malditos ! (Cae morta.)

GRITO GERAL.

Oh !... (Damiana cae de joelhos.)

PEDRO, abraçando o cadaver.

Minha mãe !... minha mãe !... (Levanta-se.) Assassinaram minha mãe !...

BARONEZA, aproximando-se.

Infeliz !...

PEDRO.

Não ! não se chegue, srna. baroneza !... o cadaver d'esta pobre velha não deve ser tocado pelas mãos da mãe do assassino... Oh !... Vossa Excellencia mancharia suas brancas mãos !... (Ao cadaver.) Descansa, minha mãe, descansa na terra, na terra que é de todos, na terra que dá o pão a todo aquelle que trabalha, na terra que tem os vermes que devoram igualmente o cadaver da mãe do pobre, e o cadaver da baroneza !... (A todos.) Eu vos detesto a todos !...

DAMIANA, de joelhos junto do cadaver.

Perdão !... perdão !...

PEDRO, agarrando-a.

Tu mataste minha mãe !... filha maldita, vem ! (A noiva.) Minha srna., o seductor de minha filha vae ser seu marido : é um nobre e rico mancebo e como tal deve offerrecer-lhe um thalamo nupcial tão alto, que Vossa Excellencia não poderia subir a elle sem um degráo : dou-lhe eu pois o melhor dos degráos, para que Vossa Excellencia pise sobre elle com os seus pés de noiva feliz... ahí o tem... é a victima de seu marido ! (Atira Damiana aos pés da noiva, e vae lançar-se sobre o cadaver de Leonor.)

FIM DO PROLOGO

ACTO PRIMEIRO

Sala ornada com elegancia e luxo ; janellas de grades de ferro á esquerda; ao fundo duas portas, uma á direita abrindo para o interior da casa, a outra á esquerda communicando com a rua. Ao lado direito uma porta abrindo para um quarto ; um piano entre as portas do fundo.

SCENA PRIMEIRA

AMADOR, LEÃO, CLAUDINA, LAURA, FLORISBELLA; uns de pé, outros sentados; CEZAR, que entra ao levantar-se o panno.

CEZAR.

Porta aberta, entrada franca. (Entra.) Viva a agradavel companhia !...

TODOS.

Cezar !...

CLAUDINA. correndo a elle.

Meu Cezar !...

CEZAR.

Teu?... vá feito : reconheço-te por minha metropole, e declara-me tua colonia, salvo o direito de proclamar a minha independencia d'aqui a cinco minutos ; mas onde está a princeza da festa d'este bello dia ?...

LEÃO.

Este bello dia vae tomando o aspecto de um feio dia de inverno, em que o sol apparece tarde por causa da neblina.

CEZAR.

Como ?...

FLORISBELLA.

A rosa ainda não se desabotôou.

AMADOR.

Ah ! minha filha ! quando te vem á cabeça arranjar figuras de rhetorica, fazes sempre muito má figura.

CLAUDINA.

Eu tambem protesto : é pelo contrario porque a rosa ainda se conserva desabotoada, que nós estamos impacientes. Se Rosa Lusbela já tivesse accordado e abotoado o vestido, de certo que nos teria vindo receber.

CEZAR.

É revoltante !... manda-nos convidar para um almoço pelo seu anniversario natalicio, e dorme a somno solto até depois de meio-dia !... Olhando pela fechadura da porta da direita.) Escuro como breu !

LAURA.

Pois se ahí é, conforme dizem, o palacio do sol, devêra ser claro, como o dia.

FLORISBELLA.

Eu aposto que Rosa Lusbelá dorme o dia inteiro para escapar de fazêr annos hoje, suppondo que fica assim com um de meuos.

CLAUDINA.

Mas positivamente isto vae passando os limites da sem cerimonia e tomando uns ares de pouco caso.

LAURA.

Que offende o melindre e a honra de todas nós...

LEÃO.

Declaro que exactamente n'esses dois pontos eu não sou solidario com as senhoras.

LAURA.

O sur. não pensa no que diz...

FLORISBELLA.

E Rosa não pensa no que faz ou é uma insolente...

CEZAR.

Alto! respeitemos os privilegios da loucura da mais formosa das loucas.

CLAUDINA.

Da mais formosa!... dou-te baixa de meu Cezar

CEZAR.

.. Não se lembram de que ella se chama Rosa Lusbeia?...
d'onde lhe veiu a alcunha de Lusbela?...

AMADOR.

Do brillantismo dos seus olhos fascinadores.

FLORISBELLA.

Amador, acabas de convencer-me de que és um tolo.

CEZAR.

Não : Lusbela vem de Lusbel que é o primeiro dos demonios : puzeram-lhe a alcunha de Lusbela no theatro de S. Pedro de Alcantara em uma noite em que Rosa applaudia freneticamente as proezas de Lusbel no drama : « Os milagres de S. Antonio. »

LAURA.

E como então vocês se apaixonam tanto pelo demonio?...

CEZAR.

Porque o demonio tenta, minha filha, e quando é um demonio de saia põe em bolandura os corações masculinos. Lusbela ! nunca ouvi alcunha mais apropriada ! Rosa é um verdadeiro Lusbel : appareceu-nos, ha oito annos, de subito como um raio, e sem que alguém soubesse donde viera, como todos os diabos dos castellos antigos, e, ha oito annos, uma eternidade na vida louca, conserva ella em suas mãos o sceptro da petulancia, da orgia, da libertinagem, da ruina, e da fascinação. Abysmo de ouro,

devora e consome todos os thesouros : coração de mármore e olhos sem lagrimas, sacrifica sem piedade no altar da dissipação a fortuna dos seus adoradores; symbolo de capricho, de loucura e de impudência, contradiz todas as vontades, repelle todas as afeições, festeja todos os odios, insulta todas as conveniencias, e na rua, nos theatros, nos hotéis, nos banquetes ostenta a sua devassidão, ri ás gargalhadas da moral e da sociedade, e apesar disso, ou antes por isso mesmo, não ha dia em que não conquiste novos escravos, que vêm jungir-se ao seu carro triumphal de Venus impura. É um prestigio terrivel, um encanto que lhe dá a sua alcunha — Lusbela ! — demonio de saia !... viva Rosa Lusbela !...

LEÃO o AMADOR.

Viva !...

CEZAR.

Então vocês não gritam ?...

CLAUDINA.

Ah ! os demonios me causam horror...

FLORISBELLA, a Amador

Meu anjo, se aquillo tudo foi encanto da alcunha, eu tambem quero ser alcunhada, ainda mesmo com um nome muito peor. Anda, pequeno, arranja-me uma alcunha.

AMADOR.

Não penses nisso, miuha filha olha que te chamas

Florisbella, e se te puzessem uma alcunha, correrias o risco de te ficarem chamando Florisfeia.

FLORISBELLA.

Ah! então não quero !...

LEÃO

Mas eu não posso tolerar por mais tempo este somno do diabo. Vou despertar a mulher satânica com um discurso. (Bate na porta do quarto.) Oh Lusbela! resplandecente planeta !...

FLORISBELLA.

Resplandecente planeta não serve: diga insaciavel cometa...

CEZAR.

Vamos mal. Em regra, os discursos fazem dormir e não acordar. Appellemos para a musica. Amador, pois que assim te chamas, na tua qualidade de amador deves tocar alguma cousa : ao piano! tu acompanhas, eu então um canto infernal, e todos me fazem côro.

AMADOR.

É impossivel : aborreço tão profundamente a musica, que ainda espero ser nomeado director de algum theatro italiano, ou pelo menos professor do Conservatorio.

CLAUDINA, correndo para o piano.

Toco eu, meu Cezar...

CEZAR.

Ah, Claudina! que tu arranhavas, já eu sabia, ha muito; mas que tocavas, não.

CLAUDINA.

Vamos!... (Cantam : Damiana entra ao ir terminar a musica : todos a-rodóam.)

SCENA II

LEÃO, AMADOR, CEZAR, CLAUDINA, LAURA, FLORISBELLA ;
DAMIANA, ricamente vestida, entra pelo fundo seguido de um
pequeno PÁGEM, que logo se retira para o interior da casa.

DAMIANA, triste e contrariada.

Que!... não poderei libertar-me de vós!...

TODOS, cercando-a.

Viva Lusbel!... viva Lusbel!...

DAMIANA.

Quem os auctorisou a vir perturbar a paz e o socego
que desde dois mezes gozo na minha casa ?...

CLAUDINA.

E esta ?... bem disseste, Cezar, que Rosa era o demonio.

CEZAR.

Pois mandas convidar-nos para um almoço, e em vez
de fazer-nos ir para a mesa, mostras-nos a porta da
rua ?...

DAMIANA

Eu convidal-os ?... ha dois mezes, repito, abandonei
a vossa companhia.

FLORISBELLA.

Sahiu-lhe o diabo do corpo : vae acabar em irmã de caridade.

AMADOR.

Pois não nos mandaste convidar para um almoço, Rosinha ?...

DAMIANA.

Eu ?... por quem e por que motivo ?...

LEÃO.

Graciano convidou-nos a todos em teu nome.

DAMIANA.

Graciano mentiu. (Senta-se melancolica no sofá.)

CLAUDINA.

Misericordia ! então não almoçamos ?...

CEZAR.

Não é hoje o dia dos teus annos ?...

DAMIANA.

Já nem sei em que dia nasci.

CEZAR.

Por consequencia foi hoje, Lusabela, e tanto mais que hoje é o dia de todos os santos, e assim indisputavelmente o dia do teu santo tambem.

DAMIANA.

Já disse que Graciano mentiu. Quero ficar só.

CLAUDINA.

E eu quero almoçar! quero almoçar!...

FLORISBELLA.

Graciano não mentiu!... (Risadas dos cavalheiros.)

SCENA III

LEÃO, AMADOR, CEZAR, LAURA, CLAUDINA, FLORISBELLA,
DAMIANA, e GRACIANO.

GRACIANO.

Menti; confesso que menti.

LAURA, FLORISBELLA CLAUDINA.

E o almoço?...

GRACIANO.

Jejuem hoje por conta dos seus peccados.

CLAUDINA.

Peccados?... peccadoras nós?... nós que amamos
tanto ao proximo, snr. Graciano?...

CEZAR.

Mas que zombaria foi esta?... que significa este falso
convite?...

GRACIANO.

Significa uma diligencia habilmente combinada para
se conseguir a prisão de uma desertora. Leão, tu que és

o rei dos animaes ; Amador, tu que pelo teu nome te reconheces o mais tolo dos homens ; Cesar, tu que me recordas um dos heróes mais libertinos, e vós outras, Laura, Claudina, Florisbella, vós que sois tres das mais legitimas representantes da vida louca, dizei-me se não vale a pena perder um almoço para reconquistar a Proserpina fugitiva, a deusa infernal que depois de abraçar o nosso mundo, recolheu-se, ha dois mezes, ao reino das trevas : Lusbela, emfim, Lusbela que cahiu de novo em nosso poder, e que commovida ao vêr-nos mortos de fome, e desesperada por não ter um almoço para offerecer-nos, vae sahir connosco e connosco almoçar ostras e vinho de Sauterne, e o diabo com vinho de Champagne no hotel de Italia.

TODOS

Apoiado! bravo! bravo!...

DAMIANA.

Basta : creio que a escrava do mundo póde ao menos ser senhora em sua casa e trancar as portas, quando deseja estar só.

CEZAR.

E porque a louca, a phrenetica dictadora da orgia ha de transformar este bello theatro de ardentes prazeres em uma gruta de anachoreta, e condemnar-se, ha dois mezes, á solidão?...

DAMIANA.

De uma vida que foi de todos, a ninguem se dá contas. Não vol-o direi.

GRACIANO.

Pois n'esse caso direi eu.

DAMIANA, levantando-se.

Tu ?...

GRACIANO.

Snrs., Rosa Lusbela está apaixonada, e chora os erros passados por não poder mostrar-se botão em vez de rosa aos olhos de Leonel da Silva.

DAMIANA.

Graciano!

CEZAR.

Rosa Lusbela apaixonada!... é sublime!... (Risadas.)

FLORISBELLA.

Incendiou-se um sorvete!

CLAUDINA.

Coitadinha! bebeu um copo de elixir de amor, pensando que era cognac!

DAMIANA.

É demais! pois bem : eu amo Leonel da Silva! amo-o, sim, e tenho orgulho d'este amor!

TODOS.

Bravo! sublime!...

SCENA IV

LEÃO, AMADOR, CEZAR, GRACIANO, LAURA, CLAUDINA,
FLORISBELLA, DAMIANA e BEATRIZ.

BEATRIZ, da porta.

Com licença.

DAMIANA.

Beatriz!... (Corre a Beatriz e fica fallando-lhe ao fundo.)

CEZAR.

Esta velha que veiu interromper-nos, tem cara de Venus do tempo passado, reformada em Mercurio no tempo presente.

CLAUDINA.

Mas o champagne... as ostras?...

LAURA.

E o diabo com todos os vinhos?...

LEÃO.

Proponho...

GRACIANO.

Não ha que propôr : um almoço nos espera no hotel de Italia...

TODOS.

Viva! viva!...

GRACIANO.

Insisto, porém, na minha idéa : devemos reconquistar Lusbela, e a orgia, a que vamos dar principio no hotel, ha de vir terminar-se aqui, no bello inferno do mais bello demonio.

TODOS.

Apoiado! bravo!....

DAMIANA.

Emfim! (Voltando.) Penso que bastante se tem abusado da minha paciencia. Pela ultima vez, torno a repetir : quero estar só.

CLAUDINA.

E não ha remedio senão fazer-lhe a vontade. Evacuaremos a praça por falta de víveres.

GRACIANO.

Sim ; mas sahimos bradando ainda e sempre : Viva Lusbela!...

TODOS.

Viva! (Vão-se.)

SCENA V

DAMIANA e BEATRIZ.

DAMIANA.

Venceste, não é verdade?... ella vem?... fallar-lhe-hei finalmente?...

BEATRIZ.

Depois de um mez de trabalho, vou com effeito cahir em nossas mãos a namorada do snr. Leonel da Silva. O velho enfezado, que sempre acompanha a filha quando esta tem de ir ás casas das suas freguezas de costuras, foi hontem para fóra da cidade, não sei a que negocio, e deixou a menina entregue á velha beata sua companheira : corri logo a dizer que uma snra. chamava a menina para encarregal-a de fazer-lhe um rico vestido, de que precisa d'aqui a tres dias, e a velha, não querendo confiar-me a pequena, ficou de trazel-a hoje ás tres horas da tarde ; graças, porém, á velhice e ás molestias, juro que a bruxa não subirá as escadas e ficará lá embaixo no meu quartinho conversando comigo.

DAMIANA.

O essencial é que eu falle a essa menina. Arrependo-me agora d'aquella carta que Leoncio de Almeida recebeu, ha quinze dias ; mas eu precisava de crear embaraços ao amor de Leonel, e além disso de estar segura de que Leoncio nunca suspeitará que essa carta partiu de mim.

BEATRIZ.

Sem duvida : o creado com quem fallei nem ao menos me conhece ; mas o que me espanta é que haja um homem que possa olhar para aquella costureira depois de ter visto uma moça como D. Rosinha.

DAMIANA.

Já não ignoro que essa costureira é uma linda menina,

e sobretudo é innocente e pura, e eu sou Rosa Lusbela, Rosa o demonio, Rosa a pervertida impudente, e hoje não ha arrependimento que possa apagar a memoria do meu passado. A flamma de um santo amor veiu abraçar a minh'alma no meio da devassidão ; mas foi tarde! foi muito tarde! os raios do sol não purificam as aguas imundas do charco.

BEATRIZ.

Tambem isso é rebaixar-se muito : e depois a rapariga cahindo em nosso poder, de certo não sahirá d'elle melhor do que nós.

DAMIANA.

Tive esse negro pensamento, mas já passou : o amor de Leonel enche o meu coração de sentimentos generosos. Convencerei essa menina da loucura da sua paixão ; dar-lhe-hei os meios necessarios para ser feliz longe d'aqui ; ameaçal-a-hei talvez... mas fazer-lhe mal... não... não... desde dois mezes eu creio que pouco a pouco vou-me tornando boa por um milagre de amor, e ha momentos em que até chego a pensar que é possivel que Deus me mandasse um anjo trazer-me o perdão e a felicidade.

LEONEL, dentro.

Licença ; preciso fallar-te, Rosa.

DAMIANA.

É o anjo que vem trazer-me a felicidade!...

SCENA VI

DAMIANA, LEONOL DA SILVA e BEATRIZ, que logo se retira.

DAMIANA.

Leonel!... (A Beatriz.) Deixe-nos. (Vae-se Beatriz.) Leonel!...
mas pareces tão triste!...

LEONEL.

Sim, triste; porque tu me fizeste mal, e porque venho
entristecer-te.

DAMIANA.

Eu fazer-te mal?... eu?...

LEONEL.

Encontrei-te, ha dois mezes, Rosa; admirei a tua beleza, o teu espirito, a tua educação que o aviltamento da libertinagem ainda não poude destruir de todo: lamentei o teu viver desgraçado; mas attrahido por um motivo que não conheces, repetidas vezes me viste aqui a teu lado, sem que uma só vez eu te lembrasse a lastima da tua condição, nem mesmo fingindo um sentimento que aliás não terias o direito de reputar um insulto.

DAMIANA.

Que pretendes dizer, Leonel?...

LEONEL.

Quero dizer que pagaste mal a minha delicadeza; por-

que, ainda ha pouco, fui saudado na rua, como o amante de Lusbela, por uma turma de dissolutos que sahiram da tua casa e que protestaram ter de ti mesma ouvido a confissão do nosso amor.

DAMIANA.

É falso : eu não disse que era amada por ti : encerrava no coração um segredo encantador e suavissimo... elles vieram, provocaram-me, zombaram de mim, e em um momento de imprudencia ousei revelar o meu arcano ; mas... Leonel... eu disse apenas que te amava...

LEONEL.

Eu, porém, nunca te amei; eu não te amo, Rosa.

DAMIANA.

Leonel! porque me fallas assim?... que culpa tem o rei de que a mais triste mendiga enlouqueça de paixão por elle?...

LEONEL.

Perdão; mas é indispensavel que eu t'o diga : adoro uma mulher candida e pura, e a simples suspeita do teu amor poderia manchar-me aos seus olhos.

DAMIANA.

Leonel!...

LEONEL.

Tu és bella como um anjo; és, porém, um anjo decahido : não escondes, ostentas a tua ignominia e com tal escandalo, que um homem que se estima, se em um momento

de desvario cede ao poder dos teus encantos, para approximar-se de ti, espera a hora sombria da noite, e vergonhoso entra ás occultas em tua casa, tremendo e receioso de ser visto, como se commettesse um crime.

DAMIANA.

E porque tantas vezes tens calcado aos pés o dever, e apparecido em minha casa, Leonel?...

LEONEL.

Vinha vêr-te frequentemente, porque um capricho da natureza deu ao teu rosto alguns traços do semblante da mulher que amo : não é que te pareças com ella, não; ha, porém, em ti um não sei que inexplicavel, que sempre me faz lembrar d'ella, e, perdoa-me outra vez, não era por ti mesma, era sómente por ella que eu te olhava embevecido.

DAMIANA.

Leonel! quando, ha pouco, te annunciaste, eu pensei, que Deus me enviava um anjo de misericordia; e não foi, não; foi pelo contrario o derradeiro desengano que veio de novo impellir-me para o mal!...

LEONEL.

És uma mulher terrivel : conheço desde dois dias toda a tua historia : é preciso que nos separemos para sempre : adeus! perdôo-te o mal que me querias fazer, mas esquece-te do meu nome. (Vae partir e Damiana o-retém.)

DAMIANA.

Um momento! disseste que conhecias a minha historia;

lembra-m'a : Lusbela vae despertar... quero ouvir a minha historia ; conta-a... se não mentiste, conta-a.

LEONEL.

Não menti ; escuta. Não te chamas Rosa, e eu respeito o sentimento que te fez esconder o teu verdadeiro nome.

DAMIANA.

Ainda bem ! continúa.

LEONEL.

Tu te deixaste perverter por um laçao da casa em que teu pae servia como jardineiro.

DAMIANA.

É verdade : e esse laçao chama-se Leoncio de Almeida, teu primo, que me seduziu jurando que seria meu marido.

LEONEL.

Meu primo ?... como ?... será possível ?...

DAMIANA.

Prosegue : que mais te disse teu nobre primo ?...

LEONEL.

Amaldiçoada por teu pae, em vez de procurar merecer o teu perdão pelo arrependimento, correste precipitada a provocar os depravados do mundo...

DAMIANA.

Resisti por muitos mezes ao meu infortunio ; quiz viver honestamente ; tinham-me dado alguma instrucção : pro-

curei e fui pedir trabalho, e recebi insultos e proposições aviltantes. Foi assim que provoquei os depravados do mundo.

LEONEL.

Devias lutar ainda. Não ha virtude sem constancia e a humilhação que estavas provando, era o justo castigo da tua culpa. A sociedade tinha o direito do desprezar-te.

DAMIANA.

A sociedade!... ouve : luctei ; chegou, porém, a miseria : eu já tinha medo de sahir, porque um homem indigno me seguia sempre, urdindo a minha completa perdição. Uma noite o desespero da fome arrastou-me até á casa de uma antiga companheira de collegio : era a fome, Leonel ! eu não ia mais pedir trabalho, ia pedir esmola e pão ! vi a casa brilhante de luzes, não me lembrou que podia ser uma noite de festa, cheguei á escada, e o pae d'aquella que fôra minha amiga atirou-me ao rosto uma injuria, e por sua ordem dois escravos empurraram-me grosseiramente para a rua.

LEONEL.

E depois... e depois...

DAMIANA.

Fiquei immovel... quasi desanimada ; depois a musica sôu... depois vi parar uma carruagem á porta da casa... vi apear-se Leoncio de Almeida... e em breve olhando para um terraço illuminado que se levantava sobre um jardim, tornei a vêr o meu seductor cereado e festejado

por senhoras e cavalheiros. Então eu tive horror d'essa sociedade, de que, ha pouco, fallavas; d'essa sociedade que despreza e atropella ás seduzidas, e que abre o seio aos seductores; d'essa sociedade que econdemna a mulher que é fraca e que succumbe, e que rende cultos ao homem que é forte e que tyrannisa. Não pude mais : soltei um grito de dôr profunda e cahi desmaiada.

LEONEL.

Seria melhor que tivesses então morrido !

DAMIANA.

Depois de tres dias de febre e de combate com a morte, tornei a mim, e achei-me na casa do homem que sempre me seguira, na casa de Graciano que me havia recolhido : esperava ganhar forças para fugir-lhe, quando uma noite, bebendo um licor que elle me apresentou em nome do medico, adormeci logo depois, para accordar no inferno com a certeza da minha degradação.

LEONEL.

Mas Graciano é em tal caso um perverso, e tu lhe perdoaste o seu crime, e ainda hoje te abaixaste a recebê-lo ?

DAMIANA.

Que me importava mais e que me importa o seu crime?... Desde aquella hora de despertar infernal, o meu coração palpitou com todo o impeto do odio; e agora sim, Leonel, agora tu podes contar a minha historia : eia pois ! sem cerimonia : que sabes-tu de mim ?...

LEONEL.

Sei...

DAMIANA.

Não sabes nada! dir-me-hias o que todos dizem; mas não sabes que eu ardi em uma sêde de vingança horrivel, e que abominando os homens e a sociedade, e abysmando-me nos vicios mais hediondos, eu experimentava um prazer satânico, quando depois de accender a paixão em um homem rico, devorava-lhe a fortuna em troco de fingidas caricias, e ao sentil-o emfim arruinado, empurrava-o com a ponta do meu pé para o desprezo do mundo: não sabes que eu me ufanava de perverter o mancebo inexperiente, e de insultar á luz do dia os costumes e a moral da sociedade; não sabes, não, que o vicio era o flagello do meu corpo, e a vingança a delicia da minh' alma!...

LEONEL.

Sei, desgraçada, que bem mereceste a alcunha que te puzeram, Rosa Lusbelá, Rosa o demonio!

DAMIANA.

Não sabes nada, Leonel! não sabes que esse demonio viu um dia Leonel da Silva e amou-o: amou-o com o ardor e a pureza de um primeiro amor: por elle aborreceu a devassidão, chorou a sua vergonha, tornou a amar a virtude, e resumiu todos os sonhos de sua louca imaginação em um anhelos unico, o ser escrava de Leonel da Silva, escrava em corpo e alma, escrava só e nada mais: não sabes que esse amor podia regeneral-a aos olhos de Deus,

e fazel-a sorrir outra vez para a vida ; porque esse amor era a aurora de um novo dia, depois de uma noite de nove annos : não sabes, emfim, que Leonel da Silva veiu hoje completar a obra de seu primo, ferir com o desprezo e a injuria o pobre amor da triste arrependida, e despertar o odio e a vingança no coração de Lusbela ! Sou já outra, sr. Leonel da Silva ! eia !... á orgia !... ao escandalo !... vem, Graciano ! Cezar ! Claudina ! todos, sim, vinde todos !... voltae !... estou prompta !.. á orgia ! á orgia !...

LEONEL.

Infeliz, escuta...

DAMIANA.

Eu não sou infeliz ! eu sou Rosa Lusbela ! rainha da libertinagem, vou outra vez sentar-me no meu throno impudente !

LEONEL.

Rosa, ha em tuas palavras o accento da loucura : modera-te : se não pódés ter em mim um amante, has de ter um amigo para guiar-te pelo caminho do bem. Voltarei amanhã : tu me interessaste mais do que pensas com a narração das tuas desgraças, e se fallaste a verdade, póde ser que ainda te seja util a minha protecção. Até amanhã, Rosa. (Vac-sc.)

LUSBELA

SCENA VII

DAMIANA, só.

Já não póde haver amanhã para nós, snr. Leonel da Silva ! morremos hoje um para o outro : separa-nos o odio... separa-nos um abysmo. Filha amaldiçoada, é preciso que eu ceda ao impulso irresistivel de uma praga tremenda : o meu destino é fazer mal, fal-o-hei. (Ouve o signal de tres horas.) Tres horas ! soaram a proposito : venha pois a formosa costureira, que eu protesto tornal-a em breve uma digna rival de Rosa Lusbela. Quem me déra saber como se riem os tigres para rir-me tambem como elles, contemplando a victima !... Sinto passos...

SCENA VIII

DAMIANA. CHRISTINA e BEATRIZ, que logo se retira.

BEATRIZ.

Eis aqui a interessante menina que esperava. A senhora que a acompanha pede desculpa por não ter podido subir.

DAMIANA.

Vá fazer-lhe companhia. (Vae-so Beatriz.) Venha sentar-se, bella menina.

CHRISTINA.

Minha senhora, eu lhe agradeço a bondade com que se digna tratar-me.

DAMIANA.

Sente-se. (Á parte.) É na verdade formosa... tanto melhor : aborreço-a ainda mais por isso mesmo. Vingar-me-hei, fazendo que o vicio destrua a pureza dos seus encantos... aviltal-a-hei... (A Christina.) Porque se sentou longe de mim?... venha para mais perto...

CHRISTINA.

Minha senhora... tanto favor... (Senta-se perto de Damiana.)

DAMIANA.

Desejei experimentar a sua habilidade de modista e costureira que muito me gabavam, e applaudo uma idéa que me deu occasião de vêr uma menina verdadeiramente encantadora. (Pega-lho nas mãos; affaga-a.)

CHRISTINA.

Ao seu lado, minha senhora, não posso parecer bonita.

DAMIANA.

É uma impiedade estragar com a tesoura e com a agulha essas mãos de princeza! A menina não nasceu para trabalhar, nasceu para ser adorada.

CHRISTINA.

Mas o trabalho dá-me tanto prazer!

DAMIANA, á parte.

A sua innocencia contrasta horriavelmente com o quadro

da minha vida ! Foi talvez esta a magia que encantou Leonel. Vingar-me-hei !...

CHRISTINA.

Estou ás suas ordens, minha senhora.

DAMIANA.

Póde tomar-me a medida. (Levántam-se; Christina toma medida.)
Como se chama ?..

CHRISTINA.

Christina.

DAMIANA, á parte.

É o nome de minha irmã !

CHRISTINA.

É muito bemfeita, minha senhora. (Vae medir-lhe o comprimento da saia e curva-se.)

DAMIANA.

Agradecida. (Á parte.) Eil-a curvada a meus pés ! quizera vêl-a sempre n'esta posição... Mas porque se chama ella Christina?... porque me veiu lembrar minha irmã?...
(A Christina.) Que idade tem ?...

CHRISTINA.

Desesete annos.

DAMIANA, á parte.

E ainda como Christina ! a mesma idade de minha irmã !
(A Christina.) Admira-me não ter ouvido fallar a respeito da menina, ha mais tempo.

CHRISTINA.

Estamos na côrte, ha quatro mezes apenas.

DAMIANA.

Então é provinciana?

CHRISTINA.

Não, minha senhora ; sou carioca ; mas, ha nove annos, que meu pae se viu obrigado a retirar-se para uma povoação do interior.

DAMIANA.

Nove annos!...

CHRISTINA.

E nem ainda teriamos voltado para a côrte, se a necessidade de prover a nossa substencia não nos forçasse a vir procurar trabalho.

DAMIANA.

Pois não se achava trabalho n'essa povoação?...

CHRISTINA.

Sim; e meu pae trabalhava muito ; mas adoeceu e doente ficou dois annos : sentimos então todos os tormentos da miseria, e foi preciso...

DAMIANA.

Acabe...

CHRISTINA.

Foi preciso que eu viesse trabalhar para mim e para meu pae que, graças a Deus, aqui se restabeleceu.

DAMIANA.

Triste sorte!

CHRISTINA.

Triste, porque, minha senhora?... É tão agradável a uma filha o trabalhar para seu pae! e o meu então que me ama tanto!... A senhora ainda tem a felicidade...

DAMIANA, interrompendo-a.

Não... não... eu já não tenho pae.

CHRISTINA.

Perdoe-me.

DAMIANA.

E porque não me falla de sua mãe?...

CHRISTINA.

Desgraçadamente não cheguei a conhecer minha mãe: fui creada por minha avó paterna, que morreu, ha nove annos.

DAMIANA.

Ha nove annos!... (Á parte.) como tambem a minha! E singular!... estas coincidencias... Meu Deus! não... não... é impossível! (A Christina.) Não tem irmãos?

CHRISTINA.

Tive uma irmã oito annos mais velha que eu, e que morreu no mesmo dia em que minha avó expirou.

DAMIANA.

Mais velha oito annos... e no mesmo dia!... e a menina lembra-se de tel-a visto morrer?

CHRISTINA.

Não, minha senhora ; eu estava então no collegio.

DAMIANA.

No collegio... oh!... mas... sabe com certeza que sua irmã morreu ?

CHRISTINA.

Foi um golpe tremendo : meu pae adorava minha irmã, e sentiu tanto a sua morte, que não poudé mair ouvir fallar da pobre filha, e até me prohibiu pronunciar o seu nome, sob pena de maldição.

DAMIANA.

E como se chamava sua irmã ?...

CHRISTINA.

Bem vê que não posso repetir o seu nome.

DAMIANA.

E seu pae... seu pae, como se chama ?...

CHRISTINA.

Minha senhora, eu vejo que a estou incommodando.

DAMIANA.

O nome de seu pae ?... como se chama seu pae ?...

CHRISTINA.

Gustavo.

DAMIANA, á parte.

Não é minha irmã. Mas... quem sabe se a vergonha não obrigou meu pae a mudar o seu nome, como tambem

mudei o meu?... quem sabe?... (A Christina.) Menina, eu sei que seu pae não se chama Gustavo...

CHRISTINA, confundida.

Como?... que quer dizer, minha senhora?...

DAMIANA.

Seu pae... chama-se... Pedro Nunes...

CHRISTINA.

Pelo amor de Deus, não o diga a pessoa alguma! meu pae não quer que se saiba!...

DAMIANA.

Então... é... é... verdade!... Oh!... vem!... tu és minha... minha... Christina!... (Abraça-a e beija-a.)

CHRISTINA.

Que significa isto?... mas... eu também a abraço com alegria! peço-lhe que me explique...

DAMIANA, de joelhos.

Senhor meu Deus! bemdita seja a vossa misericórdia que se estende até á mulher perdida! (Abraça Christina.) Christina!... Christina!... (Atira-se no sofá chorando.) Oh! eu não posso, eu não devo chamal-a minha irmã!...

CHRISTINA.

Que pranto é esse?... Minha senhora, essas lagrimas depois dos abraços e dos beijos que recebi, fazem-me pensar que algum segredo de familia...

DAMIANA, levantando-se.

Não, não ha segredo algum. Christina, eu amei tua

mãe, amei tua avó... amo teu pae, Christina! eu... eu fui amiga de tua irmã... eu te conheci, e te amei, quando eras ainda creança e...

CHRISTINA.

Então abrace-me outra vez... beije-me de novo em nome de todos aquelles que amou; abrace-me, beije-me, porque tambem a amo!... eutão!...

DAMIANA, querendo abraçá-la.

Christina! (Suspendo-se: limpa as faces e a fronte de Christina com o lenço.) Oh! não! eu não devia ter-te beijado: não digas nunca que os meus labios tocaram as tuas faces e a tua fronte. Pobre innocente! deixa que eu te ame e te contemple... mas de longe, como um leproso que adora o filho e que receia contaminá-lo! Já é muito para mim, meu Deus! eu não merecia tanta felicidade!

SCENA IX

DAMIANA, CHRISTINA, BEATRIZ, e logo PEDRO NUNES.

BEATRIZ.

D. Rosinha, estavamos á janella, quando o pae d'esta menina passou e vendo a senhora que a acompanhára, veio fallar-lhe, e logo que soube que a filha estava aqui, não houve meio de contel-o, quiz entrar e...

DAMIANA.

Elle! grande Deus!

PEDRO vai cumprimentar Damiana, reconhece-a, recua, deixa cair a bengala, abre os braços.

Oh!... oh!... minha filha!... minha filha!... (Damiana corre, pára, ajoelha-se, com um dedo na bocca recommenda silencio, e com a outra mão mostra Christina, que ouvindo os gritos de Pedro, atira-se em seus braços. Confusão de Pedro.)

CHRISTINA.

Meu pae!... (Cae-lhe nos braços.)

SCENA X

DAMIANA, CHRISTINA, BEATRIZ, PEDRO NUNES, GRACIANO, CEZAR, AMADOR, LEÃO, LAURA, CLAUDINA, FLORISBELLA, e logo LEONCIO DE ALMEIDA, e LEONEL DA SILVA.

GRACIANO E OS SEUS.

Viva Lusbela!... viva Lusbela!...

DAMIANA, com um grito pungente e escondendo o rosto.

Oh!...

PEDRO, como aterrado.

Lusbela!... quem é aqui Lusbela?...

LEONCIO, da porta e trazendo Leonel.

Leonel da Silva! eis a irmã da mulher a quem pretendes dar o teu nome!... (Pedro abraça Christina de modo a esconder-lhe o rosto no seio leva-a com desespero, lançando um olhar terrível sobre Damiana.)

FIM DO ACTO PRIMEIRO

ACTO II

A mesma decoração do acto primeiro. — É noite; a sala está apenas sufficientemente illuminada.

SCENA PRIMEIRA

BEATRIZ, só.

Está me lembrando aquelle bom tempo em que ainda moça e bonita achava sempre velhòs ricos para fiadores das casas que alugava e rapazes que me pagavam carros para ir ás festas da Penha, onde eu brilhava com os vestidos de mangas de presunto e com o penteado do trepanoleque. Uma noite levaram-me ao theatro de S. Pedro. Gostei muito de vêr o Victor fazer na peça um papel de creado de dois annos. Correram os annos; dizem que me tornei, velha, reduzíram-me a procuradora de amores alheios, e hoje tambem me vejo creada de dois annos:

por que sirvo a D. Rosinha nos laços que arma ao sur. Leonel, e espio D. Rosinha por conta do sur. Leoncio de Almeida. Trabalho muito ; mas os dois amos pagam bem. O peor é que a scena passada aqui hoje poz a triste Lusbela em tanta afflicção, que receio vê-la en-doidecer. Ha uma hora que se trancou no seu quarto. Que pretenderá ella fazer ?... Emfim... creio que abra a porta.

SCENA II

BEATRIZ e DAMIANA.

BEATRIZ.

Acha-se mais socegada ?...

DAMIANA.

Perfeitamente tranquilla. Diga-me : a esta hora ainda se poderia encontrar Leoncio de Almeida na cidade ?

BEATRIZ.

Sem duvida. Aquelle monstro nunca se retira antes da meia-noite para a chacara, onde tem desterrada a infeliz mulher.

DAMIANA, dá uma carta.

Tome esta carta : corra, vá á casa de Leoncio ; se o não encontrar, exija que algum creado a acompanhe ao logar onde elle estiver : insista por fallar-lhe, e sem falta,

Beatriz, entregue sem falta com a sua propria mão essa carta a Leoncio de Almeida, e volte immediatamente.

BEATRIZ.

Então o negocio é grave ?...

DAMIANA.

Jà devia ter partido, Beatriz!

BEATRIZ.

Eu corro, e como se se tratasse da sua vida. (Vae-se.)

SCENA III

DAMIANA, e logo GRACIANO.

DAMIANA.

Corre, sim, mas não é da minha vida, é da minha morte que se trata. Filha amaldiçoada, irmã fatal, escandalo vivo, mulher indigna, cuja fama faz a vergonha e a desgraça de seus parentes, é preciso que eu livre a terra do meu peso ; mas o meu cadaver deve cahir nos braços do homem que me sacrificou. Quero que Leoncio de Almeida testemunhe a minha agonia e que trema de horror, ouvindo a minha ultima palavra, porque eu hei de passar do mundo para a eternidade com uma imprecação de vingança nos labios.

GRACIANO, dentro.

Venho vêr se já serenou a tempestade. (Apparece.)

DAMIANA, correndo a elle.

Graciano! Graciano! como chegaste a proposito!...

GRACIANO.

Devéras?... pccisavas de mim ?.

DAMIANA, apertando-lhe as mãos.

Muito! mas eu sou uma ingrata! tinha-me esquecido de ti : lembrei-me só de Leoncio de Almeida.

GRACIANO.

Máo : não gosto da companhia de Leoncio de Almeida, quando se trata da tua affeição.

DAMIANA.

Mas deves comprehender que nas mais suaves recordações do passado a minha memoria vos encontra ligados por um laço de flôres.

GRACIANO.

Peer : a suavidade d'essas recordações parece-me trazer um travo de fel, e o teu laço de flôres tem um não sei que de uma cadeia de espinhos. Queres que te diga?... acho-te um pouco mysteriosa, quasi que ia dizer sinistra, e confesso que isso me contraria muito.

DAMIANA.

Porque?...

GRACIANO.

Desejava conversar contigo a respeito de um negocio muito grave e que póde influir extraordinariamente sobre o teu futuro.

DAMIANA.

Em tal caso apressa-te, meu bom Graciano ; não percas tempo ; o futuro é sempre tão facil de escapar-nos!...

GRACIANO.

Sim ; fallarei, apezar das tuas insuportaveis ironias. Desde algum tempo desejo encetar, e tenho sempre adiado esta conversação ; hoje, porém, as circumstancias urgem, e até essa terrivel scena que, ha poucas horas, aqui se passou, me excita a confiar-te um segredo gravissimo.

DAMIANA.

Nada receies : o teu segredo nunca poderá ser por mim revelado : eu te juro... posso jural-o até pela honra de meu pae.

GRACIANO.

Escuta : uma dôr profunda te abate... não o negues ; julgas que chegaste a uma situação desesperada sem recurso, sem regeneração possivel para ti : desprezada pelo mundo, amaldiçoada por teu pae e por tua irmã, vês o termo dos teus infortunios sómente bem tarde no descanso da morte : enganas-te, Damiana ; ha na terra um poder miraculoso que regenera o passado ainda o mais hediondo.

DAMIANA.

Como deve ser precioso o teu segredo, Graciano!...

GRACIANO.

Esse poder é a riqueza : o eucanto de ouro é irresistivel : o ouro purifica ainda mais do que o fogo : todos ou,

pelo menos, quasi todos rendem cultos á opulencia ; sublime, portentoso Lethes, que faz esquecer os vicios, a depravação e os crimes : sobre isto não se discute : é axioma : enriquece pois, torna-te millionaria, e eu te protesto que não sómente arranjarás um brilhante casamento para tua irmã, como tu mesma te poderás casar facilmente, achando só embaraços na escolha do melhor entre cem pretendentes.

DAMIANA.

Admiravel segredo foi o teu, Graciano!

GRACIANO.

Espera : o meu segredo consiste no meio seguro de te enriqueceres prodigiosamente e em pouco tempo.

DAMIANA.

Entendo : queres ensinar-me os mysterios do jogo que te faz nadar em rios de dinheiro ; queres ensinar-me a jogar e a ganhar sempre, industrializar-me na arte de arrancar da mina tremenda das cartas o ouro que a inexperiencia vem entregar ao empalmador... queres...

GRACIANO.

Não quero nada que com isso se pareça. Quem te fallou em jogo?... O jogo é algumas vezes o pretexto com que se esconde a verdadeira fonte de uma inexplicavel opulencia. Eu te asseguro que é outro, e esse infallivel, o meio que te quero ensinar para te achares millionaria em poucos mezes.

DAMIANA.

Espera até amanhã, e decidirás então se estou no caso de aprendel-o.

GRACIANO.

E pôrque não hoje e agora mesmo ?...

DAMIANA.

Porquê hoje sou eu que te quero dar um presente que deves partilhar com Leoncio de Almeida.

SCENA IV

DAMIANA, GRACIANO, e BEATRIZ apressada.

BEATRIZ.

D. Rosinha... D. Rosinha... meus Deus!...

DAMIANA.

E Leoncio de Almeida ?...

BEATRIZ.

Que pretendia fazer ?... que loucura é essa ?...

DAMIANA.

E Leoncio de Almeida ?...

BEATRIZ.

Não a deixarei mais um instante : protesto que não ha de matar-se.

GRACIANO.

Matar-se!...

DAMIANA.

Atreveu-se então a abrir o meu bilhete?...

BEATRIZ.

Eu não era capaz de o fazer ; mas encontrei o snr. Leoncio em casa, no meio de uma roda de rapazes, que ouviram lêr o seu bilhete em voz alta, e...

DAMIANA.

Acabe...

BEATRIZ.

E romperam todos os malvados em gargalhadas ; todos menos o snr. Leonel da Silva, que sahiu logo commovido e apressado.

GRACIANO.

Matar-se ! (Á parte.) Esta mulher vae servir-me perfeitamente!

DAMIANA.

E emfim... depois das gargalhadas... que mais?...

BEATRIZ.

Um dos rapazes escreveu esta carta que todos assignaram e ordenaram-me que lh'a viesse entregar com este outro papel. (Entrega a carta e um papel enrolado.)

GRACIANO.

Esta carta contem por força uma insolencia : não a leias.

DAMIANA.

Adivinho que desejas saboreal-a; toma-a pois; mas lê alto.

GRACIANO, recebendo a carta e o embrulho.

Era melhor não ler; como, porém, o exiges... (Lê.) « Bella moribunda, estás a exhalar o ultimo suspiro e chamas Leoncio para resuscitar-te : demora a catastrophe, prolonga a tua agonia até amanhã : esta noite Leoncio está comprometido com todos nós em um laísquet endiabrado ; mas se não podes esperar e queres a todo transe morrer abraçada com o feliz rapaz, em falta do original, consola-te com a copia que ali te mandamos, e que chegou, ha pouco, da photographia. JULIO ; CEZAR, AMADOR... »

DAMIANA.

Basta !... é demais !. (Senta-se irritada.)

GRACIANO desenrolando o papel.

O retrato de Leoncio de Almeida !...

BEATRIZ.

D. Rosinha... não faça caso... e sobretudo esqueça-se...

DAMIANA, levantando-se.

Deix-me!

BEATRIZ.

Eu me retiro ; mas voltarei, logo que o sr. Graciano sair. (Vae-se.)

III.

SCENA V

DAMIANA e GRACIANO.

DAMIANA.

É o justo castigo da mulher perdida! ninguém acredita nos seus sorrisos nem nas suas lagrimas : ninguém se move, nem ao seu grito supremo de desespero e de morte!

GRACIANO.

Regenera-te.

DAMIANA.

Insensato !

GRACIANO.

Que idéa estúpida de morte foi essa?... pensas em morrer aos vinte e sete annos de idade?

DAMIANA.

E tu fallas em viver á tua victima?... fallas em viver áquella que não póde mais amar nem ser amada, e cujo nome enche de opprobrio e de desprezo, e faz a desgraça dos seus ?...

GRACIANO.

Estás desarrazoando : raciocinemos friamente. Queres morrer, porque foste desditosa no amor que te inspirou Leonel da Silva...

DAMIANA.

Ah! pudesse eu ver Leonel da Silva ligado para sempre á minha irmã e saudal-os esposos no momento da minha morte! - eu não morro pelo amor, mato-me pelo opprobrio.

GRACIANO.

Queres pois morrer porque a fama do teu nome reflecte nos teus parentes; mas a tua morte não poderá lançar no esquecimento as tuas loucuras e a fama do teu nome ha de sempre obscurecer o futuro de tua irmã. (Damiana quer fallar; mas, como convencida do que ouviu, demonstra grande afflicção, e vai chorando lançar-se no sofá.) Confesso que concorri um pouco para a situação em que te achas; mas posso hoje remediar em parte o mal que fiz; anima-te: venho offerecer-te um recurso poderoso que te habilitará para fazer a felicidade de Christina, para dar descauso e tranquillidade aos ultimos annos de teu pae, para obrigar muitos dos que te humilham a vir prostrarem-se a teus pés, para te vingar enfim de Leoncio de Almeida e dos insolentes que...

DAMIANA.

Graciano!... (Beatriz se mostra observando da porta do fundo á direita.)

GRACIANO.

Pões em duvida o poder e a força magica da riqueza?...

DAMIANA.

Infelizmente... não.

GRACIANO.

Tu estás perdida e perdes os teus parentes: a tua morte

não te regenera nem os-salva, e uma riqueza colossal póde operar esses milagres... Isto é logico.

DAMIANA.

Viver! viver!... (Beatriz continua a observar)

GRACIANO.

É incomprehensivel a tua frieza!... Começo a desconfiar que nem amas bastante a tua irmã, nem aborreces como dizes a Leoncio de Alneida...

DAMIANA.

Mas uma riqueza dessas... onde se acha?...

GRACIANO.

Naturalmente em algum sitio perigoso : devo dizer que este negocio não honra muito áquelles que o fazem ; lembrou-me, porém, que no teu caso... Talvez não hesitasses em sacrificar mais um escrupulo pueril para fazer a fortuna de Christina ; porque emfim... perdido por um, perdido por dois e meio. (Beatriz continua á observar até o fim.)

DAMIANA.

A honra?... e posso eu zelar o que não tenho? Então... asseguras...

GRACIANO.

Que ha meios mysteriosos de se chegar de repente á opulencia...

DAMIANA.

E quaes são?... (Graciano vai fechar a porta que abro para a rua.)

GRACIANO.

Todos elles segredos terriveis, cuja revelação traçoçira sempre se paga com a morte.

DAMIANA.

Embora... não é a morte que me assusta... mas...

GRACIANO.

O meu segredo é uma inexgottavel mina; vés, porém, este punhal?... (Mostra.) A sua lamina está envenenada e um simples arranhão feito por elle mataria, como se fosse a dentada de uma serpente, o traidor que revelasse o mysterio de uma grande empreza.

DAMIANA.

É um crime... eu comprehendo... é talvez o roubo!...

GRACIANO.

Roubo?... como é isso?... pois tu me suppões ladrão?...

DAMIANA.

Fallavas de um modo...

GRACIANO.

Que te fez tremer : pois bem : tratemos de outro assumpto.

DAMIANA.

Não ; é certo que infallivelmente eu me acharei com recursos para enriquecer minha irmã?

GRACIANO.

No fim de poucos mezes.

DAMIANA.

Explica-te pois : aceita-rei tudo. Já te jurei pela honra de meu pae inviolavel segredo.

GRACIANO.

Bem : ficarás sendo socia de uma companhia a que pertença.

DAMIANA.

E que faz essa companhia ?

GRACIANO.

A melhor cousa possivel : faz dinheiro e introduz na circulação bilhetes de todos os valores.

DAMIANA.

Moeda falsa !

GRACIANO.

Chamam-lhe falsa, é verdade ; mas é tão boa como a do thesouro ; porque nem ha a menor differença no papel.

DAMIANA.

É um crime vergonhoso e abominavel !

GRACIANO.

Enganas-te : é uma industria que já tem posto de cá-saca fina a alguns sujeitos que andavam com os cotovelos rotos.

DAMIANA.

Graciano ! lembra-te do que eu te disse, ha nove annos : tu me has de ser fatal !

GRACIANO.

Com agilidade e prudencia tudo se consegue sem risco : o perigo só existe enquanto se arranja a fortuna ; realisada esta, é facto consummado : não se pedem contas ao passado, e trata-se com toda a consideração a Sua Excelencia o senhor millionario.

DAMIANA.

Mas é ignobil!

GRACIANO.

Não é. Chegou-nos, ha tres dias, de Portugal um thesouro immenso que é indispensavel fazer quanto antes circular : amanhã virei trazer-te uma linda caixinha, contendo nada menos que meio milhão de que te caberá uma grande parte.

DAMIANA.

Meio milhão... meu Deus!

GRACIANO.

N'estes casos chama-se antes pelo diabo.

DAMIANA.

Moeda falsa... um roubo...

GRACIANO.

E o prazer da felicidade de tua irmã?...

DAMIANA.

Christina!... E que importa uma infamia de mais?...
Graciano ! sou tua cumplice.

GRACIANO.

E's minha consocia. Até amanhã sem falta. Adeus.

DAMIANA.

Adeus.

GRACIANO, á parte e indo-se.

SCENA VI

DAMIANA e logo PEDRO NUNES.

DAMIANA.

Decididamente fiz uma aquisição prodigiosa. (Vae-se.)

A riqueza!... a riqueza para minha irmã!... Mas... este homem... este homem inspira sempre o mal... eu sinto que elle me atira ao crime... e parece-me ver a mão da justiça levantada sobre a minha cabeça... não... não ousarei... é muito melhor acabar de uma vez... sim... antes morrer... mas... minha irmã... tão pobre e tão compromettida pela minha degradação!... é necessario ter coragem... que arrisco eu, quando nada mais posso perder?... Eu já não tenho nem futuro, nem esperança, nem amor, nem ao menos, meu Deus, nem ao menos a benção e o perdão de meu pae...

PEDRO, agitadoissimo.

Minha filha!... (Correndo a ella.)

DAMIANA.

Ah!

PEDRO, apalpando-lhe a fronte, os pulsos, etc.

Damiana! Damiana! olha-me... falla, Damiana... falla...
 Ah! dize-me que não ousaste... que cheguei a tempo.

DAMIANA.

Não estarei sonhando?... não?...

PEDRO.

Minha filha... responde-me... tu... não tentaste contra
 a tua vida!... não tomaste veneno!... falla... tu... não
 vaes morrer...

DAMIANA, com ardor.

Não!... não!...

PEDRO.

Graças a Deus!... minha filha! (Abrindo os braços.)

DAMIANA.

Meu pae!... (Abraçam-so.)

PEDRO.

Damiana!... minha filha!...

DAMIANA.

Será possível?... será possível?...

PEDRO.

A colera, a vergonha, o desespero inflammavam a mi-
 nh'alma... eu estava ainda de joelhos... de joelhos desde

que tinha chegado a minha casa, e rezava deante de uma imagem sagrada... Era um sacrilegio; mas eu rezava pedindo ao céo a tua morte, pedindo um raio que te fulminasse de subito... ouvi bater a porta... levantei-me... vi entrar um mancebo, que, fallando-me commovido e tremendo, pronunciou o teu nome, e logo depois as palavras sinistras... veneno... suicidío... morte...

DAMIANA.

Leonel da Silva!...

PEDRO.

Não quiz, não pude ouvir mais... senti o castigo do céo punindo a minha oração sacrilega, e eu, eu que acabava de rezar, imprecando a tua morte, corri, chorando desabridamente... corri para te pedir de joelhos a tua vida, porque emfim... desgraçada... perdida... manchada pelo vicio... eu sinto no coração que tu és sempre minha filha, e quando o mundo te despreza e te condemna, eu, eu que sou teu pae, eu te amo sempre! aprezar de tudo, sempre!

DAMIANA.

Então, meu pae ama-me ainda!... eu não sou mais uma filha amaldiçoada!...

PEDRO.

Não... não : o mundo póde ser implacavel com a mulher que se deixa perverter; mas no seio de um pae o perdão está sempre guardado para a filha arrependida. O arrependimento sincero que purifica todas as creaturas aos olhos de Deus, deve tambem purificar as filhas crimino-

sas aos olhos de seus paes. Damiana, o suicidio é um crime execravel: d'esta vez, porém, a sua idéa foi a expressão suprema do horror que te causa a tua vida passada... Projectando matar-te, quebraste os laços que te prendiam ao vicio: estás morta para o mundo; mas resuscitaste para mim purificada pelo arrependimento, abençoada pelo meu amor!

DAMIANA, de joelhos, beijando a mão de Pedro.

Abençoada! abençoada! que me importa agora o mundo?
(Levanta-se) Meu pae nem comprehende o que era a sua maldição! A maldição de um pae é a praga tremenda que se levanta na terra, e é repetida por um écho medonho no céu; é um flagello incessante que noite e dia atormenta a filha infeliz; é como um espirito malefico que se apodera da misera, impelle-a sempre para o infortunio, obscurece-lhe a razão para arrastal-a ao vicio e atiral-a no golfão das desgraças; é... meu pae! a maldição que cahiu sobre a minha cabeça, me perseguiu nove annos, e me fez soffrer nove seculos!...

PEDRO.

Desgraçada! não sabias o que é o amor de um pae e como se faz sentir e se exprime diversa e infinitamente. O amor de um pae tem risos, lagrimas, doçuras, amargores, imprecações, violencias e perdão; mas é sempre o mesmo amor. A impertinencia de um pae é o seu amor que vigia; o resentimento de um pae é o seu amor que tem zelos; a colera de um pae é o seu amor que estremece; a maldição de um pae é o seu amor que desvaira; imper-

tinencia, porém, ressentimento, colera e maldição é tudo e sempre amor! Eu te amo, minha filha!...

DAMIANA.

Meu pae!... meu querido pae!...

PEDRO.

Tens soffrido, tens errado muito, eu sei; mas eu também tenho muito de que pedir perdão a Deus. Um homem perverso te havia seduzido: eras apenas uma pobre victima, e teu pae que podia ainda impedir a tua completa perdição, cego de raiva, publicou o teu erro, e te abandonou ao escarneo e á depravação do mundo! Tinhas cahido e ias-te despenhando n'um precipicio; mas estendias ainda os braços para fóra, pedindo-me soccorro, e eu, eu agarrei-te pelos braços, e em vez de salvar-te, arrojtei-te no fundo do abysmo!...

DAMIANA.

Não: meu pae me tinha dado a educação da virtude, e eu menti a todas as suas esperanças.

PEDRO.

Basta. A sepultura que devia receber o cadaver da suicida, sirva para encerrar essas amargas lembranças. Renasceste para teu pae e tua irmã. Iremos nós tres viver juntos e escondidos em algum retiro solitario e tranquillo, onde niuguem possa ir perturbar a nossa felicidade, recordando-nos as tuas faltas. Já temos chorado muito, minha filha; o céo se compadeceu de nós... Volta! sim! volta aos braços de teu pae!... (Damiana corre a abraçar Pedro e pára.)

LUSBELA

85

CEZAR, dentro.

Requiescat in pace.

VOZES, dentro.

Amen.

DAMIANA, correndo a trancar a porta.

Oh !

PEDRO.

Que significa isto ?

DAMIANA.

De certo alguns miseráveis que vêm zombar de mim.

CEZAR, dentro e batendo á porta.

A porta inferi...

VOZES, o mesma.

Amen.

PEDRO.

Desgraçada !...

CEZAR, dentro.

Abre, Lusbelá ; queremos entoar-te um *De profundis*
em regra.

DAMIANA.

Não entrareis !

AMADOR, dentro e continuando a bater.

Surrexit!... Alleluia!...

VOZES, o mesmo.

Alleluia !... Alleluia !...

JULIO, dentro.

Se teimas em não abrir, participaremos ao inspector de quarteirão que se deu um caso de suicidio e irá a porta abaixo.

PEDRO.

É de mais !... (Sentando-se.) Ella tinha razão de querer matar-se !...

DAMIANA.

Meu pae !...

CEZAR, dentro.

Ouço vozes dentro ; deixe-me observar : lá descubro um venerando cidadão de cabellos brancos...

AMADOR, dentro.

É algum velho usurario que se deixa depennar pela sublime Lusbela...

DAMIANA.

É soffrer muito !... muito !... (Atira-se em uma cadeira.)

CEZAR, dentro.

Abre, Lusbela ; queremos conhecer o teu novo amante!

PEDRO, levantando-se e abrindo a porta.

Entrae, pois, e conhecei-o !...

SCENA VII

DAMIANA, PEDRO NUNES, CEZAR, AMADOR, JULIO, LEONCIO
DE ALMEIDA, e CAVALEIROS.

LEONCIO.

Pedro Nunes!...

PEDRO.

Sim! Pedro Nunes, elle mesmo ; o pae d'essa mulher infeliz a quem chamaveis Lusbelá e que d'ora avante volta a chamar-se Damiana ; seu pae... entendestes?... sou seu pae, isto é, o protector que lhe deu a natureza, seu pae, o velho que saberá remoçar, se fôr preciso, a força do seu braço para defendel-a ; seu pae, o coração que soffre por ella ; seu pae, que morrerá tentando despedaçar aquelles que ousarem maltratal-a!...

CEZAR.

Seu pae!...

AMADOR.

Basta uma tal declaração para provar-nos a sua coragem.

PEDRO.

Que vos admira?... É uma mulher perdida, eu o sei ; mas é minha filha. Não voltejs os olhos com essa mentirosa expressão de piedade ; porque devieis começar por

ter piedade de vós mesmos. Ha homens mais devassos do que essas mulheres, como foi Lusbela : não vos conheço, felizmente, não vos conheço ; mas deveis ser d'esses, porque trazeis na face e no procedimento os signaes da crapula, do escandalo e da orgia!...

LEONCIO.

Excellent!... Lusbela descubriu um novo meio para attrahir-nos á sua casa!...

PEDRO.

A mulher que se deprava é ainda menos ignobil do que o homem que prostitue a sua alma! não vos conheço, repito ; mas o senhor (a um) condemna talvez a esposa fiel dedicada a uma vida de afficção e de lagrimas, deixa em abandono a educação dos filhos, e desbarata em bacchanas indecentes a riqueza que empolgou em um casamento sem amor... é um devasso (A outro.) O senhor falsificou talvez a firma de seu pae para arrancar de um usurario o dinheiro que perde ao jogo e que atira no sorvedouro dos vicios mais vergonhosos ; e amanhã o usurario irá tirar o ultimo recurso ao auctor de seus dias, e este e sua mãe morrerão de miseria e de fome... é tambem um devasso! (A Leoncio.) O senhor... (reconhece-o.) oh!... o senhor é talvez... é um... é... (Não póde fallar e enfim diz com os dentes cerrados) é a infamia!...

CEZAR, suspendendo Leoncio, que avançava colerico.

Nada de violencias. Temos uma excellente desfórra á tirar d'este velho que nos insultou a todos. Sr. Pedro

Nunes, recebemos, ha pouco, o annuncio do suicidio premeditado por Lusbela, e pondo termo a um ardente lansquenet, passámos pela sua casa para prevenil-o da catastrophe horrorosa ; alguém da vizinhança nos disse que o snr. tinha sahido, e veiu-nos a idéa feliz de attrahir a esta casa a formosa irmã da defunta Lusbela.

PEDRO.

Christina !

CEZAR.

Em um *post-scriptum* no bilhete annunciador do romancsco suicidio, escrevemos duas palavras, dizendo que o snr. Pedro Nunes aqui se achava abraçado com o cadaver de sua filha e quasi louco de dôr. O bilhete foi entregue : é impossivel que a linda rapariga não venha acudir a seu pae e por tanto... (A Pedro.) Conte connosco !... dar-lhe-hemos uma bella festa.

PEDRO.

Minha filha !... Christina !... (Querendo sahir.)

AMADOR.

Não ha de sahir !... (Cercam a porta.)

PEDRO, furioso e tentando debalde sahir.

Devassos !... devassos !...

SCENA VIII

DAMIANA. PEDRO NUNES, CEZAR, AMADOR, JULIO, LEAO,
LEONCIO DE ALMEIDA, CAVALHEIROS, CHRISTINA, e logo
LEONEL DA SILVA.

CHRISTINA. apparecendo á porta.

Meu pae!... (Voltam-se todos.)

PEDRO, correndo a recebel-a e tirando-a do lado dos mancosos.

Minha filha!...

CHRISTINA.

Minha irmã!... (Abraçando Damiana.)

DAMIANA.

Christina!

LEONCIO.

Viva a alegria!...

CEZAR.

Sim, viva! mas tambem pague a bella menina a cada
um de nós com um abraço a agradavel surpresa que nos
deve...

OS OUTROS.

Apoiado! apoiado!...

CEZAR.

Eia!... eu serei o primeiro! venha o meu abraço...

PEDRO, deante do Christina.

Ninguém ouse!...

OS MACEBOS.

Um abraço! um abraço!...

PEDRO.

Ai d'aquelle que se atrever a aproximar-se de minha filha!... julgaes quo podeis zombar impunemente da fraqueza de um velho ; mas esqueceis que este velho é um pae e que...

OS MACEBOS, quereudo aproximar-se.

Um abraço!... um abraço!...

PEDRO, indo tomar uma cadeira.

Homens, sem pudor e sem honra!... (Cáe-lho a cadeira das mãos.) Minhs filha... ah!... (Desmaia.)

DAMIANA e CHRISTINA, soccorrendo-o.

Meu pae!

LEONEL, entrando o mostr.ando-se junto do Pedro.

Talvez tenhaes conseguido matar o pae ; mas nem assim conseguireis insultar a filha!...

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

Sala interior na casa de Damiana. Portas lateraes e ao fundo.
Mobilia e ornatos de riqueza e bom gosto. É noite; luzes.

SCENA PRIMEIRA

O MEDICO, que logo se retira; DAMIANA e CHRISTINA, sahindo
todas da porta do fundo.

DAMIANA.

Então, snr. doutor! então?...

MEDICO.

Tranquillisen-se : tenho toda a esperança de salv-o.

DAMIANA:

Esperança?... ha portanto ainda alguma duvida?...

MEDICO.

A commoção que seu pae recebeu foi muito forte; mas elle tem uma organisação de ferro, e ha de restabelecer-se. É provavel que lhe torne a febre e o delirio; conto, porém, que não soffrerá um terceiro accesso; soceguem pois: respondo pela vida de seu pae. Até logo; voltarei dentro de uma hora.

DAMIANA.

Até logo. Não nos desampare. *(Vae-se o medico.)*

CHRISTINA.

Damiana! Deus nos conserva o nosso querido pae!... é uma felicidade immensa!...

DAMIANA.

Merecemol-a sómente pela tua virtude, Christina: o raio do favor do céo passou por mim e tocou-me, porque devia chegar a ti.

CHRISTINA.

Minha irmã!...

DAMIANA.

Tenho sido tão má, que só me é dado esperar na terra; o perdão dos meus parentes, e do céo a misericordia de Deus; sinto, porém, um arrependimento profundo, e meu bom pae ha de viver para abençoar-me todos os dias na vida que me espera.

CHRISTINA.

Serás ainda feliz, Damiana.

DAMIANA.

Sim; mas só pela vossa felicidade : por mim... nada mais tenho... nada mais posso... nada mais mereço. Ha no mundo uma degradação, que para a mulher é quasi a morte. Repara bem, Christina ; olha : sou moça ainda ; ambas nós somos bellas ; tu, porém, és um anjo, e... eu sou... ((Chorando.) Ah ! eu já não sou cousa alguma.

CHRISTINA.

Minha irmã... choras com esse amargor, quando nosso pae começa a melhorar ?...

DAMIANA.

Tens razão : devo occupar-me exclusivamente d'elle e de ti ; são os unicos amores que eu posso cultivar na terra : os unicos ! e por meu pae eu farei tudo... e por ti, minha irmã... nem pensas...

SCENA II

DAMIANA, CHRISTINA e BEATRIZ, que logo se retira.

BEATRIZ.

D. Rosinha, está ahi o snr. Leonel da Silva...

DAMIANA.

Leonel... (Á parte, observando Christina.) Estremecemos ambas... ella de amor... e eu... (A Beatriz.) Faça entrar o snr. Leonel para esta sala. (Vac-se Beatriz.) Christina, eu

sinto-me doente, e não posso fallar a pessoa alguma. Vou descansar um pouco perto do leito de meu paé : recebe o snr. Leonel e desculpa-me.

CHRISTINA.

Mas, Damiana, eu não devo... o snr. Leonel...

DAMIANA.

E um homem de bem : pódes recebê-lo... pódes, Christina!... (Á parte e indo-se). Quem o não póde, sou eu... (Vae-se.)

SCENA III

CHRISTINA, e logo LEONEL DA SILVA.

CHRISTINA.

Se ella soubesse... mas porque me sinto perturbada... quasi que tenho medo... eu nunca lhe fallei a sós... não sei que lhe hei de dizer...

LEONEL.

Minha snra.

CHRISTINA.

Snr. Leonel...

LEONEL.

Um sincero cuidado explica a liberdade que tomei, vindo pedir noticias do estado do snr. Pedro Nunes.

CHRISTINA.

A noite e o dia passados foram de graves temores para nós ; agora, porém, desde que anoiteceu, meu pae soce-gou, a febre e o delirio desappareccram, e succedeu-lhes um somno tranquillo.

LEONEL.

Ainda bem !

CHRISTINA.

Soffremos tanto que minha irmã se acha incommodada, e pediu-me que a desculpassê.

LEONEL.

Felicito-a pelas melhoras de seu pae, e pois que elle se acha livre de perigo, peço licença para occupar por momentos a sua attenção com um assumpto importante e que a ambos nos interessa.

CHRISTINA.

Sur. Leonel...

LEONEL.

Christina ; encontrei-a um dia no caminho da minha vida, e vivamente impressionado da sua belleza, procurei conhecê-la ; encantou-me a dedicação da linda menina que com o seu trabalho sustentava seu pae enfermo e velho ; encantou-me a sua innocencia e pureza ; amei-a com ardor e paixão e merecendo a gloria de ser correspondido, prometti-lhe solemnemente pedil-a em casamento, e dar-lhe a minha mão e o meu nome : ancioso contava os

dias á espera d'aquelle em que devia cumprir o voto suave do meu coração ; desde hontem porém...

CHRISTINA.

Desde hontem...

LEONEL.

Christina ; hontem eu a encontrei n'esta mesma casa no meio de uma companhia repulsiva, e tive de vel-a, pobre innocente, cahida e humilhada pela culpa de outra ! Hontem repetíram a meus ouvidos uma verdade cruel e eu reconheci que amava e amo ainda a irmã de Rosa Lusbela. (Apparece Damiana ao fundo.)

CHRISTINA. com um gemido e confundida.

Ah!

LEONEL.

Sua irmã é a mais desgraçada das mulheres ; perdão ; mas é indispensavel que eu lhe diga o que em sua candura talvez não comprehendesse ainda. Sua irmã, victima de um seductor, e abandonada na sua queda, perdeu-se, Christina, perdeu-se entregando-se a uma vida de inauditas loucuras, e hoje e desde muito Lusbela é a alcunha terrivel que faz lembrar...

CHRISTINA.

Eu já sei tudo... snr. Leonel... poupe-me.

LEONEL.

No fundo do coração de Damiana ha sentimentos que admiram ; mas o seu descredito e o desprezo profundo

com que a sociedade a castiga, são tão manifestos e tão fataes, que chegam a reflectir em sua familia.

CHRISTINA.

Basta ; eu adivinho o que pretende dizer-me : submetto-me ao meu destino ; mas... por quem é... não humilhe a mulher que amou alguns dias.

LEONEL.

Não adivinha, não, Christina, não conhece bem o homem que a amou e cada vez mais ardentemente a ama : ouça-o pois ainda.

CHRISTINA.

Não... Leonel... tenha piedade de mim !

LEONEL.

Ouçã : o nosso amor já deixou de ser um mysterio : muitos o-conhecem. Sabemos ambos que nem ao menos as nossas mãos se tocaram ainda ; mas o mundo é aleivoso e mordaz, e se os uossos destinos não se ligarem, a sua reputação poderia ser mordida pela calumnia.

CHRISTINA.

E a irmã de Lusbela como poderia fazer a felicidade do homem que lhe accendeu n'alma o primciro e derradeiro amor !...

LEONEL.

O dever me impoz a triste necessidade de esclarecel-a sobre as circumstancias em que nos achamos. Amo-a cada vez mais, Christina, e não hesito em realizar o

nosso casamento. Entraremos em lucta com a sociedade, que não perdôa a vida escandalosa de sua irmã : soffremos os ataques da murmuração, da inveja e da maldade : nos theatros e nas assembléas, ouviremos, quando passarmos, pronunciarem sorrindo o nome de Lus-bela : eu sou homem ; adoro-a, Christina, resistirei pois corajoso a todos esses tormentos, e serei plenamente feliz com o seu amor ; minha esposa, porém, amar-me-ha bastante para não ser infeliz ?....

CHRISTINA.

Não : já o disse : Lusbela nos separa : o meu amor não foi um fingimento vil e interesseiro : amo-o de todo o coração, Leonel, e porque o amo, não tolero a idéa de tornal-o desditoso. Um dia arrepender-se-ia de ter casado comigo.

LEONEL.

Nunca !

CHRISTINA.

Não quero que a sociedade o lamente por haver desposado a irmã de Lusbela. Separemo-nos : é inevitavel ! é a minha doce e unica esperança que morre !... separemo-nos e para sempre !... guarde, porém, a lembrança de Christina, Leonel, e alguma vez se reçoerde do seu amor tão puro e tão desinteressado, que não acceitou o sacrificio do seu futuro para poupar-lhe arrependimento e tristeza ; lembre-se de Christina, que preferiu uma vida de amargura e de lagrimas á satisfação dos seus mais ardentes anhelos com a humiliação de Leonel.

LEONEL.

Christina !...

CHRISTINA.

Está tudo acabado entre nós. Se realmente ainda pôde amar-me, fuja ! não torne mais a ver-me... e adeus !...

LEONEL.

Seja minha esposa, e desprezemos o mundo !

CHRISTINA.

Não : adeus !...

* LEONEL.

Pois bem : eu partirei, mas com a esperança da que mais tarde seremos ainda felizes : jure-me que me conservará o seu amor, que não será esposa de outro homem ; como eu lhe juro que não amarei, que não desposarei outra mulher !...

CHRISTINA.

Sim... isso eu posso jurar... eu o juro !...

LEONEL.

Christina !...

CHRISTINA, estendendo-lhe a mão.

Adeus, Leonel !...

LEONEL, beijando-lhe a mão.

Eu voltarei !... serás minha !...

CHRISTINA.

Adeus !... (Damiana ajoelha-se do lado da porta da saída.)

LEONEL.

Adeus!... (Voltando-se para partir.)

SCENA IV

CHRISTINA, LEONEL DA SILVA, e DAMIANA

DAMIANA, chorando e com os braços levantados.

Não partirá, snr. Leonel!...

LEONEL.

Damiana!...

CHRISTINA. indo levantal-a.

Minha... irmã.

DAMIANA, beijando-lhe a mão.

Obrigada... Christina ; mas o snr. Leonel da Silva não partirá. A Lusbelá de outr'ora já não existe : o espectro que espantava este santo amor, vae desaparecer, snr. Leonel ; se a triste memoria do meu passado póde ser menos sinistra, desde que eu fugir para sempre do theatro das minhas desordens, e dos olhos de todos os homens, espere alguns dias, e será feliz casando com a sua amada.

LEONEL.

Christina!...

CHRISTINA.

Não ; é impossivel!...

DAMIANA.

Impossível?! meu Deus! pois o mundo é tão implacável que não reconhece a virtude de uma donzella candida e pura, quando esta é irmã de uma mulher que se deixou perverter?... que vale então a virtude se a fulminam de envolta com o vicio?... Leonel, eu vou fugir para uma solidão ignorada de todos... far-se-ha correr a noticia da minha morte... ninguem tornará a ver Lusbelá. (Chorando.) Morta para o mundo, eu viverei, se quizeres, ainda alguns annos para meu pae : Leonel, casar-te-has com Christina... e um dia em cada anno... uma hora só de dois em dois annos... um unico momento em todo o resto da minha vida, irás por compaixão ao meu abrigo solitario, para que eu te beije a mão, Leonel!... para que eu te beije os pés, Christina!...

CHRISTINA.

Minha irmã!...

DAMIANA.

Não partirás, Leonel!...

LEONEL.

Sim... eu ficarei, eu serei o feliz esposo de Christina!...

CHRISTINA.

Não! não!... a sociedade não perdoa... o mundo nos separa...

DAMIANA.

Christina! és tu que insistes em rejeitar a dita que o

céo te offerece e que faria a minha consolação? .. ouve pois : meu pae está alli prostrado em um leito... a sua vida corre perigo ainda, e eu invoco a Deus, e peço-lhe que me escute : casar-te-has com o snr. Leonel da Silva... e se não cedes aos meus rogos, morra meu pae esta noite, se esta noite eu não puzer um termo aos meus dias!

CHRISTINA.

Damiana !...

SCENA V

CHRISTINA, LEONEL DA SILVA, DAMIANA e GRACIANO
trazendo uma caixinha.

GRACIANO.

Vou entrando sem cerimonia.

DAMIANA.

Snr. Graciano...

GRACIANO, *comprimentando.*

Boa noite, minhas snras! snr. Leonal da Silva! soube que o nosso bom velho ia muito melhor, e julguei por isso que não seria impertinencia trazer á nossa bella Damiana a caixa de joias que desde hontem ella espera com tanto ardor...

DAMIANA.

A caixa de joias!...

LEONEL.

Sou obrigado a retirar-me : já importanei demasiadamente as snras...

DAMIANA.

Não... não... ou pelo menos prometta-nos que voltará em breve. Christina, pede ao snr. Leonel que venha... bem cedo...

CHRISTINA.

Até amanhã, snr. Leonel...

LEONEL.

Sim, minha snra; (a Christina.) voltarei amanhã, Christina... (Vai-se.)

CHRISTINA.

Com licença... devo ir para junto de meu paê. (Vai-se)

SCENA VI

DAMIANA e GRACIANO.

GRACIANO.

Adivinharam que precisavamos ficar sós. Recebeste o meu bilhete ?...

DAMIANA.

Recebi... mas...

GRACIANO.

Mas não podes aproveitar-te do convite, porque o estado em que se acha teu pae o não permite : paciencia : não te faltarão occasiões de prestar-nos bons serviços : o baile já deve ter começado, e eu não posso demorar-me. Aqui tens o cofre que contem os bilhetes do nosso thesouro, e eis a chave que o abre : (Apresenta.) Fiz prendel-a em um trancelim de ouro para que a pudesses trazer ao peseço e nunca te separasses d'ella.

DAMIANA.

Pensei melhor, Graciano ; eu não quero comprometter-me n'essa empreza criminosa.

GRACIANO.

Como?... que idéa é essa? creio que estás gracejando.

DAMIANA.

Arrependi-me ainda a tempo; tornarás a levar o teu cofre.

GRACIANO.

Não sabes o que estás dizendo : desde hontem pertences á nossa companhia.

DAMIANA.

Quando assim fosse, desde hoje deixaria de pertencer-lhe.

GRACIANO.

Euganas-te : a nossa companhia é um céu aberto que se parece muito com o inferno de Dante. Quem lá entrou

uma vez, não póde mais sahir : *Lasciate ogni speranza, o voi che entrate!* Creio que sabes italiano.

DAMIANA.

Sei, ainda melhor, que sou snra. da minha vontade, e que ninguem tem o direito de obrigar-me a commetter um crime...

GRACIANO.

Damiana, o assumpto é muito melindroso : conheces o nosso segredo e poderias perder-nos com uma palavra...

DAMIANA.

Jurei pela honra de meu pae não revelar esse segredo.

GRACIANO.

É que eu não posso tranquillisar os meus companheiros com promessas vãs : é preciso que te compromettas ao menos um dia : farás depois o que te parecer.

DAMIANA.

Já decidi : não quero.

GRACIANO, á parte.

É sem duvida a molestia do pae que lhe tem voltado a cabeça... mas eu hei de chamal-a a razão, e compromettel-a.

DAMIANA.

Comprehendes que eu deseje estar ao lado de meu pae...

GRACIANO.

É só a tua insistia que me tem demorado aqui. Acabe-

mos com isto : eu não quero expor-te desde hoje ao resentimento da companhia : conversaremos mais longamente amanhã : no entanto guarda-me este cofre que não posso levar comigo.

DAMIANA.

Esse cofre encerra a prova de um crime que não cometti. Não o guardarei.

GRACIANO.

Damiana ! tu me provocas !... mas... que gemido foi este ?...

DAMIANA.

Um gemido... meu pae !... (Corre para o quarto.)

GRACIANO.

Aqui lhe deixo o cofre e a chave. Conheço Damiana ; dentro em poucos dias será completamente nossa. (Vac-se, deixando sobre a mesa a caixinha e a chave.)

SCENA VII

DAMIANA e logo BEATRIZ.

DAMIANA.

Não foi meu pae que gemeu : mas... Graciano retirou-se, deixando-me a caixa de bilhetes falsos : intenta assim obrigar-me a tomar parte no seu crime. Este cofre não deve ficar em minha casa... posso destruí-lo... vou lançá-lo ao fogo... porém, não : eu confundirei Graciano. Meu

pac dorme socegradamente : em uma hora, posso apresentar-me no baile, entregar deante de todos o cofre de... *joias* a esse homem fatal, e voltar sem receio e pela primeira vez contente de mim. (Põe a chave ao pescoço.) Eu o farei...

BEATRIZ.

D. Rosinha, que destino daremos a este retrato que desde hontem anhela rolando pela sala?... (Mostra o retrato do Leoncio.)

DAMIANÁ.

Que tenho eu com esse retrato!... mande deital-o fóra. (Vae-sc.)

SCENA VIII

BEATRIZ e logo CHRISTINA.

BEATRIZ.

Um retrato tão bonito! caprichos de Lusbela : despreza hoje aquillo por que se apaixonará amanhã. Foi sempre assim. Não me animo a deitar fóra este retrato : vou deixal-o sobre a mesa. (Colloca-o sobre a mesa.) Que caixinha tão linda!... (Observando.) Ah! querem ver!... é a caixinha que o snr. Graciano ficou de trazer... e que deve estar cheia de bilhetes falsos... não é talvez... é com certeza. A chave é sem duvida aquella que D. Rosinha prendia ao pescoço, quando eu entrei. Que excellentes novidades! o snr. Leoncio de Almeida pagar-me-ha as noticias d'esta

noitê pelo dobro do que me deu em premio das que lhe fui levar hoje de manhã. Vou de um salto á casa d'elle.

CHRISTINA, assustada.

Onde está minha irmã?...

BEATRIZ.

Provavelmente no seu quarto.

CHRISTINA.

Vá chamal-a depressa...

BEATRIZ.

Ha alguma cousa de novo?...

CHRISTINA.

Meu pae começa a mostrar-se agitado... a febre reapareceu outra vez...

BEATRIZ.

Póde ser que esteja exagerando algum pequeno incommodo... não se assuste...

CHRISTINA.

Vá chamar minha irmã...

BEATRIZ.

Espere... deixe-me ver... Talvez nada seja e eu possa socegal-a. (Entra no quarto.)

CHRISTINA.

Meu bom pae!... que será de mim, se elle me falta?... Oh! pudesse eu ter-me enganado!... o medico disse que respondia pela sua vida; mas os medicos se enganam... e

esta afflicção que eu sinto... (Vendo Beatriz quo volta.) Então?...
então?...

BEATRIZ.

Tornou a febre com effeito... creio que começa o deli-
rio...

CHRISTINA, afflictissima.

Meu pae!...

BEATRIZ.

Não se afflija... eu vou chamar sua irmã...

CHRISTINA.

Não... não... corra antes a procurar o medico...

BEATRIZ.

Tem razão; eu vou. (Vac-se.)

CHRISTINA.

Meu pae!... (Vae á porta do quarto.) Elle falla... agita-se...
é o delirio!... meu Deus!... tende piedade de uma triste
filha!... não me priveis do meu bom e carinhoso pae!...
salvae-o, meu Deus!... oh! meu pae!... (Corre para o quarto.)

SCENA IX

DAMIANA, vestido para ir ao baile, trazendo flores de brilhantes
no cabello, adereço, pulseiras, etc., e logo CHRISTINA.

DAMIANA.

Eis-me prompta. (Tira o tranclim que prende a chave e ata-o em
uma das argolas da caixa do bilhet

Quero, porém ver meu pae

antes de sahir. (Toma a caixa e vai entrar no quarto e vê Christina que sáe.) Christina!... que é isto!... que ha?...

CHRISTINA.

É a febre... o delirio... nosso pae está mal!...

DAMIANA.

Oh!...

CHRISTINA.

Desde hontem eu tenho o presentimento de uma grande desgraça!...

DAMIANA, querendo ir ao quarto.

Meu pae!...

CHRISTINA, suspendendo-a.

Oremos a Deus para que nosso pae nos seja conservado!... rezemos, Damiana!...

DAMIANA.

Rezemos, sim!... e Deus piedoso nos escute!... (Ajô-ham-se.)

SCENA X

DAMIANA, CHRISTINA e PEDRO NUNES, que entra delirante.

PEDRO.

Eu te obedeço, minha mãe! depressa! depressa! quero salvar minha filha!...

CHRISTINA, correndo a Pedro.

Meu pae, que fez?... porque se levantou?...

PEDRO.

Não és tu... não... é a outra... é a outra que está manchada pelo vicio e escravizada pelo demonio... eu quero salvá-la... deixa-me...

DAMIANA.

Que tormento!...

PEDRO.

Não viste minha mãe?... Ella esteve junto de mim... fallou-me... levantou-se da sepultura em que dorme o somno da morte, e veio apparecer-me... eu a vi... beije, a sua mão que era fria como o géllo... escutei a sua vozi que parecia um longo gemido...

CHRISTINA.

Meu pae!...

PEDRO.

Minha mãe está ali... não vês?... a sua sombra me acompanha... olha! eil-a aqui!... seus olhos se embebem no meu rosto... suas mãos brancas e trémulas se estendem para mim!... seus labios pallidos se entreabrem... a sua voz está soando... não ouves?... ella está dizendo que o demonio atormenta Damiana... que a opprime prendendo-se em cadeias de ferro... que depois de manchá-la com a ignominia do vicio, quer arrastá-la para o crime... vê... repara... minha mãe treme convulsa... seus cabellos se eriçam; os seus braços se agitam... a sua voz é

agora um grito?... ella me está bradando que eu salve Damiana... eu corro... quero salvar-a... minha filha... onde está minha filha?... (Vendo Damiana.) Emfim!... é ella!... é ella mesma!... Damiana!...

DAMIANA.

Meu pae!

PEDRO.

Sim... teu pae... teu pae... que vem salvar-te... não falles... minha mãe está alli... espera que eu te salve para recolher-se á sepultura... é preciso respeitar o descanso dos mortos... minha mãe quer dormir... deixa que eu te salve... depressa... depressa...

CHRISTINA.

Voltemos para o seu quarto, meu pae!

PEDRO, mostrando Damiana.

Eis ahi os tormentos do inferno!... estás vendo nos seus cabellos essas flores de brilhantes... no seu pescoço um fio de perolas... nos seus braços pulseiras?... Oh! (Arrancando e atirando fóra.) Não são flores nem brilhantes, é uma corôa de espinhos tecida pela seducção para despedaçar a cabeça de minha filha... Não são pulseiras, são as algemas do vicio, que lhe arrocham os pulsos... não é fio de perolas, é o barão do opprobrio que a está affogando... longe!... longe, torturas execraveis!...

DAMIANA.

Por compaixão!...

PEDRO, tomando a caixa que Damiana ainda tem nas mãos.
Estás vendo este cofre?...

DAMIANA.

Não... piedade, meu pae! dê-me essa caixa...

PEDRO.

Depressa... depressa... minha mãe quer dormir... é preciso que eu te salve depressa!...

DAMIANA.

É uma caixa de joias...

PEDRO.

Não... é o cofre que contem o veneno do inferno! es-cuta. . minha mãe o está dizendo... é um veneno terrível que te faria morrer em convulsões medonhas... é ve-neno!...

CHRISTINA.

Meu pae!...

PEDRO, agitado e girando pela scena.

Depressa! depressa... eu quero salvar minha filha!...

DAMIANA, seguindo a Pedro.

Não... essa caixa!... nunca!...

PEDRO.

Ninguém lhe toque!... Ninguém lhe toque!...

DAMIANA.

Eu a quero... arrancar-a-hei das suas mãos...

PEDRO.

Não!... não!... (Entra na quarto. Damiana e Christina a seguem.)

SCENA XI

PEDRO NUNES sae do quarto; repelle as filhas, tranca a porta e vae trancar as outras portas.

PEDRO.

Não! é o veneno do inferno!... minhas mãos estão abrazadas... é este cofre que me está queimando: embora... eu quero salvar minha filha... depressa... depressa...

DAMIANA e CHRISTINA, dentro batendo na porta.

Meu pae!... Meu pae!...

PEDRO, põe a caixa sobre a mesa, abre-a, pega em uma luz e observa.

Eil-o!... é o veneno do inferno!... (Volta a cabeça e parece fallar á sombra da mão, acompanhando com os olhos a sombra, que elle suppõe retirar-so: a mão que segura o castiçal deixa este ir-se inclinando de modo que a luz vae quasi tocando a caixa.) Podeis dormir, minha mãe... eu vou salvar Damiana...

DAMIANA e CHRISTINA, batendo na porta.

Meu pae!... meu pae!...

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO IV

A mesma sala do acto anterior; a caixa dos bilhetes está sobre a mesa, mas não conserva a chave; o retrato de Leoncio de Almeida não está mais sobre a mesa.

- _____

SCENA PRIMEIRA

DAMIANA, e o MEDICO, saem do quarto do fundo.

MEDICO.

Que lhe dizia eu, minha snra. ?... ainda receia alguma coisa ?...

DAMIANA.

Não voltará mais a febre ?...

MEDICO.

Não; póde ter a certeza disso : no emtanto seria conve-

niente, como já aconselhei, que seu pae fôsse passar alguns mezes no campo.

DAMIANA.

Nós o levaremos para fóra da cidade, logo que elle tenha forças.

MEDICO.

Amanhã mesmo poderia fazel-o, se quizesse : considero o nosso doente já em convalescença : os meus serviços não são mais necessarios ; voltarei, porém, a vel-o ainda uma vez.

DAMIANA.

Venha, snr. doutor ; nós o esperamos. (Va-se o Medico.)

SCENA II

DAMIANA, e logo BEATRIZ que se retira, e LEONCIO DE ALMEIDA.

DAMIANA.

São dez horas : devo sahir : é preciso quanto antes livrar-me d'essa caixa que é um peso que trago sobre o coração. Foi-me impossivel encontrar a chave... meu pae deitou-a fóra no ardor do seu delirio ; elle, porém, não abriu a caixa, que achei fechada como estava, quando conseguimos fazel-o abrir a porta. Que importa uma chave?... Graciano terá outra, ou fará o que melhor lhe parecer.

BEATRIZ.

O snr. Leoncio de Almeida deseja fallar-lhe immediatamente.

DAMIANA.

Leoncio de Almeida!... a mim?... diga-lhe que não o quero receber.

LEONCIO.

A despeito da sua má vontade hei de fallar-lhe. (Vac-se Beatriz.)

DAMIANA.

Quem lhe permitiu a ousadia de penetrar no interior da minha casa?...

LEONCIO.

Preciso dizer-lhe duas palavras graves e solemnes, duas palavras que pódem decidir do seu destino e da sua vida : poucos momentos me bastam para isso.

DAMIANA.

A influencia que o snr. devia exercer sobre o meu destino, eu já a experimentei de sobra : tenha a bondade de retirar-se da minha casa.

LEONCIO.

Trata-se de sua irmã!...

DAMIANA.

De minha irmã!...

LEONCIO.

Damiana, tenao no meu passado erros e faltas de que

me accuso; em consciencia, porém, eu sinto que não sou máo : se todavia me ultrajarem, se alguém tentar comprometter o nome de minha familia, protesto que saltarei por todas as considerações, e que até ostentarei dcante do mundo a enormidade da minha vingança.

DAMANIA.

Ah! então vem ameaçar-me? é a lucta que pretendê offerecer-me?... tanto melhor!

LEONCIO.

Leoncio de Almeida não lucta com Lusbela : se fôr necessario, ha de sómente esmagal-a.

DAMIANA.

Tanto melhor!

LEONCIO.

Não percamos tempo. Leonel da Silva, esquecendo os brios e a distincção de sua familia, amou sua irmã, e em vez de limitar-se a amal-a, como um mancebo da sua posição e riqueza póde por um momentaneo capricho amar uma menina de humilde condição, foi bastante louco para prometter-lhe casamento.

DAMANIA.

E emfim... pois que é preciso ouvil-o... emfim...

LEONCIO.

Ante-hontem descobrimos um segredo feliz : soubese que essa menina era sua irmã, irmã de Rosa Lusbela; mas apesar disso meu estouvado primo julga que está

preso pela sua palavra, e participou-nos hoje que terá em breve de desposal-a.

DAMANIA.

É que nem todos os parentes se assemelham pelo caracter, é que a honra de uns protesta contra a perversidade de outros.

LEONCIO.

A irmã de Lusbela tomando logar no seio da minha familia, seria para nós uma vergonha insupportavel : é necessario impedir essa loucura, esse escandalo : não quero mal á sua irmã, Damiana...

DAMANIA.

Agradecida... snr...

LEONCIO.

Longe, muito longe d'aqui ella poderá ser feliz : é pobre : nós lhe daremos fortuna ; mas fuja para sempre dos olhos de Leonel. Venho pedir-lhe que me auxilie n'este empenho.

DAMANIA.

A mim ?!!!

LEONCIO.

Sei que me detesta ; é, porém, indispensavel que se preste a servir-me n'este ponto : e se não basta o pedido que fiz, eu ordeno !

DAMANIA.

Ordenar-me !...

LEONCIO.

Estou no caso de poder fazel-o. Pense bem ! consulte a sua consciencia... lembre-se de que é possível que eu tenha penetrado algum segredo, e que possa de um momento para outro marcar a hora da sua maior desgraça. Não me explico mais : sei que me comprehende : resolva pois sim ou não ?...

DAMIANA

Acabou ?...

LEONCIO

Espero a sua resposta : sim ou não ?...

DAMIANA, apontando para a porta

Saiia !...

LEONCIO.

Provoca pois a minha vigança ?...

DAMIANA, o mesmo.

Saiia !...

LEONCIO.

Pois bem : cumprirei um dever tremendo. (Vae-so.)

SCENA III

DAMIANA, e logo CHRISTINA. e PEDRO NUNES.

DAMANIA.

Conspirar contra a felicidade de minha irmã!... todavia... elle ameaçou-me... diz que penetrou um segredo que me póde perder... quererá intimidar-me?... mas... quem sabe, se desde ante-hontem não está escripto o meu nome na lista dos criminosos?... esta caixa não deve ficar aqui nem mais um momento... (Dirigindo-se á mesa.)

PEDRO, apoiando-se no braço de Christina,

Damiana!

DAMANIA.

Meu pae? para que se expõe?... (Á parte.) Ainda um estorvo...

PEDRO.

Estou bom... perfeitamente bom... sinto-me forte.

DAMANIA.

Mas soffreu tanto esta noite...

PEDRO.

Já passou... Eu não posso perder tempo... estou velho... a morte virá apanhar-me cedo, e agora que espero ser feliz, preciso aproveitar os meus ultimos dias,

gozando a companhia de minhas filhas, e abençoando-as
a todos os instantes...

DAMIANA, á parto.

É não me é possível sahir... parece uma fatalidade!...

PEDRO, tomando as mãos das filhas.

Dae-me as vossas mãos... não nos separaremos mais...
minhas filhas! (Abraça Damiana pela cintura.) Damiana!... (A
Christina.) Não tenhas ciumes, Christina! eu te amo, sim...
mas tua irmã me foi roubada, ha nove annos, e apenas,
ha dois dias, restituida. (Abraçando Damiana e fallando a Christina.)
Nove annos! como eu vivi esses nove annos! dize-lh'o,
Christina, conta-lhe como eu chorava dias inteiros; conta-
lhe como eu despertava nas minhas longas noites agi-
tado, bradando pelo seu nome, e estendendo os braços
para apertar no meu peito a filha querida que me appa-
recia em sonhos; conta-lhe... porém, não, Damiana; ella
debalde quereria contar-te; porque tudo quanto eu senti
n'esses nove annos, póde sentil-o um pae extremo; mas
dizel-o... não; ella não... eu... nem eu mesmo...
senão abraçando-te com amor... e inundando a tua fronte
de beijos e de lagrimas! (Abraça-a, etc.)

DAMIANA.

Meu pae!...

PEDRO.

Quero a desfórta d'esses nove annos de afflicção! quero
viver... peço para viver, meu Deus!... Vou ser avarento
dos meus thesouros: amanhã partiremos; vou escondo-

der-vos comigo em um retiro longinquo... deserto, mas onde a vida se prolonga, e póde-se amar com extremo, sem luctas, quasi com egoismo, como eu vos quero amar, minhas filhas !... Partiremos amanhã...

DAMANIA.

Amanhã?... será necessario esperar alguns dias ao menos...

PEDRO.

Alguns dias !... acaso pesa-te a idéa d'esta partida?... Ah!... não apagues a minha esperança; agora seria muito cruel!

CHRISTINA.

Não se afflija : Damiana vae e deseja muito acompanhar-nos...

PEDRO.

Que motivo pois...

DAMANIA.

Um motivo que ha de causar-lhe muito prazer...

CHRISTINA.

Damiana !

PEDRO.

Então que ha?... falla... falla...

DAMANIA.

Creio que hoje Christina lhe será pedida em casamento.

PEDRO.

Christina! (Pensa.) E quem é que quer casar com...
(curvando a cabeça.) com uma pobre costureira?...

DAMIANA, á parte.

Não era isso que elle pretendia dizer... (A Pedro.) Um mancebo distincto e rico, o snr. Leonel da Silva, que é ainda mais estimado pelas suas virtudes.

PEDRO.

E não tem elle familia... parentes...

DAMIANA.

Muitos; alguns em verdade quizeram oppôr-se ao seu projecto de casamento; elle, porém, resistiu nobremente e...

PEDRO.

Christina, auctorisaste este mancebo a vir pedir-me a tua mão?

CHRISTINA.

Eu o havia auctorisado... mas depois... hontem...

PEDRO.

Acaba...

CHRISTINA.

Elle apresentou-se aqui... fallou-me... eu... julguei dever convidal-o a não pensar mais em casar comigo; insisti, porém, tanto... que finalmente...

PEDRO, afalsta-se; medita, e falla comsigno.

A razão a illuminava ; mas por fim o amor suffocou a razão. Como seria eu feliz vendo-a casada com um homem de bem! e no emtanto é impossivel! De que modo, porém, lhe direi eu sem rasgar o coração da pobre Damiana, que o passado ou ainda mais a existencia de sua irmã é uma barreira que se levanta deante do seu futuro !...

CHRISTINA, a Damiana.

Em que pensará meu pae ?

DAMIANA, a Christina.

En sei bem em que elle pensa !...

PEDRO, o mesmo.

Não : este casamento lhe daria em breve um immenso desencanto... Ella seria humilhada, repellida pela familia de seu marido, e este, arrefecido o fogo da paixão, triste... acabrunhado... não... não... Christina não se póde casar, e eu direi... Paciencia !... ella que me supponha egoista e máo... que se queixe de mim... embora... Mas não soffra ainda um novo martyrio a misera... a minha desgraçada. (Levanta a cabeça.)

CHRISTINA.

Meu pae...

PEDRO.

Vem... Damiana, vem; tu sómente me restas agora : a outra : tua irmã... essa quer deixar-me velho, enfer-

mo, tocando já com os pés na sepultura... Não deseja cerrar os olhos de seu pobre pae...

CHRISTINA.

Oh ! eu não me separarei jamais do seu lado...

DAMIANA, à parte.

Eu o comprehendo : Lusbela não pôde morrer, enquanto fôr viva Damiana !...

PEDRO.

Era egoismo : confesso ; mas eu calculava com esta consolação na minha velhice... contava estender um pouco mais esta vida cansada pelo encanto da companhia e da ternura de minhas duas filhas... Christina, tem compaixão do egoismo de teu pae... não te cases... sê minha sómente !...

CHRISTINA.

Sim, meu pae ; sempre sua ;

PEDRO, abraça-a.

Obrigado, minha filha ! (Afasta-se e á parte.) Mente, amor de pae ! mente ! o céu te perdôa esta mentira !

DAMIANA, á parte.

E portanto a minha existencia será sempre o flagelo de minha irmã !

CHRISTINA, a Pedro.

Meu pae ! (Baixo.) Eu o entendi bem ! Saberei resignar-me ao nosso destino.

PEDRO, a Christina.

Silencio ! (Alto.) Damiana, vê como é boa e dedicada a nossa Christina ; mas que tens !... em que pensas ?

DAMIANA.

Pensava no passado !

PEDRO.

Louca ! é só do futuro que nos devemos occupar : o futuro é para nós a felicidade...

DAMIANA.

O futuro ?... quem pôde prever o que nos espera na hora que vae chegar ?...

SCENA IV

DAMIANA, CHRISTINA, PEDRO NUNFS e GRACIANO.

GRACIANO, em grande agitação.

Já não contavas comigo : eis-me aqui !...

PEDRO.

Que pretendê o senhor ?

GRACIANO.

Venho lançar em rosto a esta mulher a sua traição ; venho pedir-lhe contas do seu juramento ; venho dizer-lhe que ella me perdeu ; mas que ha de tambem ficar perdida, porque eu saberei punil-a !

CHRISTINA.

Minha irmã !...

DAMIANA.

O senhor... endoideceu sem duvida...

GRACIANO.

Eu trago comigo a prova da sua deslealdade e do seu crime...

PEDRO.

O senhor insulta minha filha !

GRACIANO.

Não a defenda. Ella jurou pela honra de seu pae guardar zelosa um grave segredo ; jurou-o ante-hontem, e um dia depois já o tinha revelado, vendido esse segredo, vendido a honra de seu pae!...

PEDRO.

Damiana !...

DAMIANA.

É falso ! em nome de Deus eu protesto que é falso!...

GRACIANO, mostrando uma carta.

E esta carta que me foi entregue, ha poucos instantes, e que me annuncia que sou perseguido pela policia, que a minha casa está sendo varejada, e que Damiana foi a denunciante do meu crime?...

PEDRO.

Um crime?... a policia?... meu Deus!...

DAMIANA, que examinou a carta.

A lettra d'esta carta se acha contrafeita ; eu, porém, a reconheço : é a lettra de Leoncio de Almeida... elle sabe tudo !...

GRACIANO.

E quem lh'o disse, desgraçada ?...

DAMIANA.

Não fui eu... não fui eu...

PEDRO.

Houve um crime em todo o caso : um crime... e o nome de minha filha...

DAMIANA.

Sou innocente, meu pae.

PEDRO.

Mas esse crime...

DAMIANA.

Jurei pela sua hõnra não violar este segredo...

GRACIANO.

Já o revelaste : já recebeste a paga vil e indigna dos denunciantes... Falla pois a todos os ouvidos, falla em voz alta, e dize que te prestando a fazer parte de uma companhia secreta, entraste no dominio dos seus arcanos, e depois foste vendel-os á policia, a pezar de conservares em tua casa a prova irrecusavel de que és criminoça tambem ; porque alli está uma caixa que contem uma somma enorme de bilhetes falsos...

PEDRO.

Moeda falsa !... minha filha cúmplice em um roubo !...
meu Deus ! Eu não supportarei a vida com esta vergonha !

CHRISTINA.

Damiana ! dize que esse homem está mentindo !...

DAMIANA.

Elle mente : eu não sou criminosa. Meu pae, ante-hontem quando me preparava para suicidar-me, Graciano me appareceu, fallou-me do poder da riqueza, desvairou-me sustentando, que sendo muito rica, eu consegueria impôr-me á sociedade e fazer a ventura de minha irmã ; depois offereceu-se a dar-me os meios de chegar á opulencia... Prendeu-me por um juramento, e abusando da minha situação, arrancou-me a promessa de ligar-me a essa companhia.

PEDRO.

Infeliz ; porque não te mataste n'essa noite ?...

DAMIANA.

Mas eu arrependi-me ainda a tempo. Hontem retirei a Graciano minha louca promessa, neguei-me á guardar-lhe na minha casa essa caixa fatal, que no emtanto ficou aqui, porque elle fugiu ouvir um gemido de meu pae, e aproveitando o momento em que corri ao seu quarto, deixou-a sobre a mesa com uma intenção evidentemente insidiosa.

PEDRO.

Ouviu o que ella acabou de dizer, snr. Graciano ?...

Tudo aquillo é verdade .. tudo se passou assim... Damiana foi apenas imprudente, e da imprudencia ao crime ha um abysmo... Então... falle... responda, senhor...

GRACIANO.

Respondo que esta mulher me denunciou e que eu hei de vingar-me... Sim ! ella disse a verdade ; se, porém, conseguisse escapar ao castigo que provocou, e fossemos ambos presos, juro-lhe que em face dos juizes eu saberia contrariar a sua defeza, e accusal-a de cumplicidade no meu crime.

PEDRO.

Não o fará, não : seria a maldade mais requintada ! O snr. tem coração ; não quererá com uma calunnia e de um só golpe matar a filha e o pae. A minha Damiana está innocente ; não a perca, não a comprometta. Tenho mais de sessenta annos, e até hoje nunca dobrei os meus joelhos a homem algum ; agora porém... (ajoelhando-se) veja ! estou a seus pés !... compadeça-se d'este pobre velho !... Pelo amor de Deus !... não me roube minha filha !...

GRACIANO.

Ella denunciou-me : hei de vingar-me.

DAMIANA, a Pedro.

Levanta-se, meu pae ; não deve curva-se deante d'este homem ! (A Graciano.) Já o disse uma vez, senhor ; não fui eu que o denunciei : somos ambos victimas de Leoucio de Almeida, e apesar da minha innocencia, esse cofre me perderá !...

III.

8

PEDRO.

Esse cofre... eu o farei desaparecer. (Lançando-se para a mesa.)

GRACIANO, pondo a mão na caixa.

Não : é um penhor valioso, de que ninguem será capaz de privar-me. Ou sahirei çom segurança d'esta casa, ou a policia prendendo-me, encontrará também a prova da cumplicidade de Damiana.

CHRISTINA, á parte.

É um homem implacavel ! (A Graciano.) Tenha piedade de nós...

GRACIANO.

A policia já sabe que existe aqui essa caixa, e o seu desaparecimento faria avultar ainda mais terriveis suspeitas.

PEDRO.

Tem razão... pois bem... vamos queimar os bilhetes falsos, e substítui-los por joias... Abramos a caixa...

GRACIANO.

Queimar os bilhetes?... (Examinando.) A chave não está aqui... a caixa foi aberta... (A Damiana.) A chave?... onde está a chave ?...

PEDRO.

Sim, a chave, Damiana, a chave...

DAMIANA.

Ah ! esta noite meu pae na vehemencia do seu delirio

apoderou-se d'essa caixa, fechou-se n'esta sala, e quando nos abriu a porta, não pôde mais encontrar a chave, e debalde a procurei por toda a parte.

PEDRO.

Será possível !...

GRACIANO.

Não : Damiana esconde-me a chave para completar a sua perfidia; ella queimou talvez os bilhetes ; pretende rir-se de mim e pensa que ficará impune, entregando-me á justiça ; está, porém, em minhas mãos e trema, porque...

SCENA V

DAMIANA, PEDRO, NUNES, CHRISTINA, GRACIANO,
e BEATRIZ correndo.

BEATRIZ.

A casa está cercada de soldados... alguns já se acham na sala.

PEDRO.

Meu Deus ! compadecei-vos de minha filha !...

CHRISTINA, correndo para Damiana.

Damiana ! minha irmã !...

DAMIANA.

Graciano ! eu tinha o presentimento de que me havias de ser fatal !...

SCENA VI

DAMIANA, PEDRO NUNES, CHRISTINA, GRACIANO, BEATRIZ,
LEONCIO DE ALMEIDA, AUCTORIDADE POLICIAL e SOLDADOS.
DAMIANA e GRACIANO saem logo.

DAMIANA, com horror.

Leoncio de Almeida!...

AUCTORIDADE, mostrando Graciano.

Não deixem sahir este homem. (A Damiana.) A snra. é
accusada de um crime gravissimo...

PEDRO.

Mas eu juro pela minha honra, pela alma de minha
mãe, juro por Deus, emfim, que minha filha está inno-
cente...

AUCTORIDADE.

Estimarei convencer-me disso ; acaba, porém, de se
denunciar á policia que existe n'esta casa uma grande
somma de notas falsas : se as não encontrarmos, a snra.
nada terá que receiar. Vou proceder á busca.

DAMIANA.

Meu Deus! Oh!... (À parte.) Não posso... não verei abrir-
se aquelle cofre sinistro! (Vac-so.).

GRACIANO.

Ella não conseguirá escapar-me. (Segue-a.)

AUCTORIDADE, aos soldados.

Sigam e não percam de vista esse homem e essa mulher.
(Os soldados vão seguir.)

LEONCIO

Não é preciso : a prova do seu crime está sobre aquella mesa. (Os soldados param.)

PEDRO.

O filho de Gervasio de Almeida !...

LEONCIO.

Alli está a caixa : mande abrir-a... (A auctoridade faz um signal os soldados tratam do arrombar a caixa.)

PEDRO.

Ha nove annos, seductor !... denunciante hoje !... (Os soldados quebram e topa da caixa.)

LEONCIO.

Ahi dentro ha de achar o crime, a indignidade, a infamia...

AUCTORIDADE, examinando a caixa.

Snr. Leoncio de Almeida, esta caixa está vazia...

PEDRO.

Oh ! Providencia !... (Christina abraça a Pedro.)

DAMIANA, dentro : grito pungente.

Ah !... (Soldados correm para dentro.)

PEDRO.

Minha filha!... (Vae procipitar-se para dentro e Damiana vem cahir-lhe nos braços.)

SCENA VII

CHRISTINA, PEDRO NUNES, BEATRIZ, LEONCIO DE ALMEIDA, AUCTORIDADE POLICIA, DAMIANA ferida no peito; GRACIANO, que é levado pelos SOLDADOS que o prendem; SOLDADOS e logo, LEONEL DA SILVA.

DAMIANA.

Meu pae!...

PEDRO.

Minha filha!... ferida!... soccorro!... soccorro!...

CHRISTINA.

Minha irmã!... (Pedro e Christina procuram soccorer Damiana, etc.)

AUCTORIDADE.

Conduzam á prisão o assassino; e um medico, um medico depressa. (Vão-se os soldados levando Graciano.)

DAMIANA.

É inutil... eu sinto que vou morrer...

PEDRO.

Não! tu não has de morrer... eu preciso... eu quero que vivas...

LEONCIO.

Creio que posso retirar-me...

AUCTORIDADE.

O snra. terá a bondade de ficar : deve acompanhar-me até o fim...

DAMIANA, esforçando-se.

Leoncio de Almeida... eu morro... folga e ri ! ha nove annos, tu me seduziste, e a sociedade... que me proscreeveu... não te degradou... nem te baniu do seu seio... hoje... armaste o braço de meu assassino... e amanhã... a sociedade... ainda terá para ti como d'antes... afagos... honras... e grandezas... folga e ri !... dize, porém, á sociedade... que é iniquio... atormentar as victimas... e abraçar os algozes... dize-lhe... que despreze, sim... e puna... as mulheres que se deixam seduzir... mas que despreze... e castigue ainda mais... os seductores que as levam á perdição !... (Com muito esforço.) Leoncio de Almeida !... folga e ri !... mas treme da justiça de Deus !...

LEONEL, correndo a Damiana.

Damiana !...

DAMIANA.

Leonel... bemvindo sejas ! o expectro... que te separava de Christina... vae desaparecer... eis tua esposa... faze-a... feliz... consola meu pae...

LEONEL.

Sim... sim... eu o juro...

DAMIANA.

Oh !... Christina... Leonel... adeus !... meu pae !...
perdão !... abençõe-me... e adeus !... (Morre.)

CHRISTINA, desmaiando nos braços de Leonel.

Ah !...

PEDRO, abraçado com Damiana.

Minha filha !... minha filha...

LEONCIO, dando um passo.

Leonel da Silva...

LEONEL.

Snr. Leoncio de Almeida, silencio ! aquelle cadaver é
o da sua victima ; aquelle velho que chora, é meu pae,
e esta snra. que desmaiou em meus braços, é minha
esposa.

FIM DO QUARTO E ULTIMO ACTO

O

FANTASMA BRANCO

OPERA EM TRES ACTOS

PERSONAGENS :

TIBERIO, velho militar.

BASILIO, velho lavrador, irmão de Tiberio.

FRANCISCO, }
ANTONIO, } filhos de Tiberio.-

JOSÉ, filho de Basilio.

GALATÉA, velha, irmã de Tiberio e de Basilio.

MARIA, filha de Galatéa.

JULIA, filha de um dos feitores.

CLARA, *idem*.

FEITORES, AGREGADOS, etc..

A scena é uma fazenda do reconcavo do Rio de Janeiro.

Época posterior a 1823.

O

FANTASMA BRANCO

ACTO PRIMEIRO

O theatro representa a casa de uma *fazenda*; do lado direito do do espectador, no primeiro plano vê-se uma casa assobradada com janellas, patim e escada para a scena : defronte da casa de feitores, paiol, etc., immediatamente uma cerca com tranqueira no meio; nos planos ultimos, logo depeis da cerca vem do lado esquerdo a estrada que se prolonga tortuosamente subindo por um monte elevado que se perde pelo lado direito; no cume desse morro, no fundo do theatro, apparece e frontaria de uma pequena casa arruinada, e de triste apparencia, bosque, etc., etc. — A acção do primeiro acto começa de tarde. e acaba em noite fechada.

SCENA PRIMEIRA

Maria apparece no patim melancolica e pensativa; a musica toca a introdução de seu canto, ella desce, e no meio da scena canta tristemente; depois fica com a cabeça baixa meditando até sahir Julia.

MARIA, só.

Ah! meu amor primeiro,
Meu innocente amor!...

Não póde a dura ausencia
 Vencer o teu ardor,
 Zela tua existencia
 A mais mimosa dór ;
 Terna saudade minha,
 Conserva puro e vivo
 O filho da innocencia,
 O meu primeiro amor.

SCENA II

MARIA e JULIA, que são de uma das casas dos feitores,

JULIA.

Emfim !...

MARIA.

Ah ! era você, D. Julia... assustou-me...

JULIA.

Sim, D. Mariquinhas, era eu que finalmente acabo de
 comprehender tudo.

MARIA.

Tudo o que !...

JULIA.

Ora tudo o que?... então você anda sempre toda cheia
 de melancolias, e de ataques de ternura, e não quer que
 a gente desconfie de alguma cousa ? olhe : ás vezes
 começava eu a conversar sósinha com os meus colchetes,
 e dizia : que terá D. Mariquinhas, que de tão alegre, e

travessa, que era em criança, agora que voltou da côrte e sahiu do collegio, se mostra tão pensitiva e triste?

MARIA.

É porque nem sempre somos creanças, D. Julia.

JULIA.

Nada... nada, não é por isso : depois reparo tambem que você quando vae ao jardim, despreza todas as flôres para colher sómente saudades, e amores-perfeitos ; e então perguntava eu ainda aos meus colchetes : que quer dizer aquella predilecção pelas saudades, e amores-perfeitos ?

MARIA.

D. Julia, você tem ficado muito maliciosa !

JULIA.

Mas finalmente tudo está agora explicado : escutei o seu canto, D. Mariquinhas,

Ah ! meu amor primeiro,
Meu innocente amor.

Sou roceira, porém ninguem me leva por tola ; você ama ausente ; deixou lá pela côrte algum ladrãozinho de coração ; ah ! por isso é que você colhia saudades, e amores-perfeitos, en?...

MARIA.

Ah ! D. Julia...

JULIA.

Não abaixe os olhos assim... ora... é boa ! pois então

a gente não é surra de seu coração?... não pôde dal-o á quem lhe parecer?... e principalmente você, que viu na côrte tantos moços que devem ser todos tão bonitos, e amar com tanta graça, e com tanta constancia?... D. Marquinhas, eu faço idéa do como ha de ser galante um amor da cidade.

MARIA.

Como você se engana!... D. Julia, o que ha na côrte é um luxo immenso de lisonjas e de mentiras : você vae a um baile, vinte moços a convidam para dansar ; cada um d'elles, quando está a seu lado, lhe diz que você é bella, e que a ha de adorar toda a vida...

JULIA.

Que bello ! como não será engraçado !

MARIA.

E depois cada um d'elles, logo que acaba de lhe dizer isso, e mais ainda, vae dansar com outra, e diz a essa a mesma cousa.

JULIA.

Que desafóro!...

MARIA.

E zomba de você, e chama-lhe feia... desenxabida...

JULIA.

Que pouca vergonha?...

MARIA.

É assim que se faz na cidade.

JULIA.

E você teve a fraqueza de amar um moço da corte?

MARIA.

Não... era... é da roça.

JULIA.

Ah! isso sim... então como foi?... conte-me, D. Marquinhos, olhe... eu sou de segredo.

MARIA.

Está bem : você é minha amiga da infancia, eu vou abrir-lhe o meu coração. Foi no principio d'este anno ; veiu morar defronte do nosso collegio um moço estudante de medicina : desde a primeira vez que me viu, começou a olhar muito para mim ; mas era-me de todo indifferente : uma noite encontrámo-nos em um baile, a que me levou a professora do collegio : então é que eu pude reparar n'elle ; era um moço vivo... engraçado... e travesso, como eu o tinha sido aos sete annos da idade : parecia-me ter já visto aquelle rosto... olhei muito para elle... e... confesso que sympatisei com o meu vizinho.

JULIA.

Ora... isso era muito natural.

MARIA.

Não dansámos no baile : elle me havia convidado para a quinta quadrilha ; mas no fim da quarta, a professora queixou-se de dôres de cabeça, e retirámo-nos.

JULIA.

Por isso eu sou de opinião que devia haver uma lei,

para que as professoras que levassem as meninas ao baile, não tivessem dôres de cabeça.

MARIA.

Porém, a professora, lego no começo do baile, tinha-me feito cantar um pequeno romance : e qual não foi a minha admiração, D. Julia, quando n'essa mesma noite, ao deitar-me, ouvi o meu romance repetido por uma voz doce... doce... doce, que me entrou no coração!

JULIA.

Faço idéa das doçuras.., era mesmo um torrão de as-sucar.

MARIA.

O meu quarto era no segundo andar e dava para a sala; tomei o vestido... sahi de manso... abri uma janella, e vi... oh! era elle, que cantava defronte!

JULIA.

Que graça! e como não ha de a gente amar um rapaz assim?...

MARIA.

Fazia luar, e eu distinguia perfeitamente sua graciosa figura : desde então... em todas as noites de luar... á meia-noite, eu ouvia sua voz terna, que no canto me chamava... corria á janella, e ficavamos sem pensar horas inteiras, olhando um para o outro, com o mundo debaixo dos pés... o amor dentro do coração, e a lua nos céos sobre nossas cabeças.

JULIA.

D. Mariquinhas, você aproveitou muito no collegio.

MARIA.

Oh! não zombes de mim.

JULIA.

Não sou capaz de tal ; mas esse canto ? ..

MARIA.

Era assim :

Meu canto é como un véo,
Em que terno e medroso
Do vulgo curioso
Se esconde um puro amor.

Patrona dos mysterios
A lúá se revela,
Accorda oh minha bella
Que está velando amor.

JULIA.

Bravo! muito bonito! e depois ?...

MARIA.

Depois... nós nos amámos.

JULIA.

Isso não foi depois... já era antes.

MARIA.

Pois sim, depois eu conheci quem era o moço que eu
amava. e vi uma barreira levantada entre mim e elle;

admire-se, D. Julia; esse joven é conhecido de nós ambas... passámos a nossa infancia com elle, e eu o não conheci; mas tambem ha nove annos, que o não via.

JULIA.

Então quem será?...?

MARIA.

Meu primo Juca.

MARIA.

Ah!... o sr. Juca!...

JULIA.

E agora eis-me para sempre d'elle separada : minha mãe, mal de fogo e sangue com meu tio Basilio, não consentirá nunca que nos casemos : e queres que esteja alegre ?

MARIA.

Tem razão : e demais seus dous primos, filhos do capitão, com os olhos em você, e sua mãe com vontade de casal-a com um d'elles...

JULIA.

É um martyrio ! dous tamanhões, que não sabem dizer quatro palavras seguidas a uma snra. ; ah ! meu primo Juca !...

MARIA.

Está bem, não se afflija : olhe, ahi chega sua mãe.

SCENA III

As MESMAS, GALATÉA e CLARA.

GALATÉA. com uma carta na mão.

Alviçaras, Mariquinhas! alviçaras! sahiu uma alma do purgatorio!

MARIA.

Como é isso, minha mãe?... que ha?...

GALATÉA.

É teu tio capitão que finalmente arrancou-se da cidade : ainda não vi maior original! ás vezes faz-me ferver o sangue : é um diabo de capitão de cavallaria, que não vem á roça, porque tem medo de montar a cavallo!!! eu, sim, era que devera ser capitão de cavallaria! havia de entrar em fórmula montada em um cavallo bravo. Também não sei como aquelle meu mano chegou a capitão; é um arrota-valentias, e ao mesmo tempo medroso, como um capão!

MARIA.

Vamos, minha mãe, perdoemos a meu tio.

GALATÉA.

Tu bem sabes que por fim de contas gosto d'elle ; porque sempre me acha razão : não é como o outro, o tal snr. meu mano Basilio, que me batia o pé por dá cá aquella palha!

MARIA.

E que no entretanto me queria tanto bem !

GALATÉA.

Não tens necessidade dos seus amores ; principalmente agora, que chega o mano capitão, e estamos todos os parentes em casa...

MARIA.

Só falta meu tio Basilio, e o primo Juca; se tambem cá estivessem, tínhamos um prazer completo.

GALATÉA.

Que queres? não dou o meu braço a torcer : a nossa ultima questão fez-nos inimigos irreconciliaveis : todavia, confesso que elle teve razão : o caso foi este ; teu primo Juca acabava de fazer onze annos, e já sabia ler, tu tinhas então sete annos ; o tal meu irmão disse que ia mandalo para a côrte a estudar para formar-se em medicina, e eu oppuz-me; porque n'esse tempo entendia que se não devia mandar instruir os filhos : disse que isso era uma demoralisação, e uma loucura ; elle picou-se, e deu-me sete gritos, eu respondi-lhe com quatorze : já estavamos para nos atracar ; quando o mano capitão nos apartou ; e ficamos mal até hoje.

MARIA.

Mas minha mãe não pensava bem.

GALATÉA.

Isso reconheci eu tres annos depois, quando te mandei

para o collegio; porém, que hei de fazer agora?... que-
res que peça perdão áquelle ventas de mono?...

MARIÃ.

Não, minha mãe; quero apenas que o mande convidar
para passar alguns dias comnosco.

GALATÉA.

Era para termos uma briga cinco minutos depois da
sua chegada : foi sempre assim desde creança... Aquillo
é um dragão de genio!...

JULIA, a Clara.

E ella é uma dragôa.

GALATÉA.

Nada; passamos cá muito bem sem elle : e tu prepa-
ra-te para um alegrão, Mariquinhas; dentro de dous dias
escolherás um de teus primos para marido... não gostas
d'elles?...

MARIA.

Não, snra.

GALATÉA.

Como é lá isso?... pois não gostas de teus primos?

MARIA.

Gosto de ambos para meus primos, e de nenhum para
meu marido.

GALATÉA.

Que loucura é essa?... Pois dous mocetões, esbeltos,
valentes...

MARIA.

Serão o que minha mãe quizer que elles sejam ; mas eu não amo a nenhum d'elles, e portanto...

GALATÉA.

E portanto o que ? que diabo de geringonça é essa de amo, e de não amo ?... que é amor ?... ouviu ! não quero que minha filha ande com amores na cabeça : por ventura amei eu a teu pae quando casei ?

MARIA.

Mas eu quero amar a meu esposo quando me casar, minha mãe.

GALATÉA.

Ai ! ai ! ai ! que temos doidos em casa ! Vem cá, filha dos meus peccados ; olha, tu sabes que eu tenho o melhor genio do mundo, mas não me faças perder o sangue frio Isto a que tu chamas amor é... é uma cousa que... é quando... é como... é o diabo emfim :

Amor é fogo de palha,
É tratante e vil magano,
Mentiroso, deshumano,
É finalmente o diabo !

GALATÉA.

Portanto...

MARIA.

Embora...

TIBERIO, dentro.

Viva o Tiberio!

GALATÉA.

Oh! eis o mano Tiberio, que chega! fica para logo a nossa conversa : agora nem uma palavra sobre essas maluquices de amor!

TIBERIO, dentro.

Nem um punhado de milho a esse maldito sendeiro!

GALATÉA.

O pastrana cahiu do cavallo... não tem duvida!

SCENA IV

Os PRECEDENTES e TIBERIO, com grande barriga e enormes bigodes; uniforme de capitão, espada e pistolas á cinta, e as calças enlameadas; MULHERES e FILHAS de feitores e FEITORES que saãm ouvindo a voz do capitão.

GALATÉA.

Meu mano!...

MARIA.

Meu tio!...

JULIA.

Snr. Tiberio!...

CLARA.

Snr. capitão!... (Cumprimentos e prazer.)

TIBERIO.

Ora viva lá a rapazeada!... Adeus, mana Galatéa! olé, sobrinha! está você fazendo a gente velha ter vontade de estar com vinte annos de menos!... Oh mana! (Olhando para as moças.) Você tem um conservatorio de moças em casa! olhe, com tres raparigas d'estas na familia, não ha na côrte uma velha que deixe de receber convites para bailes!

GALATÉA.

Fico-lhe muito obrigada pelo cumprimento; mas vamos a saber : como foi de viagem?... olhe, a sua figura não me dá esperanças de que a fizesse boa.

TIBERIO.

Ora, o que ha de ser! um comrade meu emprestou-me na Praia Grande um cavallo, dizendo-me que era um carneiro : pois é como as ventas do meu compadre! o maldito sendeiro empacou comigo em um lameirão, e apenas cheguei-lhe as esporas, corcoveou como um cabrito, jogou duas horas e tres quartos comigo em cima (duas horas e tres quartos, que marquei de relógio na mão!) mas finalmente apanhou-me descuidado, fez uma pirueta, puxou uma fleira, e atirou-me dentro da lama!...

MARIA.

Ora, meu tio!...

GALATÉA.

Sempre foi um dois de páos a cavallo!

TIBERIO.

É boa!... pois eu podia crer que o patife do meu compadre me emprestasse um cavallo que dança o fado?! mas ao menos, mana, resta-me a consolação de que cahi em regra.

GALATÉA.

Então como foi?...

TIBERIO.

Cahi de barriga para baixo.

GALATÉA.

Que miseria!...

TIBERIO.

O maldito caixa d'ossos
 Mais fino do que um palito,
 Era, andando, uma preguiça,
 Era, jogando, um cabrito.
 Que cavallo tão sendeiro!
 Que compadre tão brejeiro!

Cahi de ventas na lama.
 Já o disse apesar meu;
 Não me queixo do cavallo,
 Quem teve a culpa fui eu :
 Que cavallo tão sendeiro!
 Que compadre tão brejeiro!

GALATÉA.

Você quando anda a cavallo é a vergonha da nossa familia!

TIBERIO.

Fico-lhe muito obrigado!... a nossa família nunca teve honras de cavallo.

GALATÉA.

Que é?...

TIBERIO.

Deixemo-nos disto : vamos a saber : onde estão os meus rapazes, que ainda me não vieram tomar a benção ?

GALATÉA.

Foram a uma diligencia, que você com ter espada á cinta não era capaz de fazer.

TIBERIO.

Então que é?... ladrões?... quilombolas?... oh! diabo!... digam o que é...

GALATÉA.

Dize-lhe, Mariquinhas, dize-lhe, que eu cá por mim fico tonta, quando penso em tal.

MARIA.

É um fantasma, meu tio!

TIBERIO.

Um fantasma! ora venha mais essa asneira : e eu a pensar que era alguma quadrilha de ladrões... não que tivesse medo; mas...

MARIA.

Não graceje com isto, meu tio. Vê alli no cume do

morro uma pequena casa em ruínas?... dizem que n'ella morou um homem que perpetrou horriveis crimes; um homem que levantou a mão para seu pae, que maldisse sua mãe, que derramou o sangue de seu irmão! Deus lhe perdôe tudo isso! Desde que esse desgraçado morreu, a casa ficou abandonada... todos tremem ao passar junto d'ella; ha quem assevere ter ouvido sahir d'alli gemidos pungentes : e agora, desde tres dias...

TIBERIO.

Desde tres dias o que?... não trema, que não ha razão para isso; fica por minha conta o desencanto do tal mundéo.

MARIA.

Desde tres dias, quando a noite se adianta, um fantasma branco... terrivel... medonho... vem passo a passo descendo pelo morro, e entoando um canto horroroso : seu vulto, seu andar... sua voz... não são d'este mundo : ha na côr branca de seu vestido alguma cousa de um finado... oh! é uma mortalha!...

TIBERIO.

E quem é que tem visto tudo isso?...

MARIA.

Minha mãe... eu, estas moças, nós todos... e tem-se-nos arripiado os cabellos, e temos tremido de horror... e...

TIBERIO.

Ora muito bem, está decidido, que até o proprio Pão de Assucar cabe dentro da cabeça das mulheres!

GALATÉA.

Então pensa você que estamos inventando histórias?...

TIBERIO.

Têm buxo de ema : engolem pedras e araras : mas eu não pensava que engoliam também fantasmas !

GALATÉA.

Pois o sur. capitão, de espada á cinta, e de farda ás costas, ha de correr do fantasma, digo-lh'o eu...

TIBERIO.

Hei de, se elle apparecer, dormir hoje embrulhado na sua mortalha.

MARIA.

Meu tio ! que está dizendo !...

TIBERIO, com bravura.

Não posso conter-me... será arreganho militar... mas ouvindo fallar em fantasmas, fico fóra de mim.

SCENA V

OS PRECEDENTES e JOSÉ, vestido de velho peregrino.

JOSÉ, da tranqueira.

Alma piedosa !... (Voltam-se todos.)

Alma piedosa, attende
Ao triste peregrino,

Que a luz do seu destino
Na terra manda erra,
Alma piedosa, atende,
Que um pobre a mão estende.

MARIA.

Um pobre! minha mãe, um infeliz que pede esmola.

JOSÉ.

Ah!...

A fome me atormenta
Desde o romper da aurora,
A sede me devora,
De fraco vou tombar.
Dae agua aos labus meus,
Pão pelo amor de Deus!

MARIA, a Galatúa.

Minha mãe, permitta. (Indo a José.) Chegue, irmão...
chegue.

JOSÉ.

Mal posso andar.

MARIA.

Encoste-se... apoie-se no meu braço, vamos. (Entra o
peregrino.)

JOSÉ.

Obrigado.

MARIA.

Quer entrar comigo?... eu dar-lhe-hei de jantar.

JOSÉ.

Não, minha filha; aqui mesmo : a mesa de meus banquetes, e o leito de minhas noites, é sempre a relva.

MARIA.

Como quizer, eu vou buscar-lhe alguma cousa. (Para Clara.) Clara, vem convigo. (Sáe com Clara.)

SCENA VI

OS PRECEDENTES, menos MARIA e CLARA.

TIBERIO, a Galatáa.

Estou meio desconfiado d'este sujeito : « Quem sabe, se não é algum ladrão disfarçado?... »

GALATÉA, a Tiberio.

Já você está a tremer de medo !

TIBERIO, a Galatáa.

Eu com medo !... (A José.) Será muita curiosidade saber donde vem o snr. ?...

JOSÉ.

Eu venho de muitos logares, e vou para outros muitos.

TIBERIO, consigo.

Peior... que diabo de voz tem elle !... é um frio que me penetra os ossos. (A José.) Então o snr... o snr... como é mesmo o seu nome?...

JOSÉ.

O Peregrino.

TIBERIO.

Tem andado muito hoje?...

JOSÉ.

Caminho sempre.

TIBERIO, a Galatés.

Mana, das duas uma, ou é ladrão disfarçado, ou então é o Judeo Errante!

GALATÉA.

Lá vem Mariquinhas : coitada!... é a piedade em pessoa : tambem teve a quem sahir.

SCENA VII

OS PRECEDENTES, MARIA e GLARA, com uma cesta, toalha, etc.

MARIA.

Eis aqui o que pude trazer mais depressa.

JOSÉ.

É de sobra, minha filha. (Senta-se e come.)

TIBERIO, consigo.

Não sei como me hei de pôr fora d'aqui!... implico sempre com peregrinos, e desconhecidos mysteriosos; não

é por medo... mas a vista dos peregrinhos me faz mal aos nervos.

GALATÉA, a Julia.

O tal capitão tem-se feito de mil côres!

TIBERIO, a Galatéa.

Mana, eu queria ir lá dentro mudar esta calça, que não está no uniforme... sujei-a de lama na queda, e assim...

GALATÉA.

Não vá, mano, que alguém pôde pensar que é medo.

TIBERIO, a Galatéa.

Medo?... pois ha algum perigo... alguma emboscada...

GALATÉA, a Tiberio.

Mano, comigo não pôde você ter imposturas, pois já o conheço : o peregrino lhe está fazendo dôres de barriga.

TIBERIO.

Oh! oh! oh!... ora só esta me faria rir... eu até gosto d'essa boa gente : olhe vou ter com elle. (Ao peregrino.)
Amigo, bebamos juntos um copo de vinho.

JOSÉ.

Não bebo vinho.

TIBERIO, consigo.

Que olhar feroz me lançou o maldito! (A Galatéa.) Mana, elle diz que não bebe vinho.

MARIA, a José.

Pois basta?...

JOSÉ.

Sim, minha filha, eu como pouco; agora permitam as snras. que eu descanse ainda alguns momentos recostado a esta cerca.

GALATÉA.

Como quizer; esteja á vontade, irmão.

TIBERIO, a Galatéa.

Oh! mana, pois você consente que este desconhecido se demore aqui?...

GALATÉA, a Tiberio.

Eu não receio nada ao pé do meu capitão.

TIBERIO, consigo.

Oh! diabo! quem me mandou sahir da cidade!

MARIA.

Prétende partir hoje, irmão?...

JOSÉ.

Sim, minha filha, caminharei de noite.

MARIA.

Então eu não lhe digo por mal, mas era melhor partir já, se não quer dormir em nossa casa.

JOSÉ.

Porque?...

MARIA.

Porque durante a noite um fantasma apparece n'esse monte, e ai d'aquelle que o encontrar!...

TIBERIO, consigo.

Vamos ver se animo o peregrino, a fim de que se ponha ao fresco ; do contrario não durmo hoje aqui. (A Maria.) Deixe-se de parvoices, sobrinha; pois o snr. acredita lá em fantasmas!...

JOSÉ, erguendo-se.

Acredito.

TIBERIO, consigo.

Ora ahi tem... fil-a muito bonita.

JOSÉ.

O snr. nunca viu um fantasma ?...

TIBERIO, consigo.

Eil-o comigo!... (A José.) Na verdade que... para fallar verdade... cousas assim a modo de fantasmas... póde ser; mas fantasmas verdadeiros é... que ás vezes... (Consiigo). Diabo! eu não sei se seria melhor dizer que sim, ou que não.

GALATÉA.

Mano, não trema assim diante d'este homem, que nos põe em duvida a gloria da familia.

JOSÉ.

Eu já vi um fantasma. (Todos cercam o peregrino.) Foi bem longe d'aqui; havia dois jovens, um moço e uma moça, que se amavam; antigas odiosidades separavam suas familias, e para se encontrarem, os dois amantes iam á hora precedentemente ajustada a uma ermida que se

levantava no cabeço de um monte, como aquella casa arruinada.

MARIA.

Como aquella!...

TODOS, menos Tiberio.

Como aquella!...

JOSÉ.

Em um de seus encontros a moça havia dado ao seu amante um anel, onde se liam as palavras — amor eterno, — e jurado que se lhe morresse o dono de seu coração, iria chorar de joelhos junto a seu tumulo até que a mão enregelada se erguesse e lhe restituísse o anel... era um juramento funebre : um juramento de chorar até morrer.

MARIA.

Até morrer!!!

JOSÉ.

O pae da moça era austero e cruel ; desconfiou dos amores de sua filha, seguiu um dia seus passos, e quando os dois amantes lá na ermida juravam de novo amar-se até á morte... ouvio-se um tiro... e a moça viu a seus pés o cadaver de seu amado.

GRITO GERAL.

Ah!

JOSÉ.

Amisera desmaiou... quando tornou a si, estava louca : era uma loucura que fazia chorar os corações mais duros ;

*porque ella vagava pelos campos... subia o monte... entrava na ermida, e de joelhos junto ao tumulo do amante, cantava com voz abalada e triste um carme doloroso : era assim :

Meu cadavrer adorado,
Escuta a amante fiel ;
Ergue a mão enregelada,
Dá-me o meu querido annel.
Contra anor, que te jurei
Morte horrivel nada val !
Será tua sepultura
Nosso leito nupcial.

MARIA.

Infeliz!...

JOSÉ.

A misera louca chorou, vagou pelos campos, cantou de joelhos junto ao tumulo do amante, e enfim morreu. Mas ainda depois de sua morte uma sombra impalpável... branca... e melancolica vinha todas as noites ajoelhar-se ao pé do tumulo... Eu vi a sombra uma noite, e o pae da triste finada me contou a sua historia : mandei cavar a sepultura da ermida, e eu mesmo tirei o annel de amor do dedo do cadaver já corrupto... desde então não mais appareceu a sombra.

TIBERIO, consigo.

Que pedaço de patife!... como arranjou elle a sua historia!... mas cá em mim não pega ; não tivesse eu medo

da gente d'este mundo, que com a do outro passava vida folgada.

JOSÉ.

Eis aqui o anel do desgraçado : eu o conservo ainda ; é um talisman precioso : quem tiver este anel no dedo poderá arrostrar todos os fantasmas.

TIBERIO, consigo.

Ah!... o charlatão quer fazer negocio com o anel!...

JOSÉ.

Minha filha, a sua piedade me soccorreu ; accete este anel, e conserve-o cuidadosa ; se ainda alguma vez o fantasma d'este monte apparecer, avance para elle com este anel no dedo, e verá como a sombra desaparece ou se curva submissa a seus pés.

MARIA.

Mas eu não sei se devo... o snr. quer privar-se de um tão estimavel thesouro ?...

JOSÉ.

Eu sou pobre : e os ladrões, e os fantasmas não perseguem nunca os pobres : eis aqui o anel.

MARIA, recebendo o anel.

Obrigada, snr.

JULIA.

Por isso é bom fazer bem a todos. (Apparocom Francisco, Antonio, o feitores descendo o morro.)

GALATÉA.

Ora eil-os ahi... (O peregrino vai recostar-se á cerca.

SCENA VIII

Os PRECEDENTES, FRANCISCO, ANTONIO e FEITORES, armados com espinguardas, foices, etc.

FRANCISCO e ANTONIO.

Papae!...

TIBERIO.

Ora vivam lá, os meus rapazes!... chi!... como estão queimados! vocês não têm sahido do sol!...

ANTONIO.

Temos passado vida de fidalgos!

FRANCISCO.

A titia adivinha os nossos desejos para realisa-os:

GALATÉA.

Qual, mano; é que estes rapazes são bons até não poder mais; e sobretudo generosos e valentes: olhe, não parecem filhos de quem são.

TIBERIO.

Oh! muito agradecido!...

FRANCISCO.

Antonico, vé o cumprimento que recebeu meu pae!...

TIBERIO, consigo.

Agora ao pé dos meus rapazes não tenho eu medo do tal contador de historias. (Aos filhos.) Então, contem-me, que é feito do fantasma ?

ANTONIO.

Não achámos nem sombra delle...

GALATÉA.

Tambem foi galante idéa ir procurar um fantasma de dia!

TIBÉRIO.

Fantasma têm vocês todos na cabeça ! até estes rapazes ! que vergonha ! no tempo da constituição dois rapazes acreditando em almas do outro mundo ! (Todos se approximam de Tiberio e o cercam.)

FRANCISCO.

Meu pae, o fantasma apparece.

ANTONIO.

Nós o temos visto.

GALATÉA.

Deixem fallar esse bobo.

MARIA.

Meu tio, é uma figura horrivel!...

TIBERIO.

Que patetas ! que gente sem mioló!...

JULIA.

Uma figura branca como a cal da parede!!!

CLARA.

Tem uns olhos!!!

TIBERIO.

Deixem-me! já os não posso aturar.

TODOS.

Branco fantasma
De aspecto horrivel,
De olhar terrivel,
Vaga medonho.

Sinistro canta,
Sinistro geme,
Pragueja, freme
Sempre medonho.

TIBERIO.

Esse fantasma
Que o susto gera,
É vil chimera
Ou simples sonho.

AS SENHORAS.

Tremei de vel-o,
Que horror espalha,
Branca mortalha
Feio vestindo.

OS HOMENS.

Tudo é verdade
Que estaes ouvindo!

TODOS.

Quando apparece

O bosque treme,
O vento geme,
Tudo estremece !

TIBERIO.

Muito bem ! Quando é que o tal snr. fantasma costuma dar o seu passeio ?

FRANCISCO.

Pelo correr da noite.

TIBERIO.

Pois hoje desencanta-se o tal fantasma branco ; e a senhora minha irmã, que assevera que sou o homem mais medroso do mundo, ver-me-ha á frente desta boa rapazeada fazer uma visita áquella espelunca *latronum*, mesmo ás horas de apparecer o bicho careta.

MARIA.

Meu tio, que está dizendo ?...

GALATÉA.

Hei de vel-o vir ás cambalhotas pelo morro abaixo.

TIBERIO.

Veremos isso ; no emtanto quero ir descansar alguns momentos.

GALATÉA,

Vamos todos.

SCENA IX

JOSÉ, só.

Finalmente que me deixaram só! Oh! que gente parladreira!... estava já com as costas me doendo da maldita posição que tomei : e estas barbas que me incommodam, ainda mais do que os bigodes do capitão Tiberio! Também, para fallar a verdade, eu tenho tanto direito de andar com estas barbas, que não são minhas, como o capitão com aquelles bigodes, que não sabe fazer respeitar : ainda não vi militar tão maricas. Mas *stop*, que sinto rumor por alli : cerca me *feet* : toca a roncar. Olé! é a bella Mariquinhas : se eu pudesse trocar os roncões por suspiros, suspirava aqui duas horas inteiras! (*Suspira.*) Que demoninho de Mariquinhas aquella! fechar os olhos quando ella está presente é um sacrilegio... mas não ha remedio (*Resona.*) Vem, ladrãozinho... estou quasi sonhando com ella... é uma cousa que eu podia arranjar muito naturalmente. (*Resona.*)

SCENA X

JOSÉ e MARIA.

MARIA. depois de observar José.

Elle dorme ; descansa. Talvez o seu coração vazio de cuidados o faça menos infeliz do que parece : enquanto

eu cheia de saudades e de duvidas... quasi sem esperança... penso... peno... e choro... (Medita.) Ah! meu primo!!! Quem sabe se elle ainda se lembra de mim!...

JOSÉ.

Coitadinha!...

MARIA, olhando.

Quem é?... (José ronca.) Queu fallou ahi?... como estou eu! até julgo ouvir fallar quando me acho só. (Medita um instante, depois canta. José repete as ultimas notas do canto.)

MARIA, cantando.

JOSÉ.

Na minh' alma um terno amor, amor!

MARIA.

Que é isto?... quem me responde? (José ronca.) Eu não vejo ninguem!... Oh! se fosse o echo!!!

MARIA, cantando.

JOSÉ.

Na minh' alma um terno amor, amor!

MARIA.

Oh!... é o echo!... bemdito seja o echo!...

MARIA.

JOSÉ.

Na minh' alma um terno amor,	amor!
O mais puro, e mais constante,	constante!
Pede só que esse que eu amo,	amo!
Seja sempre fido amante.	amante!

MARIA.

Sim, meu bello, meu querido echo!... seja sempre fido amante.

JOSÉ, junto della.

Fido amante!...

MARIA.

Ah!...

JOSÉ.

Mariquinhas!... minha querida Mariquinhas!...

MARIA.

Primo Juca!... (Dão as mãos e cantam.)

JOSÉ.

Não podia mais a vida
 Longe de ti supportar;
 A saudade me matava,
 Era immenso o meu penar.

MARIA.

Pura imagem da tristeza,
 N'esta muda soledade,
 Em segredo eu devorava
 Os martyrios da saudade.

AMBOS.

Já renasce em nossos peitos
 Da ventura o meigo ardor;
 No céu alvo da esperança
 Amanhece o nosso amor.

MARIA.

Ah! meu amado primo, que surpresa tão agradável!...
Então você não se esqueceu de mim?...

JOSÉ.

É possível, querida Mariquinhas, que você chegasse
um só instante a duvidar da minha constancia?...

MARIA.

Duvidar?... eu sei... mas... é que eu tinha no coração
um dilúvio de saudades que se misturavam, apesar meu,
com mil dúvidas e mil pezares : umas vezes esperava, e
outras temia... Quem sabe, dizia eu a mim mesma, quem
sabe se elle ainda se lembra de mim?!!

JOSÉ.

Oh!... como podia eu esquecer-a, se minha alma é que
lembra, e se todos os pensamentos de minha alma con-
vergem para o nosso amor, como raios de luz que se
ajuntam n'um foco luminoso?... como esquecer-a, se em
toda a parte eu a vejo bella, amorosa e pura! Oh! sim!
em toda a parte!... eu vejo a frescura, e belleza de seu
rosto no raiar da aurora ; eu escuto a harmonia de sua
voz no canto saudoso, que de manhã cedo entoia a mais
ternã de todas as aves, eu sinto o perfume de seu halito
na fragancia das mais odorosas flôres : sim... nós nos
amamos, e o encanto, a magia do nosso amor nos torna
superiores ao destino : n'este mundo, nada pôde separar-
nos : a distancia é uma chimera ; porque, apesar da dis-
tancia, pelos corações nos prendemos, e dentro da alma
de um o outro existe!...

MARIA.

Oh! é assim!... é assim mesmo!...

JOSÉ.

Os pensamentos, que se escapam de nossas almas como perfumes emanados de duas flôres irmãs, encontram-se no espaço e sobem unidos ao céu, como pombinhos brancos que voam juntos!...

MARIA.

Falle... falle mais, meu primo! O que você me diz, cáe no coração.

JOSÉ.

Sim, querida Mariquinhas, ninguém terá o poder de separar-nos : ainda quando a imaginação não nos chegasse tão para perto um do outro, a força de minha vontade destruiria todos os obstaculos : d'ora ávante ver-me-ha em toda a parte : da sua janella verá chegar um peregrino que pedirá pão para matar-lhe a fome... o peregrino serei eu : se divagar pelo valle, um caçador attrahirá suas vistas... o caçador serei eu : n'um passeio a cavallo, cercada de parentes e de amigos, um cavalleiro fazendo seu ginete correr á desfilada ha de, passando a seu lado, lançar-lhe um olhar de amor ; o cavalleiro serei ainda eu.

MARIA.

Oh! mas não se exponha por mim...

JOSÉ.

Eu nada temo. Sobre tudo eu a amo, e para vê-la

vencerei todas as difficuldades... viverei uma vida romanesca... cheia de bellos episodios, de atrevidas aventuras. (Mudando de tom. Que bello!..., não ha nada melhor! nunca pensei que teria a felicidade de ser heróe de um romance ; sim, minha bella prima ; é um romance o que se está passando connosco, e segundo um velho hábito dos romances, havemos acabar por casar-nos.

MARIA.

Pois confia...

JOSÉ.

No meu amor...

MARIA.

Mas alli dentro daquella casa se ergue uma barreira...

JOSÉ.

O meu amor é maior do que aquella casa, prima.

MARIA.

Eu até estou com medo de vê-lo aqui.

JOSÉ.

E eu achio-me tranquillo como uma ilha no meio do mar.

MARIA.

Se viesse agora alguem...

JOSÉ.

Punha as minhas barbas postiças.

MARIA.

Se chegasse minha mãe...

JOSÉ.

Pedia-lhe esmola.

MARIA.

Meus primos...

JOSÉ.

Deitava-me a dormir, e a roncar, como um endemoninhado.

MARIA.

Meu tio...

JOSÉ.

Fazia-lhe uma careta.

MARIA.

E elle seria capaz...

JOSÉ.

De correr duas leguas sem parar.

MARIA.

Mas sempre foi uma imprudencia expôr-se a tanto...

JOSÉ.

Eu já não podia viver mais tempo longe de seus olhos. E demais, uma noticia horrivel cahiu sobre mim como um raio... era preciso que eu viesse vê-la, fallar-lhe, e saber a verdade toda inteira. Sabe o que me disseram?... que meus primos tinham vindo ambos para aqui, e que dentro em pouco um delles deverá ser seu esposo. Ouvindo semelhante nova, perdi a cabeça; esqueci meus deveres; escrevi uma carta a meu pae dizendo-lhe que

me ausentava por alguns dias, e... e., fallemos em portuguez, prima, fugi de casa.

MARIA.

Oh! meu primo, você não fez bem...

JOSÉ.

Fui o primeiro a confessal-o... previ todas as consequencias, e estou prompto a sujeitar-me a ellas. Quando fôr tempo, voltarei para casa, meu pae gritará comigo tres dias inteiros, fechar-me-ha dentro de um quarto dois mezes... paciencia... No entretanto, minha bella prima, tire-me do coração este peso horrivel, diga : é verdade o que me foram dizer ?...

MARIA.

Sim, meu primo ; é verdade que minha mãe tem pensado n'isso.

JOSÉ.

E você, minha querida Mariquinhas ?

MARIA.

Eu... eu o amo.

JOSÉ.

E minha tia pretenderá acaso obrigar-a a desposar algum d'aquelles dois toleirões.

MARIA.

Receio muito que tente...

JOSÉ.

Oh! sorte de uma figa! Querida Mariquinhas, se você se sujeitar a esse despotismo de minha tia... eu... eu sou

capaz de fazer alguma asneira. Não tolere isso, prima ; é prepotencia, é contra a constituição, contra as garantias, contra a liberdade... eis ahí ! fazem destas e depois queixam-se quando as filhas fogem de casa !

MARIA .

Meu primo !

JOSÉ .

Se não fosse fazer muita honra áquelles dois troca-tintas, eu era capaz de ter um accesso de ciúme!...

MARIA .

Oh ! seria desconfiar de mim.

JOSÉ .

De você, não é tanto ; mas d'elles desconfio muito.

MARIA .

Tenha fé na minha constancia...

JOSE .

Com minha tia de um lado, e os dois marmanjos do outro, está o meu amor muito bem arranjado ! Ora, que eu não possa frequentar esta casa !... olhe, prima, se minha tia me hospedasse, antes de tres dias eu punha os dois bigorrilhas no olho da rua!...

MARIA .

Socegue...

JOSÉ .

Eu quero socegar, mas não posso : tenho os taes primos na garganta, engasgam-me.

MARIA.

Tambem eu, quasi-que os aborreço.

JOSÉ.

'Quasi?... peor está essa : prima, dê-me uma prova de que os não ame...

MARIA.

Quer outra melhor do que 'o amor que lhe tenho?...

JOSÉ.

Não basta... estou assim não sei como... estou de ciumes.

FRANCISCO, dentro.

Eu já volto.

ANTONIO, dentro.

Nada... eã tambem vou.

MARIA.

Eil-os ahi.

JOSÉ.

Bom, vou dormir um somno : aqui me espicho. (Doita-se.)

MARIA.

Finja que dorme, primo, e verá como eu os trato.

SCENA XI

OS PRECEDENTES, FRANCISCO ANTONIO.

ANTONIO, consigo.

Não pude ainda uma vez conversar a sós côm minha prima : este irmão do diabo sáe-me sempre á frente.

FRANCISCO, consigo.

Eis o empata-vasas! não tem duvida, não possô fallar com a prima uma só vez, que o snr. Antonico não venha metter o nariz...

MARIA.

Que terão elles?... parecem ambos contrariados!

ANTONIO.

Nada! isto não se atura : vou fazer uma declaração de amor á prima mesma, na cara do tal meu irmão! (Passa para o outro lado.)

FRANCISCO.

Não posso mais soffrer semelhante impertinente; vou expôr a minha paixão á prima, mesmo diante deste pastana! (Passa para o outro lado.)

MARIA.

Que é isto, primos?... (consigo.) Eu já me não posso conter : que galante par de namorados!

ANTONIO.

Prima...

MARIA.

Snr...

FRANCISCO.

Prima...

MARIA.

Snr...

ANTONIO, consigo.

Olhem o patife!...

FRANCISCO, consigo.

Ah! brejeiro!

ANTONIO.

Priminha...

FRANCISCO

Primasinha...?

MARIA.

Assim é impossível : não posso attender a dois ao mesmo tempo.

ANTONIO.

Prima do meu coração!...

FRANCISCO.

Prima da minha alma!... (José ronca fortemente. Francisco Antonio assustam-se.)

FRANCISCO e ANTONIO.

Que é lá isso ?

MARIA.

Não é o fantasma, não, primos; é um pobre peregrino, que alli descança. (José ronca.)

ANTONIO, a Maria com ternura.

Desde muito que desejo...

JOSÉ.

Ejo!...

ANTONIO, olhando para Francisco e José ronca.

Ah! patife! (A Maria.) Que desejo confessar-lhe que a adoro louca, e desesperadamente...

JOSÉ.

Mente!...

ANTONIO, furioso a Francisco. José ronca.

Mente, não se diz, ouviu!... não seja atrevido!...

FRANCISCO.

Atrevido é elle!

MARIA, mal podendo conter-se.

Primos, que é isso? (Comsigo.) É impossivel, eu hei de rir por força. (José ronca.)

FRANCISCO, a Maria com ternura.

Minha prima, quando procuro fallar-lhe, sempre infelizmente me esbarro... (José ronca enquanto elle falla.)

JOSÉ.

Barro!

FRANCISCO, olhando para Antonio.

Ah! insolente! (A Maria.) me esbarro com meu irmão...
por isso já embirro... (Jo: é ronca enquanto elle falla.)

JOSÉ.

Birro!...

FRANCISCO, olhando para Antonio.

Estou quasi saltando-lhe em cima! (A Maria.) Embirro
contra o tal meu irmão : minha prima, a paixão que me
devora...

JOSÉ.

Ora!

FRANCISCO.

E tão forte...

JOSÉ.

Orte!...

FRANCISCO.

Furibunda!

JOSÉ.

Bunda!

MARIA.

Ah! ah! ah! ah!

FRANCISCO, avançando para Antonio.

Ah! seu brejeiro : você pensa que póde divertir-se co-
migo ?...

ANTONIO.

Chico! olha que a mostarda já me chegou ao nariz ?...

Se te chegas para mim, eu furo-te um olho... diabo!...

MARIA.

Então que é isto ? é assim que me respeitam ?...

FRANCISCO.

É alli o snr., que...

ANTONIO.

Eu, não; foi o snr., que...

MARIA.

Basta, basta : não ha razão para tanta bulha. Que é que pretendem ?... dizer-me ambos que me amam ? bem : estimo bastante ; mas agora a duvida está em saber qual dos dois deve ser o preferido : eu acho ambos os primos tão bonitos, tão dignos, que escolher um seria offender o outro... se eu achasse um meio...

FRANCISCO.

Prima, eu.

ANTONIO.

Eu, prima...

FRANCISCO e ANTONIO.

Ah! maldito irmão de uma figa!

MARIA.

Ah! um bello meio!

FRANCISCO e ANTONIO.

Qual ?

MARIA.

Os snres. me amam ?

FRANCISCO.

Até os olhos!

ANTONIO.

Até á pontinha dos cabellos, prima.

MARIA.

Pois então sujeitem-se a uma prova : eu atarei um lenço nos olhos de cada um dos primos, e assim vendados, ambos tratarão de apanhar-me ; o primeiro que tiver a felicidade de me pôr a mão, será o preferido.

FRANCISCO.

Prompto : eis aqui o meu lenço.

ANTONIO.

Eis tambem o meu : é o jogo da cabra-céga !

MARIA.

Bem : vamos a isto. (Ata o lenço em Antonio.)

ANTONIO.

Ai, priminha, não aperte assim...

MARIA.

Chegue, primo Chico.

ANTONIO.

Oh! prima, veja o Chico não fique olhando por baixo do lenço.

FRANCISCO...

Prima (Baixo), deixe o lenço bambo, ouviu?...

MARIA, apertando.

Sim, espere...

FRANCISCO.

Oi!

MARIA.

Agora apanhem-me... (Vae ter com José.) Eil-os ahi, são os meus namorados, eu lh'os entrego.

SCENA XII

FRANCISCO, ANTONIO e JOSÉ.

FRANCISCO.

Oh! prima!... prima!... (José dá-lhe palmadas.) Oi!...

ANTONIO.

Não se chegue tanto para elle, prima; dê em mim também. (José dá-lhe.) Assim, ladrãozinho! pancadas de amor não doem. (José dá-lhe.) Oi! safa, esta doeu.

FRANCISCO.

Prima, assim não vale; o Antonico está olhando por baixo do lenço. (José dá-lhe.) Ai! que mão pesada tem o diabo da prima!

ANTONIO.

Mas no caso de... (José dá-lhe) Ai! como eu ia dizendo... (José dá-lhe.) Oi!

FRANCISCO.

Fogo nelle, prima... (José dá-lhe.) Oi!

ANTONIO.

Arrume-lhe. (José dá-lhe.) Oi!... (Esta scena póde prolongar-se convenientemente.)

TIBERIO, dentro.

É noite fechada, vamos.

JOSÉ, consigo.

Elles vem... é tempo de retirar-me. (Olhando para dentro.)
Adeus, querida Mariquinhas! oh!... Lá vae em despedida.
(Dá em ambos.)

FRANCISCO.

Oi!

ANTONIO.

Oi!

(Vae-se José pelo morro. Continuam Antonio e Francisco a procurar Maria de braços abertos; aproximam-se do patim ao tempo que vêm descendo todos, e seguram ambos em Galathea.)

SCENA XIII

FRANCISCO, ANTONIO, TIBERIO, GALATÉA, MARIA, JULIA,
CLARA e os FEITORES, MULHERES e FILHOS dos ditos que saem
das diversas casas.

GALATÉA.

Que quer dizer isto?... estarão doidos estes rapazes!...

FRANCISCO e ANTONIO, pegando ambos em Galatón.

É minha !!! (Tiram os lenços.)

GALATÉA.

Ai! não offendam o meu pudor!...

FRANCISCO, a Antonio.

Pois sim, é sua... tome-a...

ANTONIO, a Francisco.

Nada... eu não quero... o snr. disse que era sua...

GALATÉA.

Mas que desaforo é este?...

ANTONIO.

Que vergonha!...

FRANCISCO.

Não sei onde me esconda! eu não digo palavra.

GALATÉA.

Então não respondem?

TIBERIO.

Ora eis ahí a mana a gritar! pois não vê que os rapazes estavam jogando a cabra-céga?

MARIA.

Oh! lá vae o peregrino! (Mostra o peregrino subindo o morro.)

GALATÉA.

Vae passar junto da casa arruinada... o seu anjo da guarda o acompanhe...

JULIA.

Eil-o ao pé della...

MARIA.

Ah! passou!!! e como está clara a lua!...

GALATÉA.

Este luar é propicio aos fantasmas, é a hora!... já principio a tremer.

TIBERIO.

Rapaziada, á frente!...

MARIA.

Que vae fazer, meu tio?...

TIBERIO.

Vou á casa arruinada; pois então?... vocês juram-me que lá não ha ladrões?...

FRANCISCO.

Sem duvida.

TIBERIO.

Pois de almas do outro mundo não tenho eu medo.
Rapaziada, olha a voz do general: esquadrão!... sentido!...
esquerda a rôdar! .. marcha!... a trote!...

(Tiberio, Francisco e es feitores avançam e vãe subindo o morre para a casa arruinada; Tiberio vae na frente, mas empurado pelos eutros. As suras, meio veltadas prra lá, ajeelham-se e cantam de modo que os hemens chegam á casa arruinada depois de terminado o cante.)

CORO DAS SENHORAS.

Oh! Divina Providencia,
Vossos filhos amparae!...

A funesta horriyel sombra
Em seu proi desencantae.

(Tiberio e os outros têm chegado junto da casa arruinada; apparece á porta o fantasma; lançam-se todos pelo morro abaixo.)

SCENA XIV

OS PRECEDENTES e O FANTASMA.

FANTASMA, apparecendo á porta.

Tremei !!!...

TIBERIO.

Misericordia!... Lançando-se pelo morro abaixo com os companheiros.
Mi... mi... misericordia!...

TODOS.

Misericordia!... misericordia!... (Todos eáem de joelhos.)

FANTASMA.

Tremei, curioso humano,
Que ousaes meu vulto encarar!...
Tremei se meus frios braços
Puderem vos abraçar!...

TIBERIO.

Ah!...

(Tremendo sem se poder ter de joelhos. O Fantasma vem descendo vagarosamente e pára no meio do morro emquanto se canta o coro.)

CORO GERAL.

Oh divina Providencia,
Vossos filhos amparae;

A funesta horrível sombra
Em seu prol desencantae.

FANTASMA.

Meu canto é como um véo,
Em que terno e medroso
Do vulgo curioso,
Se esconde um puro amor.

Patrona dos mysterios
A lua se revela ;
Accorda, oh minha bella,
Que está velando amor.

(Apenas começa este canto, Maria vae-se pouco a pouco erguendo o já sem
receio.)

GALATÉA.

Agora sua voz é terna, o seu canto é meigo... elle não
cantou nunca assim.

MARIA.

O fantasma, eu não o temo!... eis o meu anel, vou ter
com elle... (Partindo.)

GALATÉA.

Minha filha!!!

MARIA.

Nada receie minha mãe... eu já não temo o fantasma ..
tenho o meu anel no dedo.

GALATÉA.

Mano Tiberio, salve minha filha!...

TIBERIO.

Assim sou eu tolo!... não saio d'aqui nem pelo diabo!

GALATÉA.

Mariquinhas! minha filha!!!

(Maria sorre para o Fantasma com o anel na mão ; este ajoelha-se, e cantam ambos com o côro.)

FANTASMA e MARIA.

A ventura está sorrindo,
Para nós n'um céu de amor ;
A esperança desabrocha,
Como lisonjeira flôr.

CORO.

Que desgraça, que imprudencia,
Oh ! que susto, que terror !
Queira o céu salvar a louca
Do fantasma aterrador.

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

O theatro apresenta a mesma decoraçãõ do acto anterior.

SCENA PRIMEIRA

TIBERIO, FRANCISCO, ANTONIO, GALATÉA e CLARA.

GALATÉA.

Deixe-se de imposturas ; você não póde enganar a ninguém.

TIBERIO.

Hei de vingar a injuria que hontem se fez aos meus bigodes : digam-me cá : o fantasma tem orelhas?...

CLARA.

Cá por mim não sei, ainda uão tive animo de olhar para elle.

TIBERIO.

Pois se tiver orelhas hei de arrastal-o por ellas até aqui.

GALATÉA.

Já não posso soffrel-o por mais tempo! Ah! snr. barriga de vento, porque com toda essa valentia deitou-se a correr hontem á noite pelo morro abaixo?

TIBERIO.

É falso! eu não corri; eram estes fracalhões, que me empurravam adiante de si.

FRANCISCO.

Ora, meu pae, vosmecê até estava a gritar como um desesperado.

TIBERIO.

Oh! insolente! assim fallas de teu pae?... que culpa tenho eu de que não entendessem as minhas vozes?... o que eu bradava era : alto... frente... perfilar... mas desgraçadamente eu commandava um exercito sem disciplina.

GALATÉA.

A unica pessoa animosa foi Mariquinhas; bem diz o dictado : d'onde não se espera d'ahi é que vem!

ANTONIO.

Porém, minha tia, observe que ninguem tinha como a prima um annel encantado.

TIBERIO.

Seja como fôr : eu quero vingar os meus bigodes; e

desta vez hei de ir só... deixem-me ; retirem-se, que eu vou partir em busca do fantasma.

GALATÉA.

Leva em cima de si um arsenal completo; mas eu creio que elle é capaz de largar até a espada para melhor correr.

TIBERIO.

Se eu achar o vil fantasma
Saberei subjugal-o,
Hei de montar-lhe nas costas,
Farei delle o meu cavallo.

FRANCISCO e ANTONIO.

Que loucura de meu pae
Querer campar de animoso,
Quando todos o conhecem
Pelo capitão medroso.

GALATÉA e CLARA.

Nós já contamos gozar
A festa que tem de haver,
Quando o nosso capitão
Entrar aqui a correr.

TIBERIO.

Adeus! adeus! nada receiem por mim; tenham confiança na força do meu braço. (Parte para o morro.)

GALATÉA.

Nós temos toda a confiança na promptidão das suas

pernas. Deixemos ir aquelle maluco, e vamos tomar café.
(Vão-se.)

SCENA II

TIBERIO, só que volta do morro.

Foram-se?... pois agora volto eu. Nada, n'aquelle mundo não entro nem por uma mina de ouro. Ora é boa! querem por força que eu seja um ferrabraz... pois não! meu pae, que Deus haja, não faz outro filho Tiberio : vou passear pela estrada ; porque dentro do mato não caio em entrar : se me dér o somno, deito-me embaixo de uma arvore, e d'aqui a duas horas appareço fatigado, e com os vestidos rotos, digo que bati montes e vales, que entrei em cincoenta furnas, e que não achei o fantasma!... apoiado !...

Não nasci para mata-mouros,
Ao meu copo tenha amor;
Para morrer falta-me o brio,
Para fugir tenho valor.

A barriga me atrapalha ;
Mas nos pés não tenho um callo ;
Pulo mais do que um cabrito,
Corro mais do que um cavallo.

SCENA III

ANTONIO, só.

ANTONIO.

Ah! finalmente pude escapar um momento das garras de meu irmão : se fosse uma moça, estava eu bem fivre de que se chegasse tanto para mim ; é uma sarna ! tem-se tornado a minha sombra ; não posso dar um passo nem fazer cousa alguma, que o sur. Chico não venha logo á socapa observar-me. Já perdi a esperança de fallar a sós com a prima... Escrevi-lhe uma carta ; mas a difficuldade está agora em encontrar um fiel cravo da India... Oh! lá me sáe d'aquelle lado a afilhada de minha tia... se esta rapariga quizesse...

SCENA IV

ANTONIO e JULIA.

JULIA, comsigo.

Eis aqui um dos apaixonados de D. Mariquinhas ; ora que todo o namorado tenha cara de tolo !... é celebre !...

ANTONIO.

Adeus, D. Julia.

JULIA.

Viva snr. Antonico.

ANTONIO, consigo.

Eu não sei como lhe falle... tenho assim uma especie de vergonha.

JULIA, consigo.

Certamente o sujeito quer-me dizer alguma cousa...

ANTONIO.

La vae... saia o que sahir...

JULIA.

Snr?...

ANTONIO.

D. Julia... se a senhora quizesse... me fazer um favor...

JULIA.

Conforme, snr. Antonico ; eu sou muito sua affeioada, mas isso lá de favores é conforme.

ANTONIO.

Diga-me, a snra. é amiga de minha prima?...

JULIA.

Pois isso se pergunta?... sou afilhada de sua mãe, baptisámo-nos na mesma pia, creámo-nos juntas, e apesar della ser rica, e eu pobre, tratamo-nos como irmãs.

ANTONIO.

Eu... eu tambem amo muito minha prima.

JULIA.

Acho que está no seu direito, snr. Antonico.

ANTONIO.

Mas olhe, D. Julia, tem sido o diabo; ainda não pude declarar a minha paixão, com todos os seus *ff* e *rr*, á minha prima.

JULIA.

Na verdade isso é máo, porque D. Mariquinhas dá extraordinaria importancia aos *ff* e *rr*: são as letras do alphabeto de que ella mais gosta.

ANTONIO.

Quer saber uma cousa?... resolvi-me a escrever-lhe.

JULIA.

Julgo que fez o que devia.

ANTONIO.

Acho-me porém muito embaraçado... como não tenho pessoa de confiança, que se encarregue da carta...

JULIA, comsigo.

Se eu lhe apanho a carta!... Oh! que regalo!...

ANTONIO.

Agora... se por ventura... a snra., quizesse...

JULIA.

Eu, snr. Antonico?... Deus me defenda...

ANTONIO.

Pois que tinha?... não era nenhuma alma do outro mundo...

JULIA.

• Mas é que vae a gente fazer um papel tão triste...

ANTONIO.

Como?... servir a sua amiga?...

JULIA.

Isso lá é verdade; todavia eu... tenho tanta vergonha...
que...

ANTONIO.

Ande, D. Julia, tome... seja fiel á sua amiga. (Dá-lhe
carta.)

JULIA. consigo.

Pilhei-a! coitadinho do Antonico! (A Antonio.) Agora...
Não vá o sur. dizer por ahi...

ANTONIO.

Oh! não tenha susto : adeus!... cuidado!

(A Julia.)

Servir uma boa amiga
Prova bondade e candura.

(Comsigo.)

Que Tobias feminino
Me descobriu a ventura.

JULIA, a Antonio.

Por quem é, não diga nada
Do que pode conseguir.

(Comsigo.)

Oh que tolo! á custa delle
Teremos muito que rir.

SCENA V

JULIA, só.

Bello ! bello ! eis aqui uma cartinha ; que me dá panno para mangas. Que devo porém fazer della?... Vejamos : guardal-a?... asneira no caso ; seria perder um thesouro... aqui ha de haver cousinhas de se aproveitar!... nada, guardal-a não : entregal-a a D. Mariquinhas?... outra asneira... isso era dar gostos ao snr. Antonico ! Oh ! lá vem o snr. Francisco... que idéa ! pôr a carta nas mãos do rival... isso sim é que póde dar consequencias de fazer rir. Vá feitô...

SCENA VI

JULIA e FRANCISCO.

FRANCISCO, consigo.

Onde se metteria o tratante do Antonico ? eu não devo perder de vista aquelle aprendiz de chicana...

JULIA.

Snr. Francisco, faça o favor de me dar uma palavra.

FRANCISCO.

Pois não, minha Juliasinha, não só uma como duas

duzias. (Comsigo.) Esta pequena assim como assim, não tem mãos bigodes.

JULIA.

Quero desabafar-me com o snr...

FRANCISCO.

Então que ha de novo?... (Comsigo.) A pequena parece meio arrebitadinha.

JULIA.

O snr. seu mano acaba de tratar-me muito mal... faz um conceito da gente, que...

FRANCISCO.

Aquillo é um brejeiro sem coração... é um tolo com balda de esperto, que é a peor casta de tolos que ha.

JULIA.

Pois não teve o atrevimento de querer fazer-me terceira nos seus amores?...

FRANCISCO.

Como é lá isso? falle : oh! diabo! e a boa peça de minha tia a massar-me lá dentro, enquanto meu irmão fazia das suas cá por fóra!... Que estas velhinhas tenham sempre a balda de atrapalhar os rapazes!... (A Julia.) Mas que queria o tal badameco?...

JULIA.

Nada menos do que encarregar-me de uma carta para a snra. D. Mariquinhas.

FRANCISCO.

Ah! maroto!

JULIA.

É vou eu... com aquelle repente... puz-me a gaguejar e, sem querer, recebo a carta e agora não sei o que devo fazer...

FRANCISCO.

Oh! Juliasinha da minha alma, dê-me essa carta... dê-me...

JULIA.

Isso tambem não... era... eu não sei bem o que era; mas penso que não era fazer bem.

FRANCISCO.

Deixe esses eras, e não eras, e vamos vêr as tolices que aquelle pedaço d'asno escreveu nesse papel.

JULIA.

E depois : se acaso seu irmão souber?

FRANCISCO.

Se elle lhe disser alguma liberdade, sou capaz de arrumar-lhe quatro cascudos.

JULIA.

O snr. dá-me palavra de lêr alto?...

FRANCISCO.

Ora... sem du vida...

JULIA.

Pois eis aqui a carta ; mas, segredo.

FRANCISCO.

Aquelle meu mano
 Não tem bola não ;
 É grande em namoro,
 Sublime em chicana,
 Juiso — canan.

JULIA.

Cuidado não falle
 Fallar não é bom ;
 Depois da leitura
 Não tuja nem muja ;
 É lêr e — chiton.

FRANCISCO.

Lá vae : (Lendo com interrupção.) « Priminha do coração ! »
 Olhem o bobo !... principia logo com uma asneira. « Eu
 vos amo desde a sola dos pés até á ponta dos cabellos. »
 Assim, pedaço d'asno !... aquillo sempre foi a vergonha
 da familia !...

JULIA.

Não se interrompa, snr. Francisco, vá lendo até o fim.

FRANCISCO.

« Querida prima, como me destino aos mysteres judi-
 ciales, permitti que vos pinte o meu amor assim a modo
 de promotor publico em libello accusatorio ; portanto,
 attendei-me. » Ora, snr. : que quererá dizer este pateta
 das luminarias !...

JULIA.

Leia... leia... que está muito bonito.

FRANCISCO.

« Em libello terno accusatorio por parte de seu pobre coração diz o futuro advogado Antonio Tiberio Sarmento, primo da prima Mariquinhas, e sendo necessario provará : que antes de nascer já chorava por ella, e depois que lhe nasceram as barbas suspira todas as noites até á madrugada. » Que bobo !... « P. que a priminha por gratidão, ao menos, não deve desprezar quem tanto a adora. » Que tolo !... « P. que o coração do supp. vive arquejando aos pés da supplicada, como um cachorrinho, que rosna aos pés de seu snr. » Que pedaço d'asno !... « P. que o mauo Chico. » Oh ! tambem eu entro no processo ?... « P. que o mano Chico não merece as attensões da prima, porque não póde fazer a sua felicidade ; pois além de ter grandes tendencias para jogador, bebe já como um Polaco, além de outros pequenos defcitos, como são o ter dado uma facada na Praia-Grande... » oh ! calumniador !... « e haver na cidade furtado um relogio. » Oh ! monstro !... assassino de minha honra !...

JULIA.

Como está bonita a cartinha !... continue...

FRANCISCO.

« P. que n'estes terminos... » Provará que n'estes termos meu irmão Antonio é um miseravel tratante e eu hei de quebrar-lhe os ossos !...

JULIA.

Está bem ; mas...

FRANCISCO.

Patife!... dizer que eu dei uma facada na Praia-Grande!... eu! que um dia cahi desmaiado por vêr matar uma galinha!...

JULIA.

Não faça caso...

FRANCISCO.

Jogador, eu?... eu?... que apenas sei a bisca, o esten derete e o burro! hei de vingar-me!

JULIA.

Está bem, tem razão ; mas agora...

FRANCISCO.

Bebado eu?... eu, que o unico espirito que entra na minha bocca é as vezes alguma limonada de cajú, e isso mesmo me faz mal aos nervos... Oh! irmão fatal!!!

JULIA.

O caso vae ficando mal parado; se elle dá outro grito, eu safo-me; e o snr. Antonico que se arranje com o sur. Chico, como puder.

FRANCISCO.

Ladrão de relógio eu?... isto é o que não se atura... este insulto só se ha de lavar com sangue... não!... não devo soffrer que ao pé d'aquella que adoro, assim se me calumnie... Vem, tyranno!...

JULIA.

Não ha outro remedio... ponho-me ao fresco. (Vae-se.)

SCENA VII

FRANCISCO, só.

Sim! esta affronta é tão grande, que não póde ficar impune!... Bem sei que sou fraco, que sahi tal e qual a meu pae, pintado, cuspido e escarrado; mas tambem o insolente que me offende é um vil maricas, como eu. Animo! um dia hei de ser homem de coragem: vou escrever a meu irmão, e desafial-o para um duello de vida ou de morte: a nossa arma será a pistola, o nosso logar o cume do monte junto á casa arruinada... a nossa hora ás nove da noite... e teremos por testemunhas a lua e o fantasma!... ao menos será um desafio romantico!... Oh! sim!.. vou immortalisar-me!...

Trema o tyranno
Calumniador,
Trema das flammas
Do meu furor,
Da minha raiva,
Do meu rancor!

Já não mais sinto
Fraterno amor;
Só dou ouvidos
Ao meu furor;
Trema o tyranno
Calumniador.

(Vae-se.)

SCENA VIII

GALATÉA e MARIA.

GALATÉA.

Anda, Mariquinhas, cá fóra continuaremos mais em liberdade aquella conversa que tínhamos hontem começado.

MARIA.

Mas que conveesa, minha mãe?... realmente eu não me lembro mais.

GALATÉA.

Fallavamos a respeito do teu futuro casamento...

MARIA.

Ah! minha mãe...

GALATÉA.

Tens já deseseis annos, rapariga : estás bonita, e com uns olhos, que quem conhece olhos, vê logo que esses teus estão doidos por achar marido. Ora, eu como boa mãe, por modo nenhum te quero para tia : olha, Mariquinhas, tu ainda não sabes como é feio esse nome de tia, quando a tia não dá por sua parte algum sobrinho também : tia é um nome horroroso para as snras. solteiras ; é um insulto que faz desesperar ; é o mesmo que dizer que a pobre moça não achou nunca quem a quizesse aturar, e...

MARIA.

Está bem, minha mãe ; eu confesso que não me acho com grande disposição para crear sobrinhos.

GALATÉA.

Pois então é preciso cuidar no casorio : nestes negócios não ha tempo a perder, tanto mais que casando-te moça, podes ter a esperanza de casar outra vez, enviuvado cedo.

MARIA.

Deus me livre de pensar em tal : seria desejar a morte de homem com que me casasse.

GALATÉA.

Não é por isso, tola ; é porque tu és da familia dos viuvos.

MARIA.

Como é isso então, minha mãe ?

GALATÉA.

Olha, os manos Tiberio, Basilio e eu, casamos todos no mesmo dia, e tres annos depois estavamos todos viuvos : e sabes porque não casei de novo ?...

MARIA.

Não, senhora.

GALATÉA.

Porque na epocha do meu primeiro e unico casamento, já eu contava os meus cincoenta completos. Convem portanto que te cases moça ; porque, se segundo a regra da

familia enviuares tres annos depois das nupcias, e a regra fôr sempre a mesma, descontando para cada viuvez um anno de luto, poderás, quando chegares aos sessenta annos, estar casada com doze maridos.

MARIA.

Misericordia, minha mãe!... não me deseje semelhante cousa!... cra para me ficarem chamando a — enterra maridos.

GALATÉA.

É preciso que haja exemplos desses no mundo para contrabalançar o grande numero dos mata-mulheres. Em consequencia de tudo quanto te acabo de expôr, lancei os olhos sobre alguns rapazes, e aqui te trouxe dois primos pretendentes, para que escolhas um delles. Não te incommode muito a escolha, filha, porque no fim de quatro annos poderás igualmente desposar o segundo.

MARIA.

Porém, minha mãe, não se lembra que meus primos pertencem tambem á familia dos viuuos?... Quem sabe em taes circumstancias se a victima será o marido, ou a mulher?... Olhe : eu não tenho vontade de casar-me para enviuvar ; mas, em ultimo caso, amigos amigos, negocios á parte ; antes morra o marido do que eu.

GALATÉA.

Cala-te, creança ; tu não sabes disto : na nossa familia o ramo mais vigoroso foi sempre o feminino ; todas nós somos mulheresinhas de faca e calháo!

MARIA.

Está bem; eu peço um mez para decidir este negocio.

GALATÉA.

Um mez!... de modo nenhum; prometti a meu irmão que amanhã se decidiria a questão de preferencia.

MARIA.

Preciso conhecer o homem com quem me devo casar; estes meus primos moraram sempre na côrte, e eu não os conheço ainda sufficientemente.

GALATÉA.

Estou prompta a dar-te todas a explicações, filha, posto que a defunta minha mãe não julgasse isso necessario comigo. Ora, escuta; teu primo Chico vai ser negociante...

MARIA.

Não me serve: escravo de cifras, e de algarismos, sem duvida calcula já com o meu dote: irá escrever o meu nome no livro das entradas, uma hora depois de casar comigo.

GALATÉA.

Bem: então serve-te o Antonico, que se destina a procurador de causas.

MARIA.

Peior: teremos uma vida de chicana; ouvirei todo o dia em casa replicas, treplicas, aggravos e appellações...

Um marido chicanista deve ser o maior de todos os martyrios.

GALATÉA.

Tola ; a mulher é quem faz o marido : o segredo está no principio : é logo na lua de mel põl-o de selim e freio, que elle fica humilde cavallinho toda a sua vida.

MARIA.

Embora, minha mãe, estes dois sujeitos não me convêm... Olhe... eu... antes quero morrer do que casar com qualquer d'elles.

GALATÉA.

Filha, não me venhas com parvoices, que já me vae subindo o sangue á cabeça, e eu sou capaz...

MARIA.

Minha mãe, póde fazer o que quizer, menos obrigar sua filha a casar contra a vontade, no tempo da Constituição.

GALATÉA.

Oh ! grandississima não sei que diga ! pois tu já sabes de Constituição ?...

MARIA.

Senhora...

GALATÉA.

Será teu marido
Quem me parecer,

Cumprir minhas ordens
É só teu dever.

MARIA.

De mãe os direitos
Eu sei respeitar;
Mas só com quem amo
Lhe juro casar.

AMBAS

GALATÉA.

Desprezo tolices
De amor e de amar;
Segundo meus votos
Tú has de casar.

MARIA.

Eu quero um esposo
Digno de se amar;
Contra votos d'alma
Não hei de casar.

TIBERIO, dentro.

Ah! que d'El-Rei!... quem me acode!... Ah! que
d'El-Rei!...

GALATÉA.

E o mano Tiberio...

MARIA.

Que será?... que lhe succederia!...

SCENA IX

OS PRECEDENTES, FRANCISCO, AMTONIO, JULIA, CLARA,
os FEITORES, etc., etc.

FRANCISCO.

É a voz de meu pae...

ANTONIO.

Que será ?

TODOS.

O fantasma... de dia...

SCENA X

OS PRECEDENTES, e TIBERIO, desarmado e em desordem.

TIBERIO.

Soccorram-me!... é elle!... eu o vi!... é elle mesmo!...
o fantasma... lançava chammas pelos olhos... brasas pela
bocca... fumaça pelo nariz... deitou a correr atraz de
mim... a chamar-me pelo meu nome... correu... não tem
pés... tem patas... é coxo... é caólho... é maneta... é o
diabo em pessoa!...

TODOS.

Misericordia!...

MARIA, consigo.

Do fantasma não tenho eu medo.

BASILIO, dentro.

Oh! Tiberio!... oh! maluco!...

TODOS, grito geral.

Ah!...

TIBERIO,

Escondam-me... escondam-me... eu vou metter-me dentro de um forno... (Vae subir a escada, e cabe.) Estou morto!
(Fica immovel.)

GALATÉA.

Eis o que foi fazer este maldito... chamar a desgraça sobre minha casa... eu vou rezar! (Vae-se correndo.)

MARIA.

Que será isto?...

FRANCISCO.

Meu pae!

TIBERIO.

Deixa-me, filho do diabo! homem morto não falla : digam que morri de medo.

SCENA XI

Os PRECEDENTES e BASILIO,

BASILIO.

Oh! Tiberio! oh! maluco!

FRANCISCO, ANTONIO E MARIA.

O tio Basilio!

- TODOS.

O sr. Basilio!...

BASILIO.

Adeus, sobrinha! venha lá esse abraço!

TIBERIO, consigo.

É a sua voz!... *abrenuntio!*...

BASILIO.

Adeus, Chico! Que diabo de barbas são estas?... Se eu fosse teu pae, tinha já mandado deitar esse matta abaixo; mas que é do pastrana do mano Tiberio, que deitou a correr assim que me viu.

ANTONIO.

Assim que o viu?...

FRANCISCO.

Pois era Vmce., meu tio?...

TIBERIO, levantando a cabeça.

Aquella cara é a do mano Basilio!...

BASILIO.

Era eu sem mais nem menos. Apeei-me alli em casa do compadre Matheus, e vinha vindo a pé para cá quando encontro a figura do mano Tiberio... dormia em baixo de uma arvore, e roncava como um porco; ponho-me a gritar por elle, e o basbaque accorda espantado, dá com

os olhos em mim, larga espingarda, pistolas e espada, e deita a correr como um veado...

TODOS, menos Francisco e Antonio.

Ah! ah! ah! ah!

TIBERIO.

Que vergonha!... que vergonha!...

BASILIO.

Mas onde está elle? Oh! Tiberio! Tiberio!

TIBERIO.

En ? (Levantando a cabeça.)

BASILIO.

Oh!... pois estás ahí?... olhem que figura!... levanta-te, homem, estás doido?... (Levanta-se.) Anda, dá cá esse abraço! ha que tempo, en?... então porque corrias tu de mim?... estás mal comigo ?...

TIBERIO.

Basilio, olha que estás com uma cara que assusta a gente... parecez-te com um fantasma pintado e cuspidor.
(Comsigo.) Que vergonha!...

ANTONIO.

Coitado de meu pae!

BASILIO.

Mas porque corrias tu, homem ?...

TIBERIO.

Ora... não fallemos nisso...

MARIA.

Tio Basilio, o caso é este : apparece aqui todas as noites um terrivel fantasma : o tio Tiberio sahi ha algumas horas em busca delle, e sem duvida adormeceu involuntariamente ; accordou sobresaltado aos seus gritos, e pensando que Vmce. era o fantasma, deitou a correr até aqui, assombrado.

BASILIO.

Ah! ah! ah! Ora esta não se conta a ninguem.

TIBERIO, com-igo.

Eu logo vi : quem havia de fallar! é mulher e basta.

MARIA, a Antonio.

Primo, faça o favor de ir dizer á minha mãe que se acha aqui o tio Basilio...

ANTONIO.

Pois não, priminha! oh voz de assucar refinado!
(Vae-se.)

FRANCISCO, comsigo.

Ella lhe falla em segredo!... tudo está decidido! vou mandar-lhe o cartel de desafio. (Vae-se.)

SCENA XII

Os PRECEDENTES, menos ANTONIO e FRANCISCO.

BASILIO.

Que carreira, em que vinha
O maricas medroso,
A pensar que eu seria
O fantasma horroroso.

TODOS.

Ah! ah!
Ah! ah!
Ah! ah!
Ah! ah!

TIBERIO.

Que vergonha!
A julgar
Que era elle
O fantasma!

BASILIO.

Que tolo!
Que carreira!
Que parvo!
Que asneira!

TODOS.

Ah! ah!
Ah! ah!
Ah! ah!
Ah! ah!

TODOS.

Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

TIBERIO.

Basta! basta de zombar dos contratemplos a que estão sujeitos os guerreiros.

MARIA.

Sim, basta de zombar de meu tio.

BASILIO.

O que te vale é seres apadrinhado por esta pequerrucha, de quem sempre gostei tanto. Sabes, Mariquinhas? vim fazer as pazes com tua mãe.

MARIA.

Oh! como me alegra meu tio!... eu vou saltar de prazer!

BASILIO.

Olha... comtanto que ella não venha com alguma das suas, tudo se arranjará. Aquella mana Galatêa tem um genio como a eara della!

MARIA.

Meu tio!

BASILIO.

Eu cá sou outro serrasina ; mas espero conter-me.

MARIA.

Ahi vem minha mãe : meu tio, prudencia.

SCENA XIII

Os PRECEDENTES e GALATÊA.

GALATÊA.

Criada do sur. Basilio!

BASILIO.

Servo da snra. Galatêa. (Comsigo.) A maldita velha nem o nome de irmão me deu!

GALATÊA, comsigo.

Olhem a vil tartaruga! nem por irmã me trata!

MARIA, consigo.

Receio tudo do máo genio de minha mãe, e de meu tio. (A Basilio.) Meu tio, prudencia!...

BASILIO, a Maria.

Por tua causa já estou a torcer-me.

MARIA, a Galatéa.

Minha mãe, trate bem a meu tio.

GALATÉA, a Maria.

Estou já n'uma polwora; mas tu és a minha agua fria. (A Basilio.) Estimo bastante vê-lo.

BASILIO.

Fico-lhe muito obrigado.

TIBERIO, consigo.

Que duas biscas! ninguem dirá que são irmãos d'um paz d'alma como eu.

GALATÉA.

O snr. não quer entrar para descançar?...

BASILIO.

Nada : quero, antes de tudo, dizer-lhe o motivo que me trouxe aqui.

GALATÉA.

Estou ás suas ordens.

BASILIO.

Snr. minha irmã, eu tomo a todos por testemunhas

de que estive mal com a snra. nove annos, e que nunca precisei da sua amizade.

MARIA, a Basilio.

Meu tio !

GALATÉA.

Nem eu da sua : ouviu ?

MARIA, a Galatéa.

Minha mãe !

BASILIO.

E portanto não é por interesse que aqui me apresento. Snra. Galatéa, venho dar-lhe razão, venho entregar-lhe as mãos á palmatoria... venho dizer que a snra. é uma sabia, e que eu... sou... um burro.

TIBERIO, consigo.

Que modestia de meu irmão !

BASILIO.

Sim, venho até pedir-lhe perdão : porque eu não quiz seguir os seus conselhos, depois de nove annos acabo de receber o mercido castigo ; perdi, desmoralisei meu filho mandando-o estudar : meu filho acaba de fugir-me de casa !

GALATÉA.

Sinto muito da minha parte.

BASILIO.

Repito : a snra. tinha toda a razão no que me dizia :

aquele que manda instruir seus filhos, é um pedaço d'asno...

MARIA, a Basilio.

Meu tio !

GALATÉA.

Pedaço d'asno é quem os quer encharcados na ignorancia !

MARIA, a Galatêa.

Minha mãe !

BASILIO.

É um bruto... sem alma...

MARIA, a Basilio.

Meu tio !

GALATÉA.

Bruto é você, ouviu !

MARIA, a Galatêa.

Minha mãe !

BASILIO.

Merece que lhe desanquem os ossos...

MARIA, a Basilio.

Por quem é...

GALATÉA.

O snr. vem insultar-me em minha casa ?...

MARIA, a Galatêa.

Prudencia, minha mãe !

BASILIO.

Oh ! velha de uma figa ! pois você não vê que a mim mesmo é que me descomponho e que lhe estou dando razão ?...

GALATÉA.

Eu bem o conheço, snr. cara de mono : como sabe que mandei educar minha filha, vem agora dizer-me d'estas ! olhe que sou capaz de mandal-o correr a páo d'aqui para fóra !

MARIA.

Está tudo perdido ! que desgraça !...

BASILIO.

Manda, se és capaz, tartaruga ! velha ! dragão ! furia ! ventas de mono !

GALATÉA.

Oh ! grandississimo atrevido ! já d'aqui para fóra, sô fãasbaque, mata-cães, unhas de fome !

BASILIO.

Sura. Galatéa, a snra. sempre é uma mulher que teu nome de cachorro !

GALATÉA.

E você se não tem o nome, é apesar disso um cachorro, um atrevidaço !

BASILIO.

Sura. Galatéa, olhe que eu sou capaz de medir-lhe o corpo com este páo !...

GALATÉA.

Eu sou quem ainda ha de arrancar-lhe o nariz com estas unhas!

MARIA, a Tiberio.

Meu tio, socegue seus manos; elles já não me ouvem...

TIBERIO, a Basilio.

Mano Basilio, veja o que faz, isso não é modo...

BASILIO, a Tiberio.

Sáe d'aquí tu tambem, barriga de vento; olha que te arrumo um cascudo!... tu és tão bom como tua irmã.

TIBERIO.

Safa!... (Retirando-so.)

MARIA, cée do joolaos entre os dois.

Pois então, minha mãe, meu tio, eis-me aqui! eu estou no meio de vós ambos! os insultos que vos lanças mutuamente não poderão chegar mais um ao outro, sem que primeiro passem por mim! meu sangue é o sangue de vós ambos! por quem sois, tende piedade de mim, não vos offendendo! eu não me levantarei d'aquí enquanto gritardes!

BASILIO, erguerdo-a do seu lado.

Porque carga d'agua nasceria uma pomba do ventre de um tigre!...

GALATÉA, erguondo-a do seu lado.

Eu trabalharei por conter-me, minha filha...

TIBERIO, consigo.

Olhem... que estiveram ás duas por tres a agarrar-se !...

BASILIO.

Snra. Galatéa, agradeça á sua filha o não haver hoje aqui o diabo a quatro !

GALATÉA.

E você...

MARIA, a Galatéa.

Minha mãe !

BASILIO.

Eu me vou, e nunca mais tornarei á esta casa ; fique-se com o seu genio de trovoada, maldita velha rabugenta.

GALATÉA.

Vá-se dos meus olhos, sô cara de fôrma de paliteiro.

BASILIO.

Oh que velha rabugenta !
Oh que harpia tão feroz !

MARIA.

Não a insulte, caro tio,
Tenha compaixão de nós.

GALATÉA.

Vá-se embora e para sempre,
Feio velho cabeçudo.

TIBERIO.

Oh mana, tome sentido
Se elle solta-lhe um cascudo!

BASILIO.

Irmã tão raivosa
Não posso aturar.

GALATÉA.

Irmão tão bulhento
Não posso aturar.

MARIA.

Que pena!

TIBERIO.

Que dór!

CORO.

Irmãos a brigar!

TODOS.

Que raiva, que furia,
Que estranho ralhar!

BASILIO.

Adeus, sobrinha! saúde, snr. Tiberio; divirta-se,
(Vae-se.)

SCENA XIV

OS PRECEDENTES, MENOS BASILIO.

GALATÉA.

Vae-te, irmão desnaturado !

TIBERIO, consigo.

É celebre ! ainda em cima da carreira que me fez
 levar, despede-se de mim como um inimigo ! Olhem que
 casta de irmãosinhos tenho eu !

MARIA.

Meu pobre tio ! quando elle vinha procurar a paz !

GALATÉA.

Cala-te, pateta, ou então toma as dôres por tua mãe,
 que é esse o dever de uma boa filha...

MARIA, consigo.

Ah ! primo Juca do meu coração. (Ouve-se um realejo.)

CLARA.

Lá vae um homem de realejo !

GALATÉA.

Pois deixemol-o ir.

TIBERIO.

Nada ! aquillo é uma das mais bellas invenções do

mundo : dentro d'aquella caixa dansam bonecos...
miam gatos... ladram cachorrinhos... oh ! bello ! bello !
minhas meninas, ~~chamem~~ o homem do realejo, vamos
tomar um fartão !

JULIA.

Sio, oh ! snr. ! snr. ! (O Italiano vae subindo o morro.)

SCENA XV

Os PRECEDENTES, e JOSÉ, vestido de Italiano cem o realejo às costas.

JOSÉ.

Che comanda, bella ragazza ?

ULIA.

Venha cá, ande.

JOSÉ.

Oh ! súbito !... (Descendo do morro.)

Bella ragazza,
Quanto mi piace !
Non è capace
Tradire il cor.

Umilissimo servo de mios snres !...

TIBERIO.

Que bello ! como são grandes e admiraveis estes estrangeiros !... meu caro monsiú, toque lá o seu instru-

mento, e mostre-nos as suas raridades... chega, minha gente, chega!

OSÉ.

Com muito piacere : perdonate, miei snres. ; io non parlo piú bene il portuguez.

TIBERIO.

Entendo... entendo maravilhosamente! elle pia unicamente o portugese.

GALATÉA.

A proposito, Mariquinhas : tu não estiveste aprendendo o italiano no collegio?...

MARIA.

Sim, snra. ; mas agora...

GALATÉA.

Oh! monsiú!! conversate di italiani com este menine.

TIBERIO, comsigo.

Venha mais esta atrapalhação! ora que todas as mães enham a mania de atormentar a gente com as habili-dades das filhas!...

GALATÉA.

Conversate com este menine...

OSÉ, a Galatéa.

Volontiere. (A Maria.) Lei parla italiano ?

MARIA.

Si, signore.

SÉ.

Oh! mia diletta cugina, che piacere!...

MARIA.

Ah! siete voi, cugino Pipo!!!

GALATÉA.

Que te disse o estrangeiro que tanto te agradou?

MARIA.

Diz que sympathizou muito com minha mãe. (Comsigo.)
Ah! é o primo Juca! (A José.) Mio bello cugino Pipo! siete voi?...

JOSÉ.

Tutto intiero; e non sapeva come dirle cierte cose.

TIBERIO, batendo palmas.

Que diz elle? que diz elle?

MARIA.

Diz que meu tio tem cara de ser homem valente.

JOSÉ.

L'audácia trasparisce dal suo sembiante...

TIBERIO.

Isso é obsequio que me quer fazer. (Comsigo.) O diabo me leve se eu entendi o que elle disse.

MARIA.

Dunque profitiamo; l'occasione é bella.

JOSÉ.

Prima che siamo costretti a tacere, sappia; all' ascen-

dere la montagna c'è una pietra con un fiore sopra, sotto la quale lasciai uma lettera per voi.

GALATÉA, *comsigo.*

Estou ficando meio desconfiada da tal conversa!

MARIA.

Benissimo : subito andró a prenderla; non vuoi dire niente di piú?...

JOSÉ.

Che io t'adoro, mia bella cugina!...

TIBERIO.

O brejeiro diz que quer ir para a cozinha! Que graça!...

MARIA.

Oh! sono beata!... e anch'io t'amo!... lo giuro a te.

GALATÉA.

Basta de conversa; vamos aos bonecos.

JULIA, *comsigo.*

Tambem pela minha parte acho um não sei que n'este italiano.

JOSÉ, *tocando e mostrando.*

Attenzione : reparate, mios signores, in queste ragazzetti, come pule... come brinque... reparati in questo coniglio...

TIBERIO.

Bravo! mana! olhe o coelho... é bonito!... E aquillo, aquillo, monsiú do meu coração?

JOSÉ.

É uma beccaccia.

TIBERIO.

Uma bichacha, mana !... bravo, uma bichacha !...

GALATÉA.

É uma galinhola, tolo : pois não conheces uma galinhola?...

JOSÉ.

Galinholo, certamente... questo é una cinghiale.

TIBERIO.

Ih ! que formidavel porco !... olhe, mana !...

GALATÉA.

Está bem : basta, que é noite : aqui tem, monsiú.
(Dá-lhe dinheiro.) E boa viagem.

TIBERIO.

Ora que pena !... deixal-o ir tão cedo !

JOSÉ.

Obbligatissimo ! umilissimo servo dei miei signori :

Bella ragazza,
Quanto mi piace !
Non è capace
Tradire il cor :

SCENA XVI

Os PECEDENTES, menos JOSÉ.

TIBERIO.

Ora não estou com saudades do Italiano!... estes estrangeiros são os peccados da gente!

GALATÉA.

Vamos recolher-nos que é noite : o fantasma póde apparecer, e não é bom que nos ache aqui.

TIBERIO.

Vamos... não que eu tenha medo do tal fantasma ; mas a prudencia sempre foi a primeira virtude dos guerreiros.

MARIA.

Minha mãe, eu já lhe sigo. (Vão-se todos.)

JULIA, e Maria partindo.

Não ha nada como fallar italiano ! (Vae-se.)

MARIA.

Maliciosa !

SCENA XVII

MARIA, só.

Elle disse-me que ao subir da montanha ha uma pedra com uma flôr sobre ella, e que embaixo d'essa pedra está

uma carta para mim. Ninguém me espreita... é tempo...
 (Corre e depois volta.) Eil-a aqui, ha que tempo não recebo
 uma carta do meu querido primo! oh! vou lêl-a... vou
 decoral-a... vou beijal-a mil vezes, e depois guardal-a
 sobre o meu coração... (Vae-se.)

SCENA XVIII

FRANCISCO, só.

Eis aqui uma victima do amor e do ciume!... não tem
 duvida: fil-a bonita! fil-a como as minhas ventas! acceso
 de colera desafici meu irmão: agora passou a febre...
 acho-me a sangue frio; mas peguem-lhe com um trapo
 quente!... ah! em que se foi metter o filho de meu pae?...
 e para onde fui determinar o encontro?... para o cume
 do monte, junto á casa arruinada!... oh! cabeça desmio-
 lada, que fui fazer!!! ah!... aqui só resta uma esperança;
 creio que meu irmão é tão banana como eu: duvido que
 se atreva a subir a montanha só, e a estas horas; pois
 eu vou esconder-me em baixo d'esta escada, e se elle não
 subir... nem eu: amanhã juro que o estive esperando, e
 que... mas não, deixe.no-nos de imposturas... tomara
 que tudo acabasse em bem... ah.... sinto rumor... aqui
 me agacho. (Esconde-se em baixo da escada)

SCENA XIX

ANTONIO e FRANCISCO, escondido em baixo da escada.

ANTONIO.

Aqui estou prompto para subir ao patibulo!... nunca em enganei com aquelle meu irmão... sempre lhe achei na cara signaes de assassino... estive quasi não quasi deixando-me ficar deitado... pois o malvado fraticida não podia matar-me na cama sem me dar o incommodo de subir a montanha! ah! se eu lá não fôr, amanhã põe elle a bocca no mundo, e certamente a prima não quererá para marido um gallinha como eu: não ha remedio, vamos morrer... eu nem sei para que trouxe pistolas!... nunca me entendi com isto!... sou capaz de apontar para elle, e acertar com a bala na minha cabeça!... mas o que é verdade é que sósinho não subo a montanha... se elle quizer, vá adiante... é o melhor; escondo-me debaixo d'esta escada e espero pelo meu algoz para ver se tem animo de subir o monte a estas horas. (Vae-se dirigindo para a escada.)

FRANCISCO.

Eil-o comigo... oh! agora mata-me aqui encurralado, como se mata um tatú no buraco.

ANTONIO.

Nunca me tremeram tanto as pernas... se este frio continua, na hora do desafio dou parte de doente... digo que estou com maleitas...

FRANCISCO.

Lá vem elle direito a mim como um fuso !... ora que eu por minhas mãos me sepultasse em vida !... nada... eu fujo...

ANTONIO.

Entremos n'este buraco... (Vae a entrar esde Francisco; susto de ambos.) Oi!

FRANCISCO.

Ah!... eil-o já de pistolas, e eu que deixei as minhas no buraco!...

ANTONIO.

O malvado estava de emboscada !...

FRANCISCO.

Aqui não ha que esperar... é morrer caladinho como um carneiro...

ANTONIO.

Eu não sei que faça... já perdi até a dóse homeopathica de animo com que vim aqui... Se eu pudesse dar uma carreira pela escada ácima... talvez que com o meu repente elle não se lembre de atirar.

FRANCISCO.

Estou quasi não quasi embarafustando pela escada... se me pilho lá dentro... oh ! quem me déra!...

ANTONIO.

Eu ponho-me ao fresco, não tem duvida...

FRANCISCO.

Aqui não ha que esperar, é fugir ou morrer...

ANTONIO.

Lá vae. (Corre á escada ao mesmo tempo que Francisco; cáem.)

Ai!

FRANCISCO.

Estou morto!...

ANTONIO.

Mano Francisco, o snr. machucou-se?

FRANCISCO.

Mano Antonico, se o offendi, queira perdoar!...

ANTONIO.

Ora isto... entre irmãos que se estimam...

FRANCISCO, consigo.

Elle vae-se abrandando. (A Antonio.) É verdade... entre irmãos.

ANTONIO.

Como o snr. me desafiou.

FRANCISCO.

Ah!... aquillo foi uma brincadeira...

ANTONIO.

Então... o snr. não quer...

FRANCISCO.

Pois eu havia de querer derramar o sangue de meu irmão?...

ANTONIO.

Respira, coração !...

FRANCISCO.

Ah !... acho-me agora tão leve !... eu sou uma especie de homem resuscitado.

SCENA XX

FRANCISCO. ANTONIO e JOSÉ, vestido de fantasma, no monte.

JOSÉ.

Destino !...

ANTONIO e FRANCISCO.

O fantasma !...

FRANCISCO.

Fujamos para dentro...

ANTONIO.

Eu não tenho animo : enquanto se nos vier abrir a porta, o fantasma salta-nos em cima, e fila-nos !...

FRANCISCO.

Então não ha que pensar... eu metto-me embaixo da escada...

ANTONIO.

E eu... isto é uma noite de amargura ! (Escondem-se embaixo da escada.)

JOSÉ.

Destino enfezado, na terra me ordena
 Terrível fantasma de noite vagar,
 Até que propicio me preste o acaso
 Um meio que deva me desencantar.
 Meu fado me impoz vagar na montanha,
 Até que uma noite, por força ou por manha,
 No sangue de um homem me possa lavar.

(Desce.)

FRANCISCO.

Eil-o connosco.

ANTONIO.

Estamos aviados... agora sim, tem elle sangue de sobra
 para tomar o seu banho!...

FRANCISCO.

Silencio... cala-te, pelo amor de Deus...

JOSÉ.

Ninguém me espreita... sem duvida tremem todos ater-
 rados... oh! lençolsinho do meu coração, para quanto me
 tens servido!... também, justiça seja feita : só uma ca-
 beça de estudante conceberia a estranha idéa de vir na-
 morar a sua bella, vestido de camisola branca!... real-
 mente, nasci para grandes cousas! sim, está visto; um
 rapaz que no curto espaço de dois dias é peregrino, fan-
 tasma, carcamano, e outra vez fantasma : que não será
 ainda no resto da sua vida?... oh! amor! amor! tu és os
 peccados dos rapazes!... fazes de nós teu gato e sapato,
 de nossos corações a tua carrapeta!... mas não percamos
 tempo... chamemos a bella Mariquinhas.

Meu canto é como um véo,
Em que terno e medroso,
De um vulgo curioso,
Se esconde um puro amor.

Patrona dos mysterios
A lua se revela;
Accorda, oh minha bella,
Que está velando amor.

SCENA XXI

Os PRECEDENTES e MARIA, na janella.

MARIA.

Meu primo !...

JOSÉ.

Querida Mariquinhas !...

MARIA.

Ah ! quantos excessos faz você por vêr-me !... olhe...
eu tambem não lhe sou ingrata !...

FRANCISCO.

Antonico, olha o fantasma !... e esta ? temos sido tolos
ou não ?...

ANTONIO.

Eu estou de bocca aberta, Chico !...

MARIA.

Primo, eu sinto não poder descer para lhe fallar...

JOSÉ.

Oh ! d'ahi mesmo, linda Mariquinhas : do alto d'essa janella você me parece bella, como a lua que eu admiro no céu !...

MARIA.

Ah ! Juca !...

JOSÉ.

Embora nossas mãos não se possam tocar, embora seja de longe que eu a esteja vendo, o seu amor me chega á alma, como o perfume das flôres passa além da muralha de um jardim.

MARIA.

Como é bello o que você me diz, primo !...

JOSÉ.

Debaixo d'esta janella, eu me sinto tão socegado, tão feliz, como se estivesse no paraíso !... as vistas brilhantes de seus olhos vão reflectir-se no meu coração como os raios da lua, quando cáem sobre a agua limpida de um lago transparente !...

MARIA.

Ah ! primo ! primo ! eu não séi fallar, como você, essas palavras de flôres, mas o que tenho para lhe dizer sae-me do amago de coração ; escute.

JOSÉ.

Falle...

MARIA.

Eu o amo !...

JOSÉ.

Oh! é fallar como um anjo !...

ANTONIO.

Como estão adiantados !...

FRANCISCO.

Olha a sonsa como põe as manguinhas de fôra !...

JOSÉ.

Prima, eu tinha tantas cousas que lhe dizer !

MARIA.

Agora é impossivel : minha mãe ainda não dorme.

JOSÉ.

Voltarei mais tarde, sim ?

MARIA.

Não ; espere. Você tem medo de entrar aqui de dia ?...

JOSÉ.

Medo?... se você me ordenar, minha bella Mariquinhas, eu sou capaz de vir fallar-lhe diante de minha tia, de meu tio, de meus primos, e de todo o mundo.

MARIA.

Pois bem : amanhã de manhã elles têm de ir fazer uma pescaria : eu me fingirei indisposta... inventarei uma dôr de cabeça, por exemplo, e me deixarei ficar em casa ; você esteja de espreita, e apenas elles sahirem, venha : eu não receio fallar-lhe a sós ; tenho provas de que é honrado.

JOSÉ.

Como não sel-o, prima do coração, se eu adoro a virtude em pessoa, adorando-a?...

ANTONIO.

Então, Chico ! que me dizes a esta ?...

FRANCISCO.

Digo que o fantasma vae cahir na ratoeira ; cala-te.

JOSÉ.

Minha querida Mariquinhas, você ainda não me disse se tinha achado a carta que o carcamano lhe deixou embaixo da pedra.

MARIA.

A prova de que achei, é que lhe vim fallar como me pedia.

JOSÉ.

Obrigado !...

GALATÉA.

Mariquinhas !...

MARIA.

Eis minha mãe, vá-se ; adeus, primo...

JOSÉ.

Adeus, até amanhã. (Parte.)

GALATÉA.

Mariquinhas ! que é isso ?.

MARIA.

O fantasma, minha mãe!...

SCENA XXII

FRANCISCO e ANTONIO em scena; GALATÉA, MARIA, JULIA e CLARA nas janelas da casa; TIBERIO, na porta; os FEITORES nas janellas fronteiras, e JOSÉ, subindo o morro.

TODOS, chegando a um tempo.

O fantasma !...

JOSÉ.

Fugi, miseros viventes,
Fugi, fugi de encontrar-me ;
Que eu procuro um corpo humano,
Para em seu sangue banhar-me.

FRANCISCO e ANTONIO.

Lá vae o falso fantasma,
Que fez dar tanta carreira,
E que amanhã sem remedio
Cahirá na ratoeira.

MARIA.

Lá vae o bello fantasma,
Que a tantos causa terror,
E que em minha alma só deixa
Ternas saudades e amor.

GALATÉA, JULIA, CLARA, TIBERIO e FEITORES

Lá vae o fantasma branco,
Sua mortalha arrastando,
Humanos, aves e fêras,
Com seu aspecto assombrando,

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

O theatro representa uma sala disposta e mobiliada ao gosto antigo; ao fundo porta larga de um oratorio; no primeiro e segundo planos de cada lado, um quardo com porta e janella, tendo esta grade de páo ou balaustres; no torceiro plano da direita, porta que se abre para o interior; no da esquerda porta que se communica com o exterior; mesa pequena ao lado da porta do orotario; tinteiro, etc.

SCENA PRIMEIRA

GALATÉA, JULIA, TIBERIO, FRANCISCO e ANTONIO.

GALATÉA.

Ainda não estou em mim!... quem diria que em paga do mais extremo amor, aquella ingrata pensaria em pregar-me este mono!?...

JULIA.

Não creia, minha madrinha. é impossivel que...

GALATÉA.

Cale-se tambem d'ahi! todas vóces, moças d'este tempo, têm a cabeça eheia de vento; apenas vêm qualquer peralvilho cabelludo, de bigodinho, pêra, e barbas de mono, ficam logo pelo beicho, e esquecem pae, mãe e o mundo inteiro : antigamente nós nos apaixonavâmos pelos homens de siso ; as raparigas de hoje ficam doidas por qualquer macaco.

FRANCISCO.

Minha tia, não desespere ; tudo se póde ainda arranjar.

GALATÉA.

Dizes bem, sobrinho ; eu posso arranjar tudo muito bem dando uma soya de vara n'aquella marotinha, que ainda está fedendo aos cueiros, e já me quer fazer destas.

ANTONIO.

Titia, nós jamais consentiremos que vossa mercê toque a prima de vara.

GALATÉA.

Jamais consentirão ?!! bravo! esta ainda é melhor!... pois quem ha de atrever-se a dar ordens em minha casa? quem não se achar a seu gosto aqui, ponha-se no olho da rua !

TIBERIO.

Acalme-se, mana ; *prudētia est senescentis ætatis*, a prudencia é da idade dos sessenta : você já atirou com os sessenta lá para traz das costas, e está portanto na regra dos Latinos.

GALATÉA.

Qual regra, nem meia regra; hei de fazer o que entendo, e tenho dito.

JULIA.

Mas eu não sei como é que se condemna uma pessoa sem ao menos ouvi-la : eu não digo por querer offender a ninguém... porém ha no mundo tanto judeu... levantam-se tantos aleives á gente...

TIBERIO.

Alto lá, rapariga! o Chico e o Antonio não mentem, nem brincando : posto que um se destine a negociante, e o outro a procurador de causas, ainda os não apanhei em mentira alguma.

GALATÉA.

Receber em minha ausencia uma visita!... e então de quem?!... de um primo! que é a peor casta de parentes que ha : um primo é a tentação vestida de calças... e ainda mais, que qualidade de primo?! estudante!... para ser mais tentação ainda : o maldito é capaz de deitar-me fogo na casa!... nada, não me entra aqui.

ANTONIO.

Ao contrario, titia, a minha opinião é que finjamos acreditar nas dôres de cabeça da prima, e deixando-a só em casa, fazemos que vamos á pescaria, pomo-nos á espreita, e apenas o tratante chegar, corremos todos, e o apanhamos em flagrante.

TIBERIO.

Bravo !... que conselho !... bem mostras que estás para ser homem da chicana.

GALATÉA.

Rapaz, a tua opinião está me parecendo menos má... apanho o marreco dentro, e mando arrancar-lhe as pennas.

ANTONIO.

Elle vae commetter um crime contra a segurança do Estado... contra o pacto fundamental... vai dar uma punhalada no coração da lei sagrada... vae arrancar uma pedra da base do systema que nos rege, porque a constituição diz no artigo... não sei quanto, que o asylo do cidadão é inviolavel e sagrado.

GALATÉA.

Ai ! se me vens com constituições, atiro tudo pelos ares... não quero que em minha casa se falle em semelhante judiaria... ouviu ?!

TIBERIO.

Cala-te, Antonico ; na casa da manua ha uma suspensão de garantias perpetua.

JULIA, consigo.

Tenho perdido a esperança de salvar D. Mariquinhas : se eu pudesse escapar d'aqui... (Vac-se afastando.)

GALATÉA.

Scio... oh ! minha senhora, não se incommode, passe para alli.

JULIA.

Eu tambem não queria sahir... (Comsigo.) Ah! maldita velha!

GALATÉA.

Com que injustiça desattendi hontem ao mano Basilio!... Sim, elle tem razão : quem manda educar seus filhos, merece que lhe dêm com um páo, até fazer os ossos em poeira.

TIBERIO.

Estamos ainda em tempo de tudo arranjar : o mano Basilio deixou-se hontem ficar em casa do compadre Mathheus, e consta-me que só se retira hoje de tarde : se a mana quizesse, podia escrever-lhe e...

GALATÉA.

Pois eu hei de pedir perdão áquelle maroto ?!

TIBERIO.

Já você começa com asneiras! não se lembra que tambem elle veiu dar-lhe uma satisfação? e além disso : não teremos em nossas mãos o estudantesinho?...

GALATÉA.

Bem... vá... quero um dia ceder : este genio de pomba rôla que tenho, ainda me ha de perder! (Senta-se e escreve.) Arrasto vinte arrobas em cada mão!

JULIA. comsigo.

Vejam só que genio aquelle de pombinha rôla!...

FRANCISCO, a Antonio.

A tia Galatéa está como uma polvora : se alguém lhe chegasse uma brasa á ponta do nariz, estourava.

GALATÉA, deitando tinta por arcaia.

Ora bem... eis aqui : ah!... maldita cabeça... borrei a carta... não escrevo mais, não quero... tenho dito!...

TIBERIO.

Piedosa mana!...

ANTONIO.

Compassiva titia!...

GALATÉA.

Vocês sabem que eu sou a ternura em pessoa, e afaçam-me pelo fraco ; não me enteneçam mais! (Escreve.)

JULIA.

Snr. capitão...

TIBERIO.

Scio... olhe que se põe a fallar, a mana é capaz de atirar-lhe com o tinteiro.

GALATÉA.

Emfim... está prompta a cartinha. Snra. minha afilhada, vá mandar um portador á casa do compadre Matheus com esta carta para meu irmão ; e não me volte aqui sem ser chamada.

JULIA, consigo e sabindo.

Ah ! velha rabugenta!... todo o cuidado della está em afastar-me de D. Mariquinhas.

SCENA II

Os PRECEDENTES, menos JULIA

GALATÉA.

As raparigas de agora
Fazem cousas de espantar ;
Fedem ainda aos cueiros,
E já querem namorar .

TIBERIO.

O mundo está pervertido,
Está perdida a mocidade ;
Os filhos já não respeitam
Paternal auctoridade.

CORO.

O crime da pobre moça
É filho talvez de amor ;
Illudiu-se... não tem culpa.
Só tem culpa o seductor.

GALATÉA.

Estou em brasa
Co' a tal historia,
Vingar pretendo
A minha gloria :
A ingrata filha,
Para memoria.

Porei de amores
Com a palmatoria.

Silencio... lá vem ella... olhem a hypocrita... de lenço na cabeça... isto só a páo!

SCENA III

Os PRECEDENTES. e MARIA de lenço na cabeça.

TIBERIO.

Bem se diz que não ha gosto perfeito : coitada da minha sobrinha !...

MARIA.

Ai!... realmente acho-me bastante incommodada... de vez em quando dão-me umas picadas... Ai!...

ANTONIO, consigo.

Que sonsa ! quando eu digo que ninguém se deve fiar em mocinhas, que andam de olhos no chão, e com pretenções de innocentes e simplorias, não querem acreditar !

MARIA.

Ai !... ai !...

GALATÉA.

Que é isso, Mariquinhas ?

MARIA.

Não é nada, não, minha mãe ; foi uma picada.

TIBERIO.

Olhem que diabinho feminino está aqui se creando?

GALATÉA.

Não estás melhor com a agua de Colonia?

MARIA.

Qual, minha mãe, não ha remedio para isto ; são tres ou quatro horas de martyrio, e depois passa sem mais nem mais : ai!... ai!...

TIBERIO, consigo.

Vejam só o que será do pobre homem que levar esta bisca para casa; se eu chegar a casar-me com ella, tenha a senhora minha mulher as dôres que tiver, ha de ter paciencia, que eu não acredito.

MARIA.

Ai!... ai... parece uma lanceta...

GALATÉA.

Então, visto isso, não podes ir á pescaria?...

MARIA.

Não, não, minha mãe; eu vou deitar-me, a vêr se posso conciliar o somno; ai!... esta minha cabeça é os meus peccados!

GALATÉA.

Pobre de minha filhinha! vem cá... deixa vêr o pulso... (Toma-lhe o pulso.) Mas olha, tu não tens febre! (Consigno.) Ah! hypocrita!...

MARIA.

Quando tenho estas dôres de cabeça, é sempre assim.

TIBERIO.

Oh mana, talvez fosse melhor adiarmos a pescaria.

MARIA.

De modo nenhum; não consentirei que se privem desse prazer por minha causa; isto não vale nada... Ai!...

ANTONIO.

É verdade, minha tia; deixemos a pescaria para quando a prima estiver boa.

FRANCISCO.

Eu sou da mesma opinião; se a prima não fôr, eu não caio no rio.

MARIA.

Nada, não consinta, minha mãe; isto não é molestia de cuidado, e eu creio que ficaria muito peor, se me ficassem remorsos de privar-os de um prazer. _

TIBERIO, consigo.

Estas mulheres são de tremiliques!

GALATÉA.

Na verdade, que febre ella não tem... vamos vêr-lhe a lingua. Minha pobre Mariquinhas, deita fóra a lingua.

MARIA, consigo.

Isto agora de mostrar a lingua é que me está parecendo caçoadada. Ai! ai! minha cabeça!

GALATÉA.

Deita a lingua, menina. (Maria mostra a lingua.)

TIBERIO, comsiga.

Quem ha de dizer que aquella linguinha corta como uma navalha!

GALATÉA.

Má não está ella ! não ha de que receiar ; o pulso anda direito, e a lingua não está suja, logo é enxaqueca.

ANTONIO.

Minha tia, tirou-me vossa mercê a enxaqueca da bocca.

GALATÉA.

Pois bem, Mariquinhas ; iremos sem ti á pescaria. Vae-te deitar, manda fazer um chá de grelos de lorangeira, temperado com assucar mascavinho, com tres pingos de limão gallego, dois de laranja da terra, e um de aguardente nova, cõa tudo, muito bem coadinho n'um guardanapo velho, aperta o nariz, e toma o chá de uma vez, que dentro de uma hora estás sã como uma pera.

MARIA.

Sim, senhora, ai!... farei tudo quanto vossa mercê me ordena ; ai, minha cabeça!...

TIBERIO, comsigo.

Esta minha irmã tem por força a bossa da medicina muito desenvolvida!

MARIA.

Ai ! ai!...

GALATÉA.

Vamos, que é tempo : havemos trazer hoje dois cestos de combacas. Vamos. (Aparecem os feitores e mais convidados com rêdes, penciras, cestós, anzóes, físgas, etc.)

TIBERIO.

Vamos!...

MARIA.

Ai!... ai!...

TIBERIO.

Sou valente, feliz pescador,
Que não teme nem chuva nem sol;
Verão todos quem sou lá no rio,
Ou de físga, ou de rêde, ou de anzól.

CORO.

Pescadoreí, avante ! marchemos,
Ninguém lembre o calor nem o frio ;
O prazer, pescadores, nos chama ;
Eia ! avante ! marchemos ao rio.

(Sáem todos menos Maria.)

SCENA IV

MARIA, só.

Ah! finalmente elles se foram... eis-me só; perdôa, oh minha mãe, se uma vez na vida desejei vêr-te longe de mim! mas é porque um pobre coração de moça, amando

mesmo extremosamente sua mãe, ainda assim tem amor de sobra para dal-o ao mancebo que é dono de suas saudades, e dos pensamentos de sua alma. (Pausa.) Ora já se viu cousa como está? estou com o coração a bater-me, como se me avisinhasse de algum perigo, e todavia, o que se approxima é a hora de vêr a aquelle a quem amo. Meu primo Juca, meu querido primo!... ah! eu não sei mesmo o que hei de dizer, quando elle chegar: dizem que sou travessa, que sou engraçada, e que fallo muito: pois bem; ao pé de meu primo fico muda, acanhada, vergonhosa e não sei que mais; parece que é balda de toda a moça ficar tola junto d'aquelle a quem quer bem. (Ouve-se a voz de José.) Ah!...

JOSÉ, dentro.

Meu canto é como um véo
Em que terno e medroso,
Do vulgo curioso
Se esconde um puro amor.

Patrona dos mysterios
A lua se revela;
Accorda, oh minha bella,
Que está velando amor.

MARIA.

Oh!... É elle!...

JOSÉ, dentro.

P^oss^o entrar, prima?...

MARIA.

Sim... entre.

SCENA V

JOSÉ e MARIA.

JOSÉ.

Minha bella Mariquinhas !...

MARIA.

Primo Juca !...

JOSÉ.

Oh !... emfim eis-me junto de ti, prima da minha alma... como é doce, como é linda uma hora de amor mysterioso, passada onde quer que seja ; porque onde quer que se está, estando amor, está o paraíso !...

MARIA.

Sim ; mas sómente quando o amor é puro, quando os amantes não têm de que corar, nem de que arrepen-der-se...

JOSÉ.

Como nós dois, não é assim ?...

MARIA.

Como nós dois, primo, graças a Deus ; porém é preciso confessar que eu tenho consciencia de haver commetido uma grande falta, recebendo-o aqui, na ausencia de mi-nha mãe.

JOSÉ.

Mas então porque me não recebeu mesmo em sua presença?

MARIA.

Meu primo, você perdeu o juízo ?...

JOSÉ.

Oh! minha querida Mariquinhas, é bem possível que eu esteja doido de amor pelos seus olhos; mas quem lhe mandou tê-los tão grandes, tão negros, tão brilhantes, e tão travessos?... Oh! sim! é a minha sina! desde pequenino que fico com a cabeça a andar-me á roda, e o coração a dar-me pulos assim que vejo uma Mariquinhas de olhos pretos: este nome de Mariquinhas, querida prima, é já por si uma tentação; ajunte-lhe agora dois olhos negros, e diga ao mais pintado que não fique doido com tres tentações deste genero; sim... eu o confesso!... perdi o juízo, e sou muito capaz de, mesmo á vista de minha tia, vir aqui, cahir a seus pés e exclamar com ardor e paixão: « Minha querida Mariquinhas, eu bebo os ares por você!!! » (Ajoelhando-se.)

MARIA.

Levante-se, meu primo, eu não o quero vêr de joelhos. Vamos aproveitar esta hora, que o céu benignamente concedeu ao nosso amor, e vejamos o que devemos temer, e o que podemos esperar.

JOSÉ.

Prima do meu coração, cá para mim entendo que não devemos temer nada, e que podemos esperar tudo.

MARIA.

Porque?...

JOSÉ.

Porque nos amamos, não é assim?...

MARIA.

Oh! por certo é essa uma excellente razão para nossos corações; porém minha mãe diz que não quer saber de amores.

JOSÉ.

Prima, tanto bate a agua na pedra até que amollece; deixe o caso por minha conta, que eu tantas voltas hei de dar, que minha tia acabará por morrer de amores por mim.

MARIA.

Você está sempre disposto a gracejar, e no emtanto nós nos achamos em circumstancias bem tristes. Diga-me: em que cuida você agora?

JOSÉ.

Em amal-a cada vez mais, minha querida Mariquinhas.

MARIA.

Julgo que dispõe do seu tempo muito convenientemente; mas é preciso pensar tambem em outra cousa.

JOSÉ.

Em que?...

MARIA.

Em casar comigo.

JOSÉ.

Ah! minha prima, eu penso tanto nisso, que todas as noites accordo sonhando que já nos achamos casados.

MARIA.

Pois sim... nós nos amamos; nossos corações se enchem de ardentes desejos: mas no entretanto este bello amor ficará sómente em desejos, porque minha mãe está firme nos seus projectos, e quer obrigar-me a casar com um de meus primos.

JOSÉ.

Oh! porém certamente você resistirá.

MARIA.

Sim; e soffrerei por isso todo o peso da colera de minha mãe. Triste destino das mulheres! quando amam são desgraçadas... as penas, as saudades, os martyrios, são para ellas; os homens têm sempre bastante animo para rir. (Chora.)

JOSÉ.

Minha querida Mariquinhas, não diga semelhante cousa! para poupar cada uma de suas lagrimas, eu verteria todo o meu sangue, daria de bom grado o socego de minha vida. Não, não consentirei que você padeça por minha causa: eu o adoro! ninguem terá força para separar-nos... (Mudando de tom.) No entretanto esta minha tia... ora que asneira de meu pae brigar com uma senhora que é mãe de uma moça bonita!... Que me importa; saúde! quem quer vae, quem não quer manda... estou determinado.

MARIA.

Determinado a que, meu primo?...

JOSÉ.

Venho hoje mesmo fallar com minha tia : prevejo tudo quanto tem de succeder. Bato na porta : « Quem é?... » sou eu, minha tia : « Eu, quem?... » O seu sobrinho José. « Ponha-se fóra, sô brejeiro, não me entra aqui... vá para casa de seu bello pae. » É asneira, minha tia, não posso mais viver longe da snra... e dizendo iste entro, e caio aos pés da snra D. Galatéa; ella grita, e eu lhe peço piedade; brada, descompõe-me, e eu digo que ella tem toda razão; chama por meus primos para me lançarem fóra da casa, e eu os ponho longe de mim com tres ou quatro beliscões : minha tia fica furiosa, e eu sento-me muito a meu gosto : no auge do maior desespero, ella esbraveja, pega em um páo, dá-me um chuveiro de cacetadas, e eu, immovel, começo a assobiar a caxuxa com tanto sangue frio, que ella sem poder suster-se desata a rir, como uma perdida, faz as pazes comigo, e dá-me sua bella filha para minha mulher.

MARIA.

Ah! meu primo, você ainda não conhece o genio de minha mãe : é teimosa como um paulista, e sabe ser tão extremosa no amor como no odio.

JOSÉ.

Mas quem metteu na cabeça de minha tia que ella devia aborrecer-me?... Está celebre ! eu nunca lhe fiz mal

nenhum, e estou prompto a concordar com todãs as suas opiniões.

MARIA.

Tudo será baldado! Oh!... eu já não tenho esperança nenhuma.

JOSÉ.

Minha querida Mariquinhas, resta-nos ainda um meio extremo, porém seguro... Sua mãe se oppõe á nossa ventura : pois façamo-nos felizes por nossas mãos.

MARIA.

Como?

JOSÉ.

Fujamos.

MARIA.

Fugir!!!

JOSÉ.

Sim : haverá no meio d'esses bosques uma arvore bastante frondosa, á cuja sombra nos abriguemos : venha comigo, adorada prima, correremos aos pés de um sacerdote, que nos unirá á face de Deus ; e depois uma cabana humilde será para nós um palacio somptuoso ; a terra se parecerá com o céu, e, ao lado um do outro, gozaremos a felicidade suprema !

MARIA.

Fugir da casa paterna!... oh!... e os remorsos?... Que felicidade suprema é essa, meu primo, que tem por prin-

cipio um crime, e por base a desmoralisação e a vergonha?...

JOSÉ.

Não, não pode haver remorsos, onde existe amor: o fogo da paixão ha de abrasar eternamente nossos corações, e quando a melancolia vier perturbar a paz de sua alma, quando seus pensamentos se obscurecem, eu me ajoelharei a seus pés, querida prima, e a serenidade e o prazer se irão dilatar em seu rosto, ouvindo-me dizer com o ardor do primeiro dia: minha linda Mariquinhas, eu a amo!...

MARIA.

Cale-se, cale-se, meu primo; que se em suas palavras não ha o sophisma do crime, é porque ellas são ditas no delirio da paixão: eu o amo extremosamente; mas não posso esquecer-me do que devo á virtude: mesmo porque o amo, eu quero ser pura e nobre, para sempre ser digna do seu amor.

JOSÉ.

Ah! Mariquinhas!

MARIA.

Pois então, eu havia de abandonar a casa paterna para segui-lo contra a vontade de minha mãe?... e depois, meu primo, a vergonha que teria de acompanhar-me por toda a parte, a reprovação publica, o descredito de meu nome, a maldição enfim, não iriam cair tambem sobre a cabeça do homem que eu amo tanto?... Oh! não!... não, meu primo; não é a deshonra o dote que eu pretendo

levar a meu esposo : antes a desgraça que a vergonha ; antes a morte que a miseria d'alma.

JOSÉ.

Perdão, perdão, minha querida Mariquinhas, você é um anjo que arranca de minh'alma os máos pensamentos.

MARIA.

Sim... sim... esqueçamos isso : sejamos ambos desgraçados; mas nunca indignos de nós mesmos. Oh! não! apesar de tudo, eu não deixarei, não abandonarei minha mãe tão cansada, tão curvada já sob o peso de seus annos. Minha mãe!... que me amou sempre tanto!... que me amamentou a seus peitos... que me ensinou a andar, segurando-me pelos bracinhos... que quando eu estava doente, velava toda noite de joelhos, entre o meu berço e uma imagem do Senhor, resando á imagem por mim, e me olhando tão terna!... minha mãe, que já padecia por minha causa antes mesmo de dar-me á luz! que depois gastou comigo tantos cuidados, tantos mimos, tantos afagos!... Minha mãe, que chora, quando adivinha uma lagrima em meus olhos! que sorri quando me vê rir!... que é feliz porque eu vivo ao pé della!... minha mãe... oh! pois eu havia de abandonar minha mãe?!!

JOSÉ, cahindo-lhe aos pés.

Nunca!... nunca, meu anjo! mas perdôa a tentação, que te queria perder!... não se póde estar ao pé de ti, sem sentir-se no coração a virtude!... Ah!... perdôame!...

MARIA.

Meu querido primo, eu o amo!...

JOSÉ.

Oh ! isso quer dizer que me perdôa !...

Bella virgem, terno enleio,
 És um anjo do Senhor ;
 No teu casto e niveo seio
 Ha um jardim de candura,
 Um céu de angelico amor.
 Até a celeste altura
 Podem chegar votos teus :
 Ora, ó virgem terna e pura,
 Que has de vér nossa ternura
 Abençoada por Deus.

MARIA.

Meu querido primo!...

JOSÉ.

Minha linda Mariquinhas!...

SCENA VI

MARIA, JOSÉ e JULIA apressada.

JULIA.

Infelizes!...

MARIA.

Ah!...

JOSÉ.

Que é isto ?...

JULIA.

Estão perdidos !...

MARIA.

Meu Deus !...

JOSÉ.

Perdidos, como?.,.

JULIA.

Snra. D. Mariquinhas, minha madrinha, não sei porque meio sabia que se preparava este encontro, fingiu ir á pescaria, e agora volta, e vem surprehendel-os...

MARIA.

Desgraçada !... oh !... que ha de se fazer agora ?

JOSÉ.

Parece que me não engano... sim, é ella mesma... é a interessante Juliasinha, que brincava o *tempo-será* comigo, quando eu era pequeno... ♪

MARIA.

Meu primo... que ha de ser de nós ?...

JOSÉ.

Veremos.

JULIA.

Não ha tempo a perder... Snra. D. Mariquinhas, retire-se; snr... snr. Juca, fuja, se póde fazel-o ainda...

JOSÉ.

Quem?... eu?... na hora do perigo abandonar aquella que me ama com amor tão puro?... fugir, deixando-a em torturas?! (Mudando de tom.) D. Julia, então você ainda se lembra de mim?...

MARIA.

Oh! meu primo, que sangue frio é esse?...

JULIA.

Fuja!... fuja!... eu creio que elles vão chegar.

JOSÉ, sentando-se.

Eu estou muito a meu gosto.

MARIA.

Meu primo!...

JOSÉ.

D. Julia, quer saber uma cousa?... a surra. está agora muito mais bonita do que quando jogava o *tempo-será* comigo!!!

MARIA.

Meu primo!... meu primo!...

JOSÉ.

Não ha de ser nada, querida prima : eu insisto agora no meu primeiro proposito : vou achar razão em tudo quanto minha tia disser e fizer.

JULIA.

Eil-os ahi!...

MARIA.

Ah!...

SCENA VII

MARIA, JOSÉ, JULIA, GALATÉA, CLARA, TIBERIO, FRANCISCO, ANTONIO, e FEITORES.

GALATÉA.

Infames !...

TIBERIO.

Estão pilhados !...

JOSÉ.

Sou um criado de minha tia !...

GALATÉA.

Este insolente !... dê-m-me um páo... eu estou suffocada... quero desabafar-me... um páo. um páo !...

TIBERIO.

Mana, não se deite a perder : sangue frio, e prudencia !... vamos ouvir o sujeitinho.

JOSÉ.

Querida tia, não se exaspere : as apparencias illudem, por isso devo parecer criminoso : julga talvez que a dôr de cabeça da minha prima, e a minha presença aqui, foram actos precedentemente meditados... (Que engano !... pois só por isso nos condemnam ? por ventura era absolutamente necessario que minha prima tivesse dôres de cabeça para que eu viesse a esta casa ?... Oh ! minha tia,

aquella dôr e esta vinda são as cousas mais naturaes do mundo : porque minha prima tem cabeça, e eu tenho pés. (Comsigo.) Não responde?... máo : mulher que não fala... rala. (A Tiberio.) Prezado tio, a sua intelligencia esclarecida, o seu character bellicoso e nobre... volta-me as costas!... estou arranjado. (A Francisco.) Primo Chico, a sýmpathia que sempre tivemos um pelo outro... vira dê bordo?... boa viagem. (A Antonio.) Primo Antonico, o seu genio meigo e pacato é agora a unica esperanza... não quer ouvir-me?... divirta-se. Meus amigos, eu appello para vossas consciencias... todos me fogem?... então como é isto? sou acaso algum leproso para que assim receiem pôr-se em relação comigo?... Ah! então ninguem quer attender-me? todos me abandonam?... pois eu corro a abrigar-me aos pés da innocencia. (Corre a Maria.)

GALATÉA.

Segurem n'esse atrevido!... (Querom segural-o.)

JOSÉ.

Obrigado, meus surs., obrigadissimo!... (Recuando.) Mas aqui neste corpinho só minha tia tem o direito de pôr a mão.

MARIA.

Meu primo!...

GALATÉA.

Olhem aquella lambisgoia!... meu primo!... onde se viu uma moça bem educada querer pregar monos á sua mãe?... e então por causa de quem?... de um tratante!

JOSÉ.

Tratante!... sou... confesso que sou, concordo com
minha tia.

TIBERIO.

Insolente!... andar fingindo-se fantasma para fazer dar
carreiras aos mais corajosos guerreiros... não sei onde
estou...

JOSÉ.

Oh! meu tio, não tenha duvida, vossa mercê está na
casa de minha tia.

FRANCISCO.

Atrevido!...

GALATÉA.

Nada de considerações com semelhantes brejeiros...
cadaei com elles!...

JOSÉ.

Cadeia!... eis ahí uma terrível especialidade, em que
não posso concordar com minha tia.

MARIA.

Meu Deus!...

GALATÉA.

Cada um para seu quarto. fiquem prisioneiros e de-
frente um do outro... vamos, obriguem-n'o a entrar.
Venha cá, minha modesta senhora, entre neste quartinho,
(Leva Maria e fecha-a no quarto.)

MARIA.

Valha-me o céu!

III.

16

ANTONIO, a José.

Vamos !

JOSÉ.

Scio !... ó snr. moço, pouha-se ao largo ; quem manda aqui não é a sua pessoa. Minha tia, então vossa mercê deseja trancar-me naquelle quarto?...

GALATÉA.

Sem duvida nenhuma, sò patife!...

JOSÉ.

Concordo em tudo com minha tia : afastem-se ! quero caminho franco, entendem ?... aqui vou, minha tia.
(Entra ; fecham a porta.)

GALATÉA.

Já se viu maior descarado!...

ANTONIO.

É estudante e basta.

FRANCISCO.

Por quem se havia de apaixonar a prima!...

TIBERIO.

Está na regra : a mulher pega sempre no peor!

JOSÉ.

Meu tio, nesse caso é admirável, que vossa mercê esteja viuvo ha tanto tempo.

GALATÉA.

Silencio, grandississimo maroto.

JOSÉ.

Minha tia tem toda razão, silencio !...

GALATÉA, a Maria.

Filha ingrata, pervertida.
Vaes sentir o meu rigor :
Uma mãe jamais se trata
Com tão féro desamor ;
Soffre a pena merecida,
Filha ingrata !

TIBERIO, a Maria.

Rapariga sem juizo,
Não te fies no estudante ;
Desta gente é balda antiga
Ser no amor sempre inconstante.
Toma ao serio o meu aviso,
Rapariga..

FRANCISCO, a José.

Stá fronteiro da janella
Da sua amante querida :
Deve ser bem lisonjeiro
Passar assim toda a vida ;
Viva quem da sua bella
Stá fronteiro !

ANTONIO, a José.

Meu fantasma que em desmaio
Toda a gente aqui trazias !
Já de ti ninguem mais pasma
'Stás pagando as zombarias ;
Hoje és nosso papagaio,
Meu fantasma.

MARÍA ~ JOSÉ.

Nosso amor acrysolado
 Desdenha da sorte rude :
 Aviventa o seu ardor
 Sacra flamma da virtude ;
 É por Deos abençoado

CORO.

Nosso amor.
 Não deveis, oh mãe clumenta,
 Dois amantes separar :
 São de Deos as ternas leis,
 Que mandam na terra amar ;
 Punir amor innocente
 Não deveis.

GALATÉA.

Muito bem... deixemos este indigno seductor e aquella ingrata ; vamos nós jantar com todo o socego da innocencia. Filha desleal e ousada, soffre as consequencias da horrivel falta que commetteste : e tu, moço atrevido, fica ahi meditando sobre o castigo que te espera !... (Vae-se.)

JOSÉ.

Não tem duvida... meditando sobre o castigo que me espera... concordo com minha tia.

FRANCISCO.

Adeus, fantasma !...

JOSÉ.

Viva, senhor !...

ANTÔNIO.

Carcamano do realejo, saúdê...

JOSÉ.

Adeussinho.

TIBERIO.

Papagaio real, quem passa?... é o rei que vae á caça :
toca, papagaio... to-ro... ro-to-ro-ro-ro-to... t'ro... to.
(Vão-se todos pela porta da direita; Julia pela esquerda.) ^

JOSÉ.

Olhem meu tio como está gaiato!...

SCENA VIII

JOSÉ e MARIA, presos.

JOSÉ.

Scio... adeus, prima?!!

MARIA.

Ó meu primo, não zombe assim do nosso estado : você mostra um sangue frio que espanta... parece que se diverte com a desgraça que nos opprime.

JOSÉ.

Desgraça?... pois será desgraça prenderem-nos de frente um do outro?... será desgraça deixarem-me gozar a luz de seus olhos, a harmonia da sua voz, e o encanto de seu rosto?... Oh! prima do meu coração, tomára eu ficar encarcerado assim toda a minha vida.

MARIA.

Mas, enfim, sempre somos presos...

JOSÉ.

Presos estamos nós ha perto de um anno, minha querida Mariquinhas, presos nos laços do amor, que são os laços mais apertados d'este mundo. No entretanto não é possível, que tenhamos a felicidade de ficar aqui para sempre... Minha tia deve estar bem satisfeita do meu procedimento ; concordei em tudo com ella... e por consequencia...

MARIA.

Por consequencia o que, primo?...

JOSÉ.

A fallar a verdade, não sei : minha tia tem uma logica dos meus peccados, e as consequencias que ella tira em seus raciocinios, provêm sempre de uns principios que ninguem entende.

MARIA.

Como você é feliz, meu primo! sempre está alegre, sempre a gracejar e a rir!

JOSÉ.

Sou um travesso inconsequente ; mais não sou máo, prima : poucas cousas n'este mundo me alteram, e agora mesmo, porque a eston vendo, eu seria o mais ditoso dos homens, se a sua voz melancolica e doce me não tivesse despertado um remorso no coração !

MARIA.

Um remorso!...

JOSÉ.

Sim, minha prima, eu me estou lembrando de meu bom pae.

MARIA.

Tem razão, fez mal em deixal-o.

JOSÉ.

É verdade que prometti voltar dentro de poucos dias ; mas quem sabe as noites que terá perdido por minha causa!... Ah! se eu agora pudesse abraçar meu pae, ainda que ao mesmo tempo elle me quebrasse uma vara nas costas... Meu pae! paciencia : apenas sahir desta gaiola, vou ajoelhar-me a seus pés, e pedir-lhe perdão.

MARIA.

Sim... sim... fará muito bem : o obediencia é a honra dos filhos.

SCENA IX

JOSÉ, MARIA e JULIA.

JULIA.

Muito boa tarde, meus snrs. !

MARIA.

Ah ! Julia!...

JOSÉ.

Adeus, interessante Juliasinha, ainda não conversamos desde que de novo nos encontrámos, depois de nove annos de longa ausencia : ha pouco o susto das snras. era tal...

JULIA.

E nem agora temos tempo para conversar... ora vamos, adivinhem o que eu vim fazer?... Que diz, snra. D. Mariquinhas?...

MARIA.

Eu não sei.

JULIA

E o snr. ?...

JOSÉ.

D. Julia, se você quer que eu adivinhe segundo as inspirações do meu estomago, creio que vem dar comer aos papagaios.

JULIA.

Ao contraria, venho soltar-os.

MARIA.

Como?... pois tens as chaves?...

JULIA.

Não; mas arranjei uma gazua.

JOSÉ.

Menina, isso não lhe faz muita honra.

JULIA.

Não quero saber disso, ahí a tem... solte-se, eu não tenho força bastante. (Dá-lhe a gazua.)

JOSÉ.

Dá-me cá o ferrinho, D. Julia da minh'alma : veja como eu entendo destes negocios de fechadura... (Abre.) bem... cá por mim já estou na rua ; agora é a sua vez, minha bella Mariquinhas : vá feito... (Trabalha.) safa ! está dura !... traz ! viva a liberdade !... (Abre.)

MARIA.

Ah !... como é terrivel estar preso !

JULIA.

Finalmente, que já se acham livres... agora só resta fugir.

JOSÉ.

Sim, fujamos.

MARIA.

Não : a nossa gloria está na pureza do nosso amor : sejamos puros até o fim : você, primo, é o unico que deve fugir.

JOSÉ.

Ah ! o caso é esse ?... (Senta-se.) pois eu continuo a estar muito a meu gosto.

JULIA.

Apoiado !... faz muito bem.

MARIA.

Meu Deus !... que devo fazer ?... faltar ás leis do pudor ?

nunca... expôr meu primo ao máo genio-de minha mãe...
receio muito... ah !

JOSÉ.

Que é isso ?...

MARIA.

Venha, meu primo, meu querido primo, vamos...

JOSÉ.

Fugir ?...

MARIA.

Sim! para onde se póde fugir sem corar... (Abre a porta do oratorio.) Ali está o altar da sagrada Virgem!... eis alli a sua imagem, symbolo de amor, de castidade e de innocencia; corramos, meu primo, a ajoelhar-nos a seus pés... Vamos orar... nós havemos de ser ditosos!...

JOSÉ.

Vamos!... vamos, adorada Mariquinhas!.. (Entram no oratorio)

SCENA X

JULIA, só; cerra as portas do oratorio e quartos.

O coração me está dizendo que D. Mariquinhas fez o que devia. Que loucura a minha!... aconselhar uma amiga que fugisse de sua mãe!... D. Mariquinhas tem razão : uma moça sómente póde fugir de sua mãe para

rezar no altar da Mãe de Deus. Foi uma lição que recebi.
 (Pausa.) Em que acabará isto?... estou cheia de medo, e
 ao mesmo tempo de esperança. Ah!... parece-me que
 sinto passos... quem será?...

SCENA XI

JULIA e BASILIO, com um *Jornal do Commercio* na mão.

BASILIO.

Não ha nada n'este mundo como ser assignante do
Jornal do Commercio!...

JULIA.

Snr. Basilio!...

BASILIO.

D. Julia! dê-me um abraço!... estou cheio até os
 olhos!... Diga-me, a snra. é assignante do *Jornal do
 Commercio*?...

JULIA.

Não, snr.

BASILIO.

Pois então não sabe o que é bom. Tambem eu não o
 era; pois se eu confesso mil vezes por dia que sou um
 pedaço d'asno!... amanhã despacho um proprio para
 cidade... vou mandar assignar esta folha abençoada.

JULIA.

Mas que quer dizer tudo isso?...

BASILIO.

Aquelle compadre Matheus é um homem ás direitas !... se eu sahir eleitor na minha freguezia, hei de votar n'elle para deputado !... Um homem que me empresta um papel d'estes !... Vou mandar pôr este jornal n'um quadro...

JULIA.

Ainda não me disse qual a boa noticia que lhe dá esse jornal.

BASILIO.

Oh !... escute !... veja como é bello ser pae de um rapaz de cabeça, que dá gloria á gente !... bemaventurada seja a hora em que o mandei estudar !... o meu Juca !... o meu Juquinha !... é meio extravagante... mas tudo isso é do talento que elle tem... fugiu-me ha dias de casa ; porém, ha de voltar, e eu hei de dar-lhe sete abraços seguidos... está dito !... viva o meu Juca !... viva !...

JULIA.

Viva ! mas venha a noticia.

BASILIO.

Ouçã. (Lê.) « Um novo talento acaba de se demonstrar cheio de esperanza e de futuro : um joven estudante do quinto anno de medicina, o snr. José Basilio Sarmiento, mimoseou o publico com um volume de escolhidas poesias de sua composição ; tudo nas bellas paginas d'esse livro é brilhantissimo de imaginação, fogo de engenho, e pincel de mestre : um grande poeta se prepara n'esse

mancebo... parabens á nossa patria!... feliz o pae de tal filho. » (Fochando o jornal.) Viva o meu Juca!... viva!!! viva!!! viva!!! (Aos pulos com o jornal na mão.)

JULIA.

Tem toda razão, snr. Basilio!... o snr. Juca é digno dos maiores elogios.

BASILIO.

Quando eu digo que sou um pedaço d'asno!!... o rapaz mandou-me uns poucos dos taes livros, e eu nem para elles olhava!! oh!... como estou agora com o coração a dar pulos, que nem um volatim!... a mana Galatêa falla sempre a verdade : quem não manda educar seus filhos, é um pastrana!... Snra. Julia, vá chápar a mana Galatêa...

JULIA.

Mas veja que agora...

BASILIO.

Aqui não lia veja, nem moio veja : a mana escreveu-me, e mandou-me pedir que viesse fallar-lhe; vá dizer que já cheguei.

JULIA.

Porém, eu devo prevenil-o.

BASILIO.

Peior! estou doido por vêr a mana Galatêa!... ande! (empurrando-a) marche?... vá dizer-lhe que estou aqui.

JULIA.

Temos nova desordem, entre os dois irmãos!... (Vac-so.)

SCENA XII

BASILIO, só.

Quem havia de pensar que o meu Juca, que quando era pequeno corria lá pelo campo da fazenda, e pulava como um potro, acabaria por ter cabeça de sabio! Oh! extraordinaria força da natureza!... o meu Juca! o filho d'este seu criado, que andou dez annos na escola, e que ainda hoje não lê sem soletrar, sahir o avesso de seu pae!... oh!... bem dizia a minha defunta que o Juca tinha cara de licenciado!... Aquillo é um rapaz de truz! não tem duvida... é capaz de lêr n'um livro fechado!... tomára que se lhe acabasse a veneta do passeio, e voltasse para casa!... agora estou desarmado... não posso mais castigá-lo... havia de ser bonito ir eu sem mais castigar um novo talento cheio de esperanças e de futuro!...

Com esta folha de papel
 Vou viver sempre abraçado;
 Meu Jornal abençoado,
 Que tão boas novas traz.
 Oh que sabio é o meu Juca!...
 Que cabeça de rapaz!

Uns como eu nascem p'ra tolos,
 Outros p'ra estudo profundo;
 Quando a gente vem ao mundo

Sua sina logo traz.
Oh que sabio é o meu Juca!...
Que cabeça de rapaz!

SCENA XIII

Todos, menos MARIA e JOSÉ.

GALATÉA.

Sur. Basilio... meu irmão... mandei-o chamar porque
estou desesperada para lhe dizer uma cousa...

BASILIO.

E eu deitei o baio a todo galope, porque estouro se lhe
não dou uma satisfação.

TIBERIO.

Peior vae ella!... então quem falla primeiro?...

GALATÉA.

Eu.

BASILIO.

Eu.

GALATÉA.

Ah! o snr. está sempre disposto a me contrariar...

BASILIO.

A sura. é que me anda sempre de candeias ás aves-
sas!...

TIBERIO.

Nada de rugas... vamos decidir isto pacificamente :
determine a sorte quem deve fallar primeiro.

GALATÉA.

Pois vá á sorte, já que este serrasina...

BASILIO.

Snra., não se engrile comigo ; olhe que eu... (Comsigo.)
Já se viu uma velhinha mais levada do não sei que diga ?...

TIBERIO.

Eis aqui as minhas duas mãos fechadas ; dentro de uma
d'ellas está uma bolinha de papel : aquelle que bater na
mão da bolinha é o que falla em primeiro lugar. Bata lá,
manõ Basilio.

BASILIO.

Si eu adivinhasse qual era a mão da bolinha!... ora
vá... saia o que sahir. (Bate na mão direita.)

TIBERIO.

Perdeu!...

BASILIO.

Diabo!... não me lembrei de que o mano Tiberio é ca-
nhoto.

TIBERIO.

Falle a mana Galatéa.

GALATÉA.

Sur. Basilio, posto que o snr. tenha um genio de tem-

pestade, mandei-o chamar para confessar-lhe que na nossa ultima briga era o snr. quem tinha toda razão...

BASILIO,

Não ha tal!... hontem eu estava bebado: a snra. sim, é que disse a verdade núa e crúa!

GALATÉA.

É possivel que o snr. nascesse para andar sempre a contrariar-me?...

BASILIO.

A snra. é que vive a sonhar com as minhas opiniões para se oppôr a ellas!...

TIBERIO.

Entendam lá estes dois grasinas!...

GALATÉA.

Quem manda educar seus filhos, é um cabeça ôca, um estúpido, tenho dito!...

BASILIO.

É falso!... quem os quer para empadas é que os tem guardados em casa, ouviu!...

FRANCISCO.

E esta?... quem esperava por isto?...

GALATÉA.

O snr. é um homem sem palavra...

BASILIO.

E a snra. é uma mulher que tem duzentas palavras diferentes!...

ANTONIO.

Meus tios perderam o juizo!...

GALATÉA.

Por isso o filho sahiu o que sahiu : é tão boa joia como o pae.

BASILIO.

Scio!... ô snra. lingua de jararaca, quando fallar no meu poeta, limpe os beiços!...

GALATÉA.

Oh! grandississimo maroto!...

BASILIO.

Eu não faço caso do que você diz : aqui está quem falla a verdade... aqui está em letra redonda... « É um novo talento cheio de esperanças e de futuro!... »

FRANCISCO.

Que é aquillo?... meu tio endoideceu certamente!...

GALATÉA.

Estou já que não me posso suster... se me não vingo, estouro!...

BASILIO.

Falla para ahi, velhinha resingueira, falla, bocca de matraca!... e tu, Antonico, vem cá : dizem-me que estás fazendo tenção de entrar na chicana; lê isto pois, e vê a gloria de teu primo!

ANTONIO, depois de ler.

Ah! ah! ah! poeta!!! talento cheio de esperanças e de

futuro, um rapaz que ainda hontem brincava connosco em fraldinhas de camisa!...

BASILIO.

Snr. chicanista de meia cara, tenho conhecido que você é um bobo.

GALATÉA.

Que havemos de estar soffrendo tudo quanto nos quer dizer este maluco!... mas eu vou tirar minha desforra.

BASILIO.

Não hei de tolerar que insultem impunemente o meu Juca.

GALATÉA.

O seu Juca é uma peça muito ordinaria ; saiba que o tenho em meu poder, e preso debaixo de chave como qualquer ladrão de gallinhas.

BASILIO.

Não me deite a perder, snra. !... ladrão de gallinhas!... dobre a lingua, ouviu? !...

GALATÉA.

Quero mostrar-lhe ao menos a carinha sem vergonha que elle tem. (Chega-se á janella.) Oh ! snr. Juca!... oh ! oh ! lá!...

ANTONIO.

Snr. talento novo, appareça!...

TIBERIO.

Coitado do rapaz... está se vendo em calças pardas!...

BASILIO.

Será possível, que o meu Juca se deixasse cahir n'este covil? !...

GALATÉA.

Então não apparece?...

TIBERIO.

Mana, o melhor é soltar os dois pequenos.

GALATÉA.

Sim : venham á minha presença : quero que o rosto do seductor de minha filha envergonhe a este velho desmiolado que não sabe dar educação a seus filhos. O Chico soltará a criminosa, e o Antonico o tal estudantinho das duzias. (Dá as chaves.)

BASILIO.

Eu já me não posso conter...

FRANCISCO.

A porta d'este quarto está aberta... (Entrando no quarto.)

ANTONIO.

E a d'este tambem... (O mesmo.)

GALATÉA.

As portas abertas!

FRANCISCO, apparecendo na grade.

A prima foi-se...

ANTONIO, o mesmo.

O estudante mudou de domicilio...

TIBERIO.

Fizeram vispora!...

TODOS.

Fugiram!!!...

GALATÉA.

Minha filha!!!... (Correndo ao quarto.)

BASILIO.

Meu filho!!!... (O mesmo,)

TIBERIN.

Preguem-lhe agora com um trapo quente!...

GALATÉA.

Minha filha!... minha filha!... perdida!... perdida para sempre... eis manchada a sua fama!...

ANTONIO.

Aquella carinha de beata não enganava a ninguem...

BASILIO.

Cala a bocca, tratante; olha que se dizes mais uma palavra contra minha sobrinha, eu assento-te uma bolacha!...

GALATÉA.

Tem razão, meu mano : foi esta gente que me fez perder minha filha, com insanos conselhos!... marotos!!!...

TIBERIO.

Bravo!... esta agora é melhor!

GALATÉA.

Nenhum d'estes dois machacazes era digno d'ella, e eu

a queria obrigar a casar com um d'elles. Foi um castigo!... minha filha!!! minha filha!!! oh! mas vê-la assim desacreditada...

BASILIO.

E meu filho... o meu Juca?...

TIBERIO.

Fugiu com a pequena...

BASILIO.

Oh! oh! oh! oh! olhem o diabo do poeta, o que foi fazer!!...

GALATÉA.

Minha filha!... minha filha!...

JOSÉ e MARIA, dentro.

Aos pés da Mãe de Deus
Oramos com fervor
P'ra que faça ditoso
O nosso terno amor.

GALATÉA, correndo ao oratorio.

É a voz de Mariquinhas!...

BASILIO, o mesmo.

É o meu poeta que canta!...

GALATÉA, abrindo a porta.

Oh!... eil-os!...

BASILIO.

De joelhos!... como está bonito aquelle parzinho!!!

JOSÉ e MARIA.

Ninguem contra nós tente
De ferro leis impôr,
A Mãe de Deus protege
O nosso terno amor.

GALATÉA.

Minha filha!... Mariquinhas!... (Correndo a Maria.)

BASILIO.

Meu poeta!... (O mesmo.)

TIBERIO.

Olhem que dois patetas!...

SCENA XIV

José e Maria vêm com todos á frente da scena, e ajoelham-se aos pés de
Basilio e Galatéa.)

OS PRECEDENTES, JOSÉ e MARIA.

JOSÉ.

Caro pae, tende piedade
D'este amor, d'esta ternura;
Abençoe nossos laços,
Fazei a nossa ventura.

MARIA.

Terna mãe, tende piedade
D'este amor, d'esta ternura;
Abençoe nossos laços,
Fazei a nossa ventura.

BASILIO.

Mana Galatéa ?

GALATÉA.

Que é, meu irmão Basilio ?...

BASILIO.

Eu tenho um nó aqui na garganta...

GALATÉA.

Estou quasi desatando a chorar... eu sou tão terna!...

BASILIO.

Vamos fazer a felicidade d'estas duas crianças ?...

GALATÉA.

Eu já me não posso suster !... (Chora.)

FRANCISCO.

Peço a palavra !

ANTONIO.

Pela ordem!...

BASILIO.

Mana, corte a discussão...

GALATÉA.

Vocês não têm nada com minha filha, ouviram!...

FRANCISCO.

Pois eu...

ANTONIO.

Então, minha tia...

TIBERIO.

Silencio, rapazes!... eu vos arranjarei as filhas de algum guerreiro.

GALATÉA.

Minha filha ! sê feliz, como foste pura !...

BASILIO.

Meu poeta, faze um soneto ao teu casamento.

JOSÉ e MARIA.

Já na pyra do hymeneu
Arde o fogo abrasador ;
No horizonte da ventura
Amanhece o nosso amor.

CORO GERAL.

Caróe o terno hymeneu
Esse affecto abrasador ;
Os sorrisos da ventura
Felicitem vosso amor.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO ACTO

O

NOVO OTHELO

COMEDIA EM UM ACTO

16 dez. Juazeiro

PERSONAGENS :

ANTONIO, procurador de causas.

CALISTO, negociante de armarinho.

FRANCISCA, filha de Antonio.

JUSTINA, amiga de Francisca.

A acção se passa na actualidade e na cidade do Rio de Janeiro

O NOVO OTHELO

ACTO UNICO

Sala na casa de Antonio. — Ae lado esquerdo, uma porta e duas janellas de peitoril que se abrem para a rua; ao lado direito, portas de communição com o interior da casa; ao fundo, porta de alcova; no meio da sala, mesa coberta com um grande panno verde que quasi toca o chão. Papel, tinteiros e autos sobre a mesa. Uma estante ordinaria com alguns livros a um lado; piano já meio usado. Cadeiras de palhinha ordinarias, e sophá e aparadores correspondentes.

SCENA PRIMEIRA

ANTONIO, só; vestido e prompto para sahir; ao levantar-se o panno, consulta o relógio.

Dez horas : é tempo de me ir chegando para o jury : que massada! depois que me naturalisei cidadão brasileiro tenho cem vezes torcido as orelhas sem deitar sangue.

Tudo se póde ser no Brazil, menos cidadão brasileiro ; porque são tantas as cousas ! .. É guarda nacional por um lado, jury pelo outro, agora eleições ; d'aqui a pouco um conselho de qualificação ; amanhã isto ; depois d'amanhã aquillo, e sempre uma roda viva ! nada : eu acabo por deitar fóra a nova pátria, assim como deitei a velha. A pátria é um verdadeiro traste de luxo, que mais incommoda do que utilisa.

SCENA II

ANTONIO, e CALISTO que entra e pára theatralmente diante de Antonio, imitando a entrada de Othello no primeiro acto.

ANTONIO.

Então que é isto?... continuamos com a mania theatral?... Snr. Calisto, olhe que se vae assim, dá com os burros n'agua, e marcha direitinho para o palacio da Praia Vermelha.

CALISTO.

Eu me calo, Odalberto, eu não respondo ;
Um jus tendes assás de confundir-me ;
Mas se já quando fui amigo vosso.

Confesse, confesse, snr. Antonio, que esta entrada é sublime ! E diabo me leve se não fico dez furos acima do João Caetano.

ANTONIO.

Mas o snr. agora não se occupa de outra cousa.

CALISTO.

Que quer?... aquelle theatrinho particular do sociedade reveladora dos grandes talentos accendeu-me na cabeça uma fornalha. (Bato na testa.) O snr. Antonio pensa que aqui dentro ha miolos, como nas cabeças dos outros homens?... Pois engana-se: aqui dentro fervem o Etna e o Vesuvio: talvez ignore o que sejam o Etna e o Vesuvio... eu lhe explicarei isso mais tarde. Agora não penso, não cuido, não vivo senão em Othelo, cuja parte desenpenharei d'aqui a tres dias. Que emoções! que enthusiasmo! os camarotes cheios de moças bonitas... a platéa atopetada de povo... enchente real... póde-se contar com ella mesmo porque não se compram bilhetes. A orchestra executa a ouverture. (Toca arremedando a musica.) Já estão quasi no fim... gente fóra da scena! gente fóra da scena! contraregras a seus lugares! ultimos compassos da ouverture. (Arremoda a musica.) fim!... (Assobia.) Lá vae o panno a cima... Eis o senado de Veneza. (Arranja o sophá e cadeiras como lhe parece.) Faça de conta que o snr. é o senado de Veneza... ande... sente-se em todas estas cadeiras. Falla Moncenigo... faça tambem de conta que o snr. é Moncenigo: é um estúpido que ha de enterrar o papel; mas não faz mal.

ANTONIO.

Quem é estúpido, snr. Calisto, quem é estúpido?

CALISTO.

É o Manoelsinho lá da sociedade, homem; mas não me atrapalhe. Agora entra Odalberto... faça ainda de conta que o snr. é Odalberto... entre por alli... entre por alli.

ANTONIO.

Então eu sou tanta cousa ao mesmo tempo?

CALISTO.

Não faz mal : está no systema das accumulações dos empregos. Entrou... entende?... o snr. entrou e ninguem lhe deu importancia. Agora eu. Othelo vae apparecer : apenas me puzer os olhos em cima, torça o nariz, faça uma cara muito feia, e sem se importar com as palmas e os applausos com que o publico me recebe, exclame com voz rouca e reconcentrado furor « ei-lo presente! » não se descuide... eu vou romper do bastidor... sentido? (Vae entrar como Othelo.) Então?... snr. Antonio, não me esfrie a scena! não me esfrie a scena, sur. Antonio! não se importe com os applausos do publico... falle, homem!... com tresentos diablos diga « ei-lo presente! »

ANTONIO.

Meu amigo, o snr. não vae bem do juizo : lembre-se, meu caro snr. Calisto...

CALISTO.

Eu ja não sou Calisto ; sou Othelo, o Mouro de Veneza.

ANTONIO.

Mas repare que não estamos no theatro.

CALISTO.

Snr. Antonio, sabe o que é o genio?...

ANTONIO.

Ah! snr. Calisto, que pergunta me faz?... porque

deixei eu a minha antiga taberna e me fiz procurador de causas, senão por obedecer aos impulsos irresistíveis do genio?...

CALISTO.

Tem razão : o genio é um elemento impalpavel, um fogo tão maravilhoso, que até ás vezes pôde chegar a introduzir-se na alma de um taverneiro.

ANTONIO.

En?... como é isso?... que quer dizer com essa?...

CALISTO.

Quero dizer que o genio é o diabo. Olhe, snr. Antonio ; eu reconheço que já não sei a quantas anda o meu armario : já não como, e já não durmo socegado. Ha dias em que chega-me um freguez, pede-me cartas de jogar, e eu dou-lhe soldados de chumbo ; vem outro que pede thesouras, e eu dou-lhe obreas ; vem um terceiro que quer comprar agulhas, e eu lhe apresento correntes de papagaio. Á mesa do jantar encontro ás vezes a imagem de Pezaro em um pedaço de carne secca, e a de Hedelmonda n'um prato de arroz de leite. De noite, oh ! de noite a scena é tremenda e horrorosa : accordo espantado, envolvido no meu lençol, declamo furioso, e acabo sempre por assassinar Hedelmonda, dando com uma vela de sebo mil punhaladas no travesseiro. Oh ! o genio ! o genio é o diabo, snr. Antonio.

ANTONIO.

Mas desse modo, o snr. Calisto fechará dentro em pouco a porta do seu armario.

CALISTO.

Ora isto é insupportavel!... Quando estou tratando de cousas sérias, vem-me o snr. com banalidades! fallo-lhe em genio, e responde-me com o armarinho!

ANTONIO.

Mas o armarinho é que lhe dá aquillo com que se compram os melões.

CALISTO.

Mas o genio aborrece o positivismo e a realidade.

ANTONIO.

E a barriga, snr. Calisto?...

CALISTO.

Desgraçadamente a barriga do genio é tão exigente como a do cavallo e a do gato ; mas a nação deve sustentar os grandes homens que a illustram, e ao governo cumpre estabelecer pensões para elles.

ANTONIO.

Já ha muita gente, gente demais, que come o dinheiro da nação em santo ocio : meu caro snr. Calisto, a sinecura é uma snra. muito fidalga, que habita sómente em casas nobres e em elegantes sobrados, e não desce jamais ás casas terreas, e menos quererá ir morar em um armarinho.

CALISTO.

Pois é preciso fazer uma revolução.

ANTONIO.

Nada... nada : eu sei que a maior parte das revoluções

se fazem por causa da barriga ; mas em regras os homens das casas terreas não ganham cousa alguma com ellas. Snr. Calisto, cuide antes do seu armarinho : lembre-se de que me pediu a mão de minha filha, e que eu não posso querer para meu genro um genio sem vintem. Tome juizo, quando não, dou o dito por não dito, e mando-o procurar mulher na casa dos orates.

CALISTO.

Ao menos meu respeito vos aplaque ;
De meo corpo contaes as cicatrizes.

ANTONIO.

Repito-lhe que tenha juizo... o snr. já tem obrigação de attender aos meus conselhos!

CALISTO.

Esqueci-me dos bens que me fizestes.
Recordae-vos porém dos meus serviços,
Que me amastes, que eu saio de um combate,
E que este mouro emfim salvou o Estado.

ANTONIO.

Sim! e o mais é que salvando o Estado como o snr., conheço eu duas ou tres duzias de mouros da sua ordem. Snr. Calisto, cure-se dessa loucura diabolica : vá conversar com a Chiquinha, que está lá dentro com a nossa vizinha a dona Justina, e veja se o amor o póde livrar dessa triste mania. Eu vou para o jury : o snr. fez-me demorar mais do que devia, e o que faltava agora era o seu genio

ter feito que o impertinente do juiz de direito me impuzesse a maldita multa. Adeus, snr. Calisto ; adeus, e tenha juizo. (Vac-se.)

SCENA III

CALISTO, só.

É um estúpido, que não admira as explosões do genio! a minha encantadora Chiquinha, que é moça romântica, compreenderá e apreciará devidamente o meu enthusiasmo. Adoro esta rapariga tanto, como a minha parte de Othelo... sim... porque mais é impossivel. Oh! se fosse ella que fizesse o papel de Hedelmonda... com que prazer e arrebatamento eu lhe daria a punhalada do quinto acto! ao menos porém deve apparecer algum impeto de ciume no meio deste amor que experimento pela Tiquinha. Que sublimes ciumes não sentirei eu, agora que tenho de memoria todos os furores de Othelo! Um amor sem ciumes é como doce sem cravo nem canella. Sim... é preciso que eu me exaspere, que eu esbraveje mordido pela serpente do ciume. É preciso, é inevitavel, ou então não passarei de um Mouro de Veneza mnito ordinario. Se eu apanhasse um pretexto... a Chiquinha está de palestra com a dona Justina... Se da conversação destas duas moças eu pudesse arranjar um motivosinho mesmo do tamanho assim... bem lembrado... mas... eil-as que chegam : vou esconder-me embaixo desta

mesa para ouvir-as sem ser visto. Como é formosa a Chiquinha! (Esconde-se.)

SCENA IV

CALISTO, embaixo da mesa ; FRANCISCA e JUSTINA.

FRANCISCA.

Emfim! já se foi para o jury.

JUSTINA.

Sempre é bom vêr da janella, se elle realmente se vae.

FRANCISCA.

Sim ; vejamos. (Vão ambas á janella.)

CALISTO, á parte.

Nada no mundo e em toda a natureza
De tão pura virtude se aproxima.
É a virtude que os mortaes encanta...

JUSTINA.

Dobrou a esquina,

FRANCISCA.

Ainda bem. (Voltam á frente.) Independencia ou morte!

CALISTO, á parte.

Porque saudará a Chiquinha a independencia!... parece-me um pedaço de patriotismo um pouco fóra de proposito.

JUSTINA.

Mas então, dona Chiquinha, isto é sempre assim?...

FRANCISCA.

Sempre assim; pelo inenos desde oito dias é esta a vida que levo: foi ha oito dias a primeira vez que o vi; é um thesouro que devo á amizade de minha prima Luizinha; mas tambem desde oito dias, desde que elle é meu, tanto eu o amo, como meu pae mostra aborrecel-o.

CALISTO, á parte.

Bquito! bem fiz eu em esconder-me embaixo da mesa; mas quem será este elle que é della?

JUSTINA.

E porque tanto odio, dona Chiquinha?...

FRANCISCA.

Porque diz meu pae que elle é indigno de mim, e que eu devo vencer-me e desprezal-o. Oh! isto já me vae exasperando... talvez que me resolva a acabar por uma vez e bem cedo com este tormento.

JUSTINA.

E como?...

FRANCISCA.

Sou capaz de em menos de quinze dias estar casada com o Calisto do armarinho.

CALISTO, á parte.

E depois em menos de oito de pregar-me algum mono!... Oh! Hedelmonda de uma figa!

JUSTINA.

E elle que te ha de amar tanto...

FRANCISCA.

Por certo : morre por mim.

JUSTINA.

Disseram-me que o snr. Calisto é excessivamente ciumento.

CALISTO, á parte.

Não havia de ser, não, quando vou representar a parte do Mouro de Veneza.

FRANCISCA.

Sim... dizem isso ; mas embora : ainda quando eu lhe não tivesse amor algum, casar-me-ia com elle só para ver-me livre do máo genio e das impertinencias de meu pae... Ora só o odio que elle vota ao meu querido...

JUSTINA.

A quem?... ao snr. Calisto?...

FRANCISCA.

Não : quando eu digo meu querido está visto que não é do Calisto do armarinho que quero fallar.

CALISTO, á parte.

Pondo mesmo de parte o papel de Othelo, eu creio que vou me sentindo um pouco incommodado ! isto vae-me cheirando a desaforo.

FRANCISCA.

Pois bem ; como eu te dizia, meu pae vota-lhe um odio

de morte : diz que por causa delle não coso, não bordo e não estudo piano ha oito dias.

JUSTINA.

Que injustiça!

FRANCISCA.

E verdade! e então elle que gosta tanto de me ouvir tocar! ainda antehontem ao levantar-me do piano, encontrei-o ao pé de mim, e sabes o que fez?... beijou-me os dedos.

CALISTO, á parte.

Oh! desgraçado Othelo!...

JUSTINA.

Que amor!

FRANCISCA.

Ahi está! não diria isso meu pae : não sei porque o detesta : hontem depois de ralhar muito comigo, e de maldizel-o, perguntou-me affectando um sorriso ironico : « Porque te não casas com elle?... »

JUSTINA.

Que máo genio de homem!

FRANCISCA.

Ainda mais : a todo o momento lhe chama desenxabido e feio.

JUSTINA.

Outra injustiça, não é assim, dona Chiquinha?...

CALISTO, á parte.

Este diabo de moça apoia tudo! estava boa para deputado ministerial.

FRANCISCA.

Injustiça sem duvida : dize, dona Justina, seram feios aquelles olhos vivos e travessos?... será feio aquelle rosto redondo e branco?... seram feios aquelles pés tão pequeninos e feias aquellas mãos tão finas e tão macias? Oh! como deixar de amal-o?...

CALISTO, á parte.

Visto isso, o feio sou eu! Ah! quando eu tinha a idéa de fingir ciumes, entrar-me pelos ouvidos uma realidade que me parece um espeto em brasa!... Ah! fementida!...

JUSTINA.

Então tu o amas loucamente?

FRANCISCA.

Sim! eu o amo! será um capricho, uma loucura; mas não posso mais passar sem elle... eu dou-lhe os meus sorrisos de dia, e sonho com elle de noite.

CALISTO, á parte.

Minha desgraça é certa ; sim, eu vejo
Minha injuria. Esqueçamo-nos de tudo.
Morrámos.

JUSTINA.

Mas que paixão, dona Chiquinha!

FRANCISCA.

E o mais é que eu entendo que tenho todo o direito de amar a quem bem me parecer.

JUSTINA.

Eu tambem penso do mesmo modo : a vontade do cidadão é livre.

CALISTO, á parte.

Sim ; ainda mesmo quando está na cadeia.

FRANCISCA.

Pois não é assim?... não se falla tanto em direitos e garantias?... Quanto a mim, o direito e a garantia da mulher é amar a quem lhe agradar.

JUSTINA.

Apoiada, dona Chiquinha, apoiadissima.

CALISTO, á parte.

Que lingua de prata que tem a Chiquinha! o ladrão navia de representar bem o papel de Hedelmonda.

FRANCISCA.

Por consequencia meu pae não me póde exigir nao amar o meu querido.

JUSTINA.

Não de certo : isso seria uma suspensão de garantias.

FRANCISCA.

E portanto hei de amal-o sempre, e cada vez mais.

JUSTINA.

E fará muito bem.

CALISTO, á parte.

Olhem que demonio de conselheira !...

FRANCISCA.

Quando eu vier tocar piano, tel-o-ei ao pé de mim para que me ouça e me beije as mãos...

JUSTINA.

Isso... isso...

CALISTO, á parte.

E eu então que papel farei nesta tragedia domestica ?... sinto-me furioso... até já nem me lembra pedaço algum da parte de Othelo.

FRANCISCA.

Todas as tardes, enquanto meu pae dormir a sésta, elle e eu havemos de comer no mesmo prato do melhor doce que tivermos em casa...

CALISTO, á parte.

No mesmo prato e do melhor doce...

Com que ardil a fementida

Có a dór, e o pranto, e os olhos me enganava !

FRANCISCA.

E apesar de meu pae hei de sempre achar occasião de acaricial-o, e de gozar das duas caricias : ao levantar-me da cama... durante o dia... de noite mesmo procurarei vél-o, e provar-lhe que o amo.

CALISTO, á parte.

De noite tambem !... Oh ! mulher do diabo !...

JUSTINA.

Eis ahí como deveríamos ser todas : fortes... decididas...

FRANCISCA.

Agora meu pae para affligir-me diz que quer vêr se quando eu me casar com o Calisto, ainda farei as mesmas meiguices, e me portarei do mesmo modo com elle.

JUSTINA.

E você que pensa, dona Chiquinha?...

CALISTO, á parte.

Sim... vamos vêr o que pensa aquelle demonio de saia.

FRANCISCA.

Eu penso que posso muito bem depois de casada amal-o como agora ; penso que terej tempo de amar a meu marido, e a elle, e que até me será facil conseguir que meu marido o ame tambem.

CALISTO, á parte.

Já se viú que destino me reserva aquella sonsa!... Ah! punhal de Othelo! punhal de Othelo!...

JUSTINA.

Eu tambem julgo isso muito possivel e até natural.

CALISTO, á parte.

Pois não ! quando uma diz : « Mata, » a outra grita logo : « Esfola ! » Ah ! punhal de Othelo ! punhal de Othelo !...

FRANCISCA.

O meu querido ! ah ! mal podes conceber o susto que

por causa delle passei ainda ha pouco. Meu pae mandou-me estudar piano, eu vim, e apenas tinha tocado os primeiros compassos de uma peça, chegou o meu querido, e occupando uma cadeira que estava ao pé de mim, ficou immovel a ouvir-me tocar; mas logo depois ouço os passos de meu pae... Ah! não tive tempo senão de entrar alli na alcova, e de esconder o meu querido no meu proprio leito.

JUSTINA.

E depois ?...

FRANCISCA.

Depois meu pae não deixou mais esta sala ; agora porém aproveito o ensejo, e vou soltar o meu querido, que ficou trancado na alcova. (Vae.)

JUSTINA.

Sim... depressa... (Calisto salta debaixo da mesa.)

FRANCISCA.

Ah!...

CALISTO.

Ouvi tudo, mulher desleal e fementida! nada de frivolas desculpas; sei tudo: sei que tenho um rival ditoso, e que a minha noiva esconde o seu querido no seu proprio leito.

FRANCISCA.

Ah! ah! ah! ah!

CALISTO.

E ri-se ainda ?... Ah! punhal de Othelo! punhal de

Othelo!... sim... um mar de sangue vae inundar esta sala!...

Nossos leões dos ermos,
Em furor, nos seus antros abrasados,
Os viajores trem'los despedaçam ;
Melhor fôra para elle que os famintos
Leões em mil pedaços lhe espalhassem
As palpitantes carnes, do que agora
Vivo cahir em minhas mãos terriveis !

A chave d'aquella porta ! a chave d'aquella porta !

FRANCISCA.

Ah ! ah ! ah ! ah !

JUSTINA.

Que pretende fazer, snr. Calisto ?...

CALISTO, a Justina.

Concebe qual será meu regosijo
Vendo com olhos avidos a perfida
Sobre o cadaver palpitar do amante,
E contar seus suspiros dolorosos
Debaixo do punhal que vae uni-los.
Que é isto, Orhelo ?... Barbaro, suspende.

JUSTINA.

Snr. Calisto, ás vezes as apparencias enganam...

CALISTO, a Justina.

O furacão prediz a tempestade ;
No relampago o raio se annuncia ;

Dos leões do bosque ouve-se o bramido ;
Mas a mulher, oh ! céo !... perfida e calma
Nos embebe o punhal e nos afaga.
Chiquinha !...

FRANCISCA.

Sabe, que é mais, snr. Calisto?... a sua scena de Othelo
já está me aborrecendo muito !...

JUSTINA.

É melhor dizer-lhe tudo...

FRANCISCA.

Eu não lhe direi cousa alguma.

CALISTO.

E eu não preciso que me dêem explicações nem desculpas. Quero a chave d'aquella porta ! snra. dona Chiquinha, dê-me a chave d'aquella porta !

FRANCISCA.

E para que ?...

CALISTO.

Para ir procurar o meu indigno rival, e faltar no seu sangue a sêde de vingança que me devora !

FRANCISCA.

Ah ! ah ! ah ! ah !

CALISTO.

A chave d'aquella porta !

FRANCISCA.

Pois ei-la ahi : (Dá-lhe a chave.) Vergonha a quem recuar !

CALISTO.

Não serei eu... (Indo á porta parando.) Oh! punhal de Othelo! punhal de Othelo!

FRANCISCA.

Então, que é isso?... recúa?...

CALISTO.

Não! nunca! mas devo primeiramente ir buscar o punhal de Othelo no armarinho.

JUSTINA, que tem ido á janella.

Dona Chiquinha, ahi vem seu pae...

FRANCISCA.

Isto agora atrapalha-me : snr. Calisto...

CALISTO.

Nada ouço... vou buscar o punhal de Othelo...

SCENA V

OS PRECEDENTES, e ANTONIO.

FRANCISCA, á parte.

Agora, sim, tenho que ouvir de meu pae.

JUSTINA, a Francisca.

Disfarça o negocio, dona Chiquinha.

ANTONIO.

Oh! o snr. Calisto ainda aqui?... mas que diabo tem o snr. ?...

CALISTO, imitando Othelo.

Nada.

ANTONIO.

Dar-se-ha por acaso que esteja incommodado, homem?...

CALISTO.

Nossa alma e nosso corpo neccessitam,
Após grandes trabalhos, de repouso.
Sei que elle será longo... mas preciso...

FRANCISCA.

Papae, eu tenho feito quanto posso para com o meu amor destruir as afflicções do snr. Calisto...

CALISTO.

Eu agradeço vossa piedade.

ANTONIO.

Ah!... é a mania theatral! o bom do rapaz está ensaiando comnosco a parte de Othelo.

FRANCISCA.

Eu receio que o snr. Calisto tenha alguma profunda magua no coração...

CALISTO, a Francisca.

Creio que o vosso
Está tranquillo... sua paz é dada
Pela innocencia. Pezaro, saiamos!

(Agarra em Justina.)

JUSTINA.

Ai!... (Calisto vae sahir: Antonio o segura.)

ANTONIO.

O snr. atreve-se a dar abraços nas moças em minha casa, e mesmo á vista da sua noiva?...

CALISTO.

Snr. Antonio, nunca me esfrie as scenas!... deixe-me! deixe-me, que vou buscar o punhal de Othelo. (Vae-se.)

SCENA VI

FRANCISCA, JUSTINA e ANTONIO.

ANTONIO.

Está doido sem remissão.

FRANCISCA.

Eu creio que sim, papae. Elle já não diz cousa com cousa.

JUSTINA.

E agarra na gente, que faz medo!...

ANTONIO.

Perdoe-lhe, dona Justina, perdoe-lhe, porque o pobre rapaz não anda bom do juizo.

JUSTINA.

Ah! snr. Antonio, eu sou muito compássiva; apenas elle acabou de dar-me o abraço, que eu logo lhe perdoei.

ANTONIO.

E teve razão ; porque tambem um abraço não é lá um grande crime ; dê-me, porém, licença... vou tirar esta albarda e volto já... (Vae-se.)

SCENA VII

FRANCISCA e JUSTINA.

JUSTINA.

E agora ?...

FRANCISCA.

Agora é preparar-me para um sermão de duas horas ; porque de certo o meu bello noivo acaba por fazer alguma asneira.

JUSTINA.

Queres saber uma cousa, dona Chiquinha ?... o teu noivo é um tolo.

FRANCISCA.

É por essa razão que eu já tenho outro de olho.

JUSTINA.

Ah ! entao tu andas a duas amarras !

FRANCISCA.

E ainda assim póde o navio ir á garra.

JUSTINA.

Mas o tal snr. Calisto ! é um doido de pedras...

FRANCISCA.

Elle diz que tudo aquillo é genio.

JUSTINA.

Genio!... hoje em dia as mais bonitas palavras servem para esconder as mais tristes idéas...

FRANCISCA.

Mas o meu querido ! que será d'elle, dona Justina?...

JUSTINA.

Pois não ha uma outra chave que sirva n'aquella porta?...

FRANCISCA.

Qual! aqui só ha uma porta, que se abre com seis ou sete chaves...

JUSTINA.

Adivinho, que é a do teu coração.

FRANCISCA.

Tal e qual. Mas o meu querido...

JUSTINA.

Se pudessemos deitar a porta abaixo...

FRANCISCA.

Tempo perdido : aquillo é como porta de cadeia... só a fogo...

JUSTINA.

Admiro que já não se tenha queimado.

FRANCISCA.

Porque?...

JUSTINA.

Porque és tu que dormes n'aquella alcova...

FRANCISCA.

Mas o meu querido!... (Vae á porta e olha pela fechadura.) Lá está elle!... como é formoso!...

JUSTINA.

Deixa-me vêr. (Olha.) Tens razão : é muito bonito!

FRANCISCA, olhando.

Eu creio que elle está dormindo... que feiticeiro!

JUSTINA.

Elle mostra gostar muito da tua cama...

FRANCISCA.

Sem duvida; gosta muito... muito... (olhando) como é formoso o meu querido! olha outra vez, dona Justina...

SCENA VIII

FRANCISCA, JUSTINA e ANTONIO.

ANTONIO.

Que estás olhando pelo buraco da fechadura, Chiquinha?...

FRANCISCA.

Nada, não, snr. Era brinquedo. Papae voltou hoje muito cedo do jury.

ANTONIO.

Não houve sessão por falta de numero legal de jurados ; e por signal que o juiz de direito multou, como o diabo.

JUSTINA.

Bem feito ! eu se fosse homem, havia de ser um cidadão ás direitas...

ANTONIO.

Eis ahí como são as cousas ! e eu que sou homem de-sejava poder sel-o ás avessas... olhe que é muito incommodo, muito incommodo!...

FRANCISCA, á parte.

Coitadinho do meu querido !

SCENA IX

OS PRECEDENTES, e CALISTO, com um enorme punhal na cintura.

ANTONIO.

Oh ! que cara de algoz !...

JUSTINA.

Misericordia !...

FRANCISCA, á parte.

O maniaco vae pôr tudo em pratos limpos.

CALISTO, a Francisca.

Preparae-vos

FRANCISCA.

Preparar-me para que, snr. ?...

CALISTO, a Francisca.

Então que diabo é isto?...

ANTONIO, a Calisto.

Vossas preces a Deus hoje fizestes ?...

CALISTO, á parte.

Ora que este maldito estúpido teime sempre em esfriar-me as scenas!...

ANTONIO.

Que quer dizer esse punhal na cinta?... o snr. usa de armas prohibidas?... não sabe que o código criminal previniu esse abuso?...

JUSTINA.

Snr. Antonio, não o provoque.. elle parece que vae socegando.

CALISTO.

O furor 'stá no fundo do meu peito...

ANTONIO.

Mas o caso vae-se tornando um pouco serio : snr. Calisto... meu caro snr. Calisto... o snr. estremece...

CALISTO.

Quem?... estou tranquillo...

ANTONIO.

Quærem vêr que esta mania acaba mal?...

JUSTINA.

Tenha cuidado em sua filha, snr. Antonio...

ANTONIO.

Na Chiquinha?... que pretende o snr. da Chiquinha?...

CALISTO.

Pertença a outro esposo mais illustre ;
Contente e gloriosa, amando-o, goze
De uma vida feliz, enquanto Othelo
A paz terá no horror da sepultura.

Eis aqui a chave daquella alcova, snr. Antonio ; alli dentro da alcova, mesmo no leito de sua filha, está preso, encerrado, escondido, homisiado, occulto, protegido, e abafado um rival feliz, um namorado, um Adonis, um amante, um querido, um predilecto, um Loredano da minha noiva !...

ANTONIO.

Que escuto !... Chiquinha ! tu que dizes ?...

FRANCISCA.

É falso, papae ; eu nunca tive um namorado só na minha vida.

CALISTO.

Eu quero nesse sangue que aborreço,
No seu vil sangue mergulhar mil vezes
Esta chave !

ANTONIO.

Pois mergulhe, snr. Calisto, se é verdade, mergulhe até não poder mais.

FRANCISCA.

Papae!

ANTONIO.

Silencio! desgraçada! mergulhe, snr. Calisto; mergulhe sem medo, porque não é crime ou pelo menos tem circumstancias attenuantes a seu favor.

FRANCISCA.

Dona Justina!... e agora?...

JUSTINA.

Deixe ir a cousa para diante.

CALISTO, empunhando o punhal.

Ah! o punhal de Othelo!... o punhal de Othelo!...

Eu mesmo, á minha escolha,
Quero dar-lhe um supplicio; quero vê-lo
Soffrendo, inanimado e apressental-o
Ensanguentado aos olhos que o encantaram.

ANTONIO.

Não perca tempo, snr. Calisto; va matar e esartejar
o malvado!

CALISTO, a Francisca.

Vede este ferro!...

Eu vou, snr. Antonio: ah! punhal de Othelo! punhal
de Othelo! (Vae abrir o quarto e entra.)

FRANCISTA, a Antonio.

Papae, não ralhe comigo! perdoe-me!

ANTONIO.

Desgraçada! filha ingrata!... conta a minha maldição!...

FRANCISCA.

Não é caso de maldição, papae! é de ralhar só...

JUSTINA.

Tenha pena della, snr. Antonio...

ANTONIO.

Deixem-me!... (Calisto vem sabindo com um cachorrinho nos braços.)

CALISTO.

Onde irei?... onde estou? ah! Hedelmonda!... Hedelmonda!...

ANTONIO.

Que é isto?...

JUSTINA.

É o querido de dona Chiquinha!

FRANCISCA.

É o meu pobre cachorrinho, papae!... é o *Querido*!

ANTONIO.

E então..

JUSTINA.

O snr. Calisto ouviu fallar em querido, e pensou que era um namorado...

FRANCISCA.

Não ralhe comigo, papae !

ANTONIO.

Não de certo : d'ora avante dou-te licença para brincar com o teu cachorrinho. (A Calisto.) Que diz a isto, snr. Othelo?...

CALISTO, a Francisca.

Eu me detesto.

Fere : teu mal causando, eu sou indigno
De vêr-te ainda e de enxugar teu pranto.

FRANCISCA.

Deixe-me, snr. ; retire-se... fuja dos meus olhos...

CALISTO.

Pois tu me desprezas Chiquinha?... não queres mais casar comigo?... Chiquinhas, desculpa as explosões do genio !

FRANCISCA.

Nada : não quero para meu marido um genio que toma um cachorrinho por seu rival.

ANTONIO.

Bravo, minha filha ! manda esse louco para a casa dos Orates.

CALISTO.

Decidido?...

FRANCISCA.

Sem a menor duvida.

CALISTO.

Veja o que diz : depois quando acontecer alguma desgraça, não se arrependa.

FRANCISCA.

Succeda o que succeder, já disse,

CALISTO.

Pois bem ! terá a seus pés o meu cadaver : o punhal de Othelo !... punhal de Othelo !... veja lá !...

FRANCISCA.

Deixe-me : eu o desprezo... eu o aborreço...

CALISTO.

Oh ! mil vezes cruel, brutal Othelo !...
 E pude perpetrar tão feio crime !
 Que falsario infernal ! que homem ! que monstro !
 Quem viu jamais tão negra atrocidade ?...
 Oh ! Hedelmonda ! oh ! victima de um tigre !
 Fugam todos de mim... odeio tudo...
 Tudo me causa horror... só quero a morte.

(Finge que se mata.)

FRANCISCA.

Ah ! ah ! ah ! ah !

JUSTINA.

Ah ! ah ! ah ! ah !

ANTONIO.

Snr. Calisto, por quem é, tome juizo !

CALISTO, levantando a cabeça.

Snr. Antonio, com os tresentos diabos já lhe dice, que nunca me esfrie as scenas!... (Dá meio-dia.)

JUSTINA.

Meio-dia !

CALISTO, levantando-se apressado.

Meio-dia ! são horas do ensaio geral ! são horas do ensaio geral ! (Vae-se correndo.)

ANTONIO.

Está absolutamente doido ! (Francisca e Justina desatam a rir.)

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO TOMO

INDICE DO TOMO TERCEIRO

LUSBELLA .	1
O FANTASMA BRANCO .	151
O NOVO OTHELO .	383

A Confederação dos Tamoyos, 3ª edição, correcta e accrescentada pelo autor, 1 vol.	6\$000
Cantões Funebres, 1 vol.	4\$500
Factos do Espírito Humano (2ª edição), 1 vol.	6\$000
Opusculos Historicos e Littorarios (2ª edição), 1 vol.	6\$000
Orgato. Tragedia em 5 actos, 1 vol. enc. 2\$000, br.	1\$000
Orania. Collecção de 100 poestas ineditas. 1 vol. nitidamente impresso sob as vistas do autor e elegantemente encadernado.	4\$000
ZOLA (E.). — Nana, 2 vol. in-8º br.	3\$000

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

COLLECCÃO IN-12º a 1\$ br. E 1\$600 enc.

- VEIGA (L. F. da). — Dictionario dos nomes proprios, 1 vol.
- MUSSET (A. de). — O segredo de Javotte, 1 vol.
 — Contos, 1 vol. br.
 — Pedro e Camilla, 1 vol.
- PIRES DE ALMEIDA. — Martyres da vida intima, 1 vol.
- Jorge VELHO. — Folhas silvestres, 1 vol.
- SECOND (A.). — A Viscondessa Alice, 1 vol.
- BEMOPHILO. — Cathecismo constitucional, 1 vol.
- ALENCAR (J. de) — Til, 4 vol. br.
- GUIMÁRAES (B.). — O indio Afonso, seguido de — A morte de Gongalves Dias, 1 vol.
- FEUILLET (O.). — Julia, 1 vol.
 — Historia de uma pariziense, 1 vol.
- SANDEAU. — João de Thommeray, 1 vol.
- FAUSTO. — A caça de um baronato, 1 vol.
 — Casamento de tirar o chapéo, 1 vol.
 — Dous dias de felicidade no campo, 1 vol.
 — Um provinciano latino, 1 vol.
 — Scenas da vida republicana, 1 vol. 1\$600.
- KOCK junior. — O bom do Senhor Leitão, 1 vol.
 — Contos jocosos, 1 vol.
 — Um marido por um pé de meia, 1 vol.
 — O Pandego, 1 vol.
- BELOT. — A mulher de fogo, 2 vols.
- BELOT e DAUTIN. — O matricida, 2 vols.
 — Bacolard e Lubin, continuação do Matricida, 2 vols.
- DUMAS filho. — Sophia Printemps, 2 vols.
 — As mulheres que votão e as mulheres que matão, 1 vol.
- KOCK (Paul de). — Carotin, 3 vols. broch. 3\$000.
- A casa Perdaillon e Cª, 2 vols. enc. 3\$, broch. 2\$000.
- Fiquette; romance, 2 vols.
- Memorias; escriptas pelo proprio, 2 vols.
- ESOLANT (A.). — Confissão de um Badense, seguida de : O Coronel Hap-pethaler, 1 vol.
 — O Dr. Judassohn, 1 vol.

- GABORIAU (Émile). — A corda na garganta, 5 vols.
 — A vida infernal, 6 vols.
- MAX-VARLEY. — Martha, 3 vols.
- FÉVAL (P.). — O sobrevivente, 4 vol.
- FEYDEAU (E.). — A arte de agradar, dedicado ás brasileiras elegantes, 1 vol.
- MONTÉPIN (Xavier de). — O mau-do de Margarida, 1ª parte de: Os Dramas do Adulterio, 2 vols.
 — A Condessa de Nancy, 2ª parte de: Os dramas do Adulterio, 3 vols.
 — O amante de Alice, 3ª parte de: Os Dramas do Adulterio, 2 vols.
 — O Bigamo, romance, 4 vols.
- HOUSSAYE (Arsène). — Lucia, 2 vols.
- GAÜTHER (Theophilo). — Avatar, 1 vol.
- ABOUT (Ed.). — O Nariz de um Tabellião, 1 vol.
- FERVACQUES e BACHAUMONT. — Rolande, 2 vols.
- BELOT. — Esposa e Virgem, 1 vol.
- FREIRE. — A Paixão de Olympia, 1 vol.
- KOCK (Paulo de). — Paulo e seu cão, 4 vols.
- MOSAICO. — Collecção em versos e em prosa, 1 vol.
- PHILOGELUS. — Arte de ganhar dinheiro, 1 vol.
- PINHEIRO CHAGAS. — Portuguezes illustres, 1 vol.
- ROBERT. — O Marquez de Pombal, 1 vol.
- ZALUAR. — Contos da roça, 2 vols.
- ROSSELY DE LORGUES. — O Parocho, 1 vol.
- FIGUIER. — Christovão Colombo, 1 vol.

ROMANCES

DE

ALUISIO AZEVEDO

CASA DE PENSÃO, 1 vol. in-8º enc. 3\$, br..	2\$000
O HOMEM, 1 vol. in-8 enc. 3\$, br..	2\$000
O CORUJA, 1 vol. in-8º enc. 3\$, br.	2\$000
O MULATO, 1 vol. in-8º enc. 3\$, br.	2\$000
MEMORIAS DE UM CONDEMNADO, 1 vol. in-4º enc. 3\$, br.	2\$000
MYSTERIOS DA TIJUCA, 1 vol. in-4º enc. 3\$, br.	2\$000



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).